

DGRH/I
CC/IEL
P.1

PASTA Nº 01

Esta pasta que contém comprovantes curriculares de:
LUCY SEKI, numerados de 01 a 32, refere-se ao processo nº 5801/77, Vida Funcional em nome da interessada.

Zelinda
ZELINDA HELENA MARTINS
Chefe Adm Serviço
SRH - 01

SRH-01, 11.09.87



Fls. N.º _____

Pasta N.º _____

Rubrica. *V*

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MINAS GERAIS



COMARCA DA CAPITAL

TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL JURAMENTADO

Dr. Rodolpho Kindlé

RUA PERNAMBUCO, 1343 - APTº 2 - TELEFONE 35-7719
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL

Eu, RODOLPHO KINDLÉ, Tradutor Público e Intérprete Comercial JURAMENTADO, com Carta Patente Nº 919 de 23/10/42 e de acordo com o Decreto Nº 13.609 de 21/10/1943; CERTIFICO, que me foi apresentado um documento escrito em idioma INGLES/RUSSO e a pedido da parte interessada o traduzi fiel e literalmente para o vernáculo.

Nº 15319

A respectiva tradução diz o seguinte:

LIVRO "XXV"

" REPÚBLICAS SOCIALISTAS DA UNIÃO SOVIÉTICA

D I P L O M A

Com Honras

Nº 017848

Pelo presente certifica-se que LUCY SOARES FERREIRA foi admitida em 1963 em Patrice Lumumba Peoples' Friendship University, e em 1969 completou todo o curso da mesma Universidade tendo se especializado em Língua e Literatura Russa. Por resolução da Comissão Estatal de Exame de 25 de junho de 1969 ela está qualificada como Filologista. Por decisão especial da Comissão Estatal de Exame, LUCY SOARES FERREIRA tem direito ao grau de MESTRE EM HUMANIDADES EM FILOLOGIA;

Ela tem direito por este Diploma de desempenhar trabalho independente de qualquer espécie com relação à qualificação e especialidade supra mencionadas. Presidente da Comissão Estatal de Exame, (ass.:) ilegível. Reitor, (ass.:) ilegível. Deão da Faculdade, (ass.:) ilegível. Moscou, 27 de junho de 1969. Registro Nº 356. Carimbo.--

(No verso:) Um reconhecimento e carimbo escritos em Russo. Reconheço verdadeira a firma supra de I. Vassilav, Chefe da Seção do Departamento Consular do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS. E, para constar onde convier, mandei passar o presente, que assinei e fiz selar com o Selo desta Embaixada. Para que este documento produza efeito

to no Brasil, deve a minha assinatura ser por seu turno le
galizada na Secretaria de Estado das Relações Exteriores
ou nas Repartições Fiscais da República. Moscou, 4 de se-
tembro de 1972. (ass.:) Heloisa Vilhena de Araujo, Encarreg
gada do Serviço Consular. Há a indicação da tarifa e tabe-
la e duas estampilhas consulares obliteradas pelo carimbo,
que reza: Embaixada da República Federativa do Brasil -
Moscou."- - - - -

Nada mais continha o documento apresentado, que, a pedido
verbal da parte interessada e em virtude do meu cargo bem
e fielmente traduzi para o vernáculo. Em fé de que lavrei
a presente que vai por mim assinada para constar onde con
vier.

BELO HORIZONTE, aos 26 de novembro de 1973.

TRADUTOR PÚBLICO JURAMENTADO

Rovô Epistemi
Tradutor Público Juramentado

СОЮЗ СОВЕТСКИХ СОЦИАЛИСТИЧЕСКИХ РЕСПУБЛИК

ДИПЛОМ

С ОТЛИЧИЕМ

ДИ. № 017848

Настоящий диплом выдан

Луси Соарес Феррейра

и свидетельствует о том, что она в 1963 году поступила в
Университет дружбы народов
имени Патриса Лумумбы
и в 1969 году окончила полный курс
названного университета

по специальности *Русский язык и литература*

Решением Государственной экзаменационной комиссии

от 25 июня 1969 года

Луси Соарес Феррейра

присвоена квалификация *филолога*

Особым решением Государственной экзаменационной комиссии

Луси Соарес Феррейра

присуждена ученая степень

Магистра филологических наук

Настоящий диплом дает право на самостоятельное выполнение всех работ, связанных с полученной квалификацией и специальностью.

Председатель Государственной

экзаменационной комиссии

Ректор

Факультета

Москва

И. И. Грозин

Грозин

27 июня 1969 г.

Регистрационный № *356*

Гознак. 1969.

UNION OF SOVIET SOCIALIST REPUBLICS

DIPLOMA

WITH HONOURS

ДИ. № 017848

This is to certify that

LUCY SOARES FERREIRA

was admitted in 1963 to the *Patrice Lumumba*
Peoples' Friendship University

and in 1969 completed the full course of
the same University

having specialized in *Russian Language and*
Literature

By the Resolution of the State Examination Commission of

June 25, 1969 he/she is qualified as

Philologist

By the special decision of the State Examination Commission

LUCY SOARES FERREIRA

is awarded the degree

of Master of Arts in Philology

He/she is entitled by this Diploma to carry out independent work of any kind connected with the above-mentioned qualifications and speciality.

Chairman of the State

Examination Commission

Ректор

Dean of the Faculty

Moscow, June 27, 1969



И. И. Грозин

Грозин

Regd No. *356*

Настоящий документ легализован в
Консульском управлении Министерства
иностраннх дел СССР

„22“ августа 1972.

Заверенный отделом Консульского
управления МИД СССР



U. Hamme

/И. Васильев/



Recbi 466000 ou 266000 T-54.

Reconheço verdadeira a firma supra de

I. Vassiliev, Chefe de Seção do De-
partamento Consular do Ministério
dos Negócios Estrangeiros da URSS.

E, para constar onde convier, mandei passar o presente, que assinei e fiz
sellar com o Selo desta Embaixada. Para que este documento produza
efeito no Brasil, deve a minha assinatura ser por seu turno legalizada
na Secretaria de Estado das Relações Exteriores ou nas Repartições
Fiscais da República.

Moscou 4 de Setembro de 1972.

Melissa Villena de Araújo
Encarregado do Serv. Consular



30 TABELIONATO DE NOTAS
RUA DA GLÓRIA, 98 - TEL. 35-9104
AUTENTICAÇÃO:- Esta cópia con-
tém com a frente e verso do original
PAULO, 18 DE OUT. DE 1972

Augusto de Almeida
Escritor
Autorizado
PAULO, 18 DE OUT. DE 1972

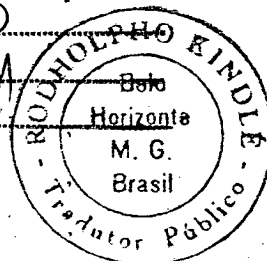


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE MINAS GERAIS

Fls. N.º 3

Rubrica.

**COMARCA DA CAPITAL**

TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL JURAMENTADO

*Dr. Rodolpho Kindlé*RUA PERNAMBUCO, 1343 - APTº 2 - TELEFONE 35-7719
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL

Eu, RODOLPHO KINDLÉ, Tradutor Público e Intérprete Comercial JURAMENTADO, com Carta Patente Nº 919 de 23/10/42 e de acordo com o Decreto Nº 13.609 de 21/10/1943, CERTIFICO, que me foi apresentado um documento escrito em idioma -INGLES/RUSSO- e a pedido da parte interessada o traduzi fiel e literalmente para o vernáculo.

Nº 15322

A respectiva tradução diz o seguinte:

LIVRO "XXV"" PATRICE LUMUMBA PEOPLES' FRIENDSHIP UNIVERSITY

Índice ao Diploma Nº 017848

RELATÓRIO DE QUALIFICAÇÃO

(sem valor sem o diploma)

LUCY SOARES FERREIRA durante o período de estudos na Faculdade de História e Filologia de Patrice Lumumba Peoples' Friendship University desde 1963 até 1969 passou nos exames e testes nas seguintes matérias na especialidade: Língua e Literatura Russa.

Matérias	Horas	Notas
1. Língua Russa	940	muito bom
2. Pequeno Curso em História e Economia	118	crédito
3. Geografia	76	muito bom
4. Prática em Russo	966	muito bom
5. Língua Estrangeira (Inglês)	268	muito bom
6. Economia Política	144	muito bom
7. História da URSS	108	muito bom
8. Introdução a Linguística	72	muito bom
9. Fonéticas Russas Modernas	180	muito bom
10. Gramática Russa Moderna	324	muito bom
11. Fundamentos de Criticismo Literário	72	muito bom
12. Literatura Russa e Soviética	428	muito bom
13. Língua Estrangeira	321	muito bom
14. Latim	108	muito bom
15. Filosofia	186	muito bom
16. Lógica	54	crédito

17. Psicologia	72	muito bom
18. Teoria da Tradução	56	muito bom
19. Fundamentos da Lexicologia e Lexicografia	68	crédito
20. Literatura das Nações da URSS	28	crédito
21. Estilistas Russos Modernos	56	muito bom
22. Dialetologia Geral	36	crédito
23. Métodos de Ensino da Língua e Literatura Russa	85	crédito
24. Pedagogia	68	muito bom
25. História da Língua	118	muito bom
26. Linguística Geral	28	muito bom
27. Teoria da Literatura	56	muito bom

Cursos Especiais e Seminários

1. Estudo Comparativo das Línguas	72	crédito
2. Língua de Manuscritos Romanos Antigos	28	crédito
3. História de Teorias Linguísticas	28	crédito
4. Toponímia	14	crédito
5. Lógica e Gramática	28	crédito

Papeis do Curso

1. Observação da Toponímia do Brasil	Muito bom
2. Análise de Estrutura Sintática	muito bom
3. Estudo das Línguas Américo-Indianas	muito bom

Treinamento Prático: Acadêmico - 7 semanas crédito

Pré-Diploma - 8 semanas muito bom

Trabalho em papel de diploma - 12 semanas muito bom

Passou nos Exames Estaduais da Língua Russa com a nota muito bom

e defendeu seu diploma com o tema "Descrição da Língua Komayura" na cadeira de Linguística Geral, com a nota muito bom. Reitor, (ass.:) ilegível. Deão, (ass.:) ilegível. Secretário, (ass.:) ilegível. Moscou, 27 de junho de 1969. Registro Nº 356. Carimbo.

Há no documento um reconhecimento e carimbos em Russo.:-

(Em folha anexa:) Reconheço verdadeira a firma supra de I. Vassilev, Chefe de Seção do Departamento Consular do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS. E, para constar onde convier, mandei passar o presente, que assinei e fiz selar com o Selo desta Embaixada. Para que este documento produza efeito no Brasil, deve a minha assinatura ser por seu turno legalizada na Secretaria de Estado das Relações Exteriores ou nas Repartições Fiscais da República. Moscou, 4 de setembro de 1972. (ass.:) Heloisa Vilhena de Araújo, Encarregado do Serviço Consular. Há a indicação da tarifa e

tabela e duas estampilhas consulares obliteradas pelo carimbo, que reza: Embaixada da República Federativa do Brasil - Moscou."- - - - -

Nada mais continha o documento apresentado, que, a pedido verbal da parte interessada e em virtude do meu cargo bem e fielmente traduzi para o vernáculo. Em fé de que lavrei a presente que vai por mim assinada para constar onde convier.

BELO HORIZONTE, aos 26 de novembro de 1973.

Horacio Leite

TRADUTOR PÚBLICO JURAMENTADO.

Horacio Leite
Tradutor Publ. Juramentado

Subjects	Hours	Marks
Special Courses and Seminars:		
1. Comparative Study of Languages	72	credit
2. Language of Ancient Roman Manuscripts	28	credit
3. History of Linguistic Theories	28	credit
4. Toponymy	14	credit
5. Logic and Grammar	28	credit
Course Papers:		
1. The observation of Brasil's toponymy		very good
2. The analysis of synthactical structure		very good
3. The study of Americo-Indian languages		very good
Practical Training: Academic — 7 weeks		credit
Pre-diploma — 8 weeks		very good
Work on diploma paper — 12 weeks		very good
Passed State Examinations in the Russian Language with the mark		very good

and defended his/her diploma paper on the theme **"The description of the Komayura language"**

at the Chair of **General Linguistics**
with the mark **very good**

RECTOR

DEAN

SECRETARY

June, 27

1969

Registration No. 356



УНИВЕРСИТЕТ ДРУЖБЫ НАРОДОВ имени ПАТРИСА ЛУМУМБЫ
Приложение к диплому № 017848

ВЫПИСКА ИЗ ЗАЧЕТНОЙ ВЕДОМОСТИ

(без диплома недействительна)

ЛУСИ СОАРЕС ФЕРРЕЙРА

за время пребывания на историко-филологическом факультете Университета дружбы народов им. Патриса Лумумбы с 1963 г. по 1969 г. сдал экзамены и зачеты по следующим дисциплинам специальности «Русский язык и литература»:

Наименование дисциплин	Колич. часов	Оценка
1. Русский язык	940	ОТЛИЧНО
2. Историко-экономический обзор	118	зачтено
3. География	76	зачтено
4. Практика русского языка	966	ОТЛИЧНО
5. Иностранный язык (АНГЛИЙСКИЙ)	268	ОТЛИЧНО
6. Политическая экономия	144	ОТЛИЧНО
7. История СССР	108	ОТЛИЧНО
8. Введение в языкознание	72	ОТЛИЧНО
9. Фонетика современного русского языка	180	ОТЛИЧНО
10. Грамматика современного русского языка	324	ОТЛИЧНО
11. Основы литературоведения	72	ОТЛИЧНО
12. Русская и советская литература	428	ОТЛИЧНО
13. Зарубежная литература	321	ОТЛИЧНО
14. Латинский язык	108	ОТЛИЧНО
15. Философия	186	ОТЛИЧНО
16. Логика	54	зачтено
17. Психология	72	ОТЛИЧНО
18. Теория перевода	56	ОТЛИЧНО
19. Основы лексикологии и лексикографии	68	зачтено
20. Литература народов СССР	28	зачтено
21. Стилистика современного русского языка	56	ОТЛИЧНО
22. Общая диалектология	36	зачтено
23. Методика преподавания русского языка и литературы	85	зачтено
24. Педагогика	68	ОТЛИЧНО
25. История языка	118	ОТЛИЧНО
26. Теория литературы	56	ОТЛИЧНО
27. Общее языкознание	28	ОТЛИЧНО

Rubrica.

Pasta No.

Fis. No.

**PATRICE LUMUMBA
PEOPLES' FRIENDSHIP UNIVERSITY**

Appendix to Diploma No. 017848

QUALIFICATION RECORD

(invalid without diploma)

LUCY SOARES FERREIRA

within the period of studies at the Historical and Philological Faculty of the Patrice Lumumba Peoples' Friendship University from 1963 to 1969 passed examinations and tests in the following subjects in the speciality "Russian Language and Literature"

Subjects	Hours	Marks
1. Russian Language	940	very good
2. Brief Course in History and Economics	118	credit
3. Geography	76	very good
4. Practice in Russian	966	very good
5. Foreign Language (English)	268	very good
6. Political Economy	144	very good
7. USSR History	108	very good
8. Introduction into Linguistics	72	very good
9. Modern Russian Phonetics	180	very good
10. Modern Russian Grammar	324	very good
11. Fundamentals of Literary Criticism	72	very good
12. Russian and Soviet Literature	428	very good
13. Foreign Literature	321	very good
14. Latin	108	very good
15. Philosophy	186	very good
16. Logics	54	credit
17. Psychology	72	very good
18. Theory of Translation	56	very good
19. Fundamentals of Lexicology and Lexicography	68	credit
20. Literature of USSR Nationalities	28	credit
21. Modern Russian Stylistics	56	very good
22. General Dialectology	36	credit
23. Methods of Teaching Russian Language and Literature	85	credit
24. Pedagogics	68	very good
25. Language History	118	very good
26. General Linguistics	28	very good
27. Theory of Literature	56	very good

Наименование дисциплин	Колич. часов	Оценка
Спецкурсы и спецсеминары:		
1. Сопоставительное изучение языков	72	зачтено
2. Язык древнероманских памятников	28	зачтено
3. История лингвистических учений	28	зачтено
4. Топонимика	14	зачтено
5. Логика и грамматика	28	зачтено

Курсовые работы:

1. Наблюдения над топонимикой Бразилии	-	отлично
2. Анализ синтаксической структуры	-	отлично
3. Изучение американо-индейских языков	-	отлично

Практика: учебная — 7 недель
преддипломная — 8 недель
Выполнение дипломной работы — 12 недель

Сдал государственные экзамены по русскому языку с оценкой ОТЛИЧНО

Защитил дипломную работу на тему: **"Описание языка комаюра"**

с оценкой ОТЛИЧНО по кафедре ОБЩЕГО ЯЗЫКА



~~Д~~РЕКТОР

ЕКАН

СЕКРЕТАРЬ

„27“ ИЮНЯ 1969г.

Регистрационный № 356



Настоящий документ легализован в
Консульском управлении Иностранного
Министерства

иностранных дел СССР

Заседующий отделом Консульского

Управления МИД СССР

No 572/5199

No 572/5199

Recbi 646,00 ou Rb. 6.00
T. 54c

Reconheço verdadeira a firma supra de
I. Vassilev, Chefe de Seção do
Departamento Consular do Ministério
dos Negócios Estrangeiros da URSS.

E, para constar onde convier, mandei passar o presente, que assinei e fiz
selar com o Selo desta Embaixada. Para que este documento produza
efeito no Brasil, deve a minha assinatura ser por seu turno legalizada
na Secretaria de Estado das Relações Exteriores ou nas Repartições
Fiscais da República.

Moscou, 4 de setembro de 1972.



Alcides Villera de Araújo
Encarregado do Serv. Consular.





Fls. N.º 5
Pasta N.º 1
Rubrica. /

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MINAS GERAIS

COMARCA DA CAPITAL

TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL JURAMENTADO

Dr. Rodolpho Kindlé

RUA PERNAMBUCO, 1343 - APTº 2 - TELEFONE 35-7719
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL



Eu, RODOLPHO KINDLÉ, Tradutor Público e Intérprete Comercial JURAMENTADO, com Carta Patente Nº 919 de 23/10/42 e de acordo com o Decreto Nº 13.609 de 21/10/1943, CERTIFICO, que me foi apresentado um documento escrito em idioma - INGLÊS/RUSSO - e a pedido da parte interessada o traduzi fiel e literalmente para o vernáculo.

Nº 15321

A respectiva tradução diz o seguinte:

LIVRO "XXV"

"PATRICE LUMUMBA PEOPLES' FRIENDSHIP UNIVERSITY

D I P L O M A

Nº 0003111

Pelo presente certifica-se que LUCY SOARES FERREIRA durante seus estudos em Patrice Lumumba Peoples' Friendship University, desde 1963 até 1969 completou o curso da Universidade de língua Russa e passou no Exame Estadual na Língua Russa com a nota muito bom.

A Junta de Exame Estadual certifica que ela está qualificada como intérprete da língua Russa para o Português. Presidente da Junta Estadual de Exame, (ass.:) ilegível. Reitor, (ass.:) ilegível. Carimbo.

Moscou, 11 de dezembro de 1970. Registro Nº 165."-- --

Nada mais continha o documento apresentado, que, a pedido verbal da parte interessada e em virtude do meu cargo bem e fielmente traduzi para o vernáculo. Em fé de que lavrei a presente que vai por mim assinada para constar onde convier.

BELO HORIZONTE, aos 26 de novembro de 1973.

RODOLPHO KINDLÉ
TRADUTOR PÚBLICO JURAMENTADO.

Rodolpho Kindlé

Tradutor Público Juramentado

Fls. N.o 6
Pasta N.o 1
Rubrica. ✓



Министерство высшего
и среднего специального образования
СССР

ВЫСШАЯ АТТЕСТАЦИОННАЯ
КОМИССИЯ



Fls. N.º 7
Pasta N.º 4
Rubrica.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MINAS GERAIS



COMARCA DA CAPITAL

TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL JURAMENTADO

Dr. Rodolpho Kindlé

RUA PERNAMBUCO, 1343 - APTº 2 - TELEFONE 35-7719
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS - BRASIL

Eu, RODOLPHO KINDLÉ, Tradutor Público e Intérprete Comercial JURAMENTADO, com Carta Patente Nº 919 de 23/10/42 e de acordo com o Decreto Nº 13.609 de 21/10/1943, CERTIFICO, que me foi apresentado um documento escrito em idioma — INGLÊS/RUSSO — e a pedido da parte interessada o traduzi fiel e literalmente para o vernáculo.

Nº 15320

A respectiva tradução diz o seguinte:

LIVRO "XXV"

"

A COMISSÃO SUPREMA DE ATESTADO

sob recomendação do Conselho da Peoples' Friendship University, pela presente confere a LUCY SOARES FERREIRA o grau de DOUTOR EM FILOSOFIA EM FILOLOGIA (Ph.D) em reconhecimento à sua proficiência nos estudos gerais e especiais e pesquisa prescrita pela mencionada Universidade para tal grau.

Dado sob o selo da Comissão de Moscou, URSS.

(ass.:) ilegível, Presidente.

(ass.:) ilegível, Secretário.

MKAII Nº 002489. Moscou, 23 de maio de 1973." - - - - -

Nada mais continha o documento apresentado, que, a pedido verbal da parte interessada e em virtude do meu cargo bem e fielmente traduzi para o vernáculo. Em fé de que lavrei a presente que vai por mim assinada para constar onde convier.

BELO HORIZONTE, aos 26 de novembro de 1973.

Rodolpho Kindlé

TRADUTOR PÚBLICO JURAMENTADO.

Rodolpho Kindlé
Tradutor Público Juramentado.

УНИВЕРСИТЕТ ДРУЖБЫ НАРОДОВ имени ПАТРИСА ЛУМУМБЫ
PATRICE LUMUMBA PEOPLES' FRIENDSHIP UNIVERSITY
UNIVERSITE DE L'AMITIE DES PEUPLES PATRICE LUMUMBA
UNIVERSIDAD DE LA AMISTAD DE LOS PUEBLOS "PATRICIO LUMUMBA"

Ordzhonikidze street 3, Moscow, U.S.S.R.

№ 144/44

6. июля 1973

C E R T I F I C A D O

Con el presente se certifica que la Dra. Lucy Soares Ferreira (Brasil) siguió un curso de postgrado en la Cátedra de Lingüística General de la Facultad de Historia y Filología de la Universidad de la Amistad de los Pueblos "Patricio Lumumba" desde setiembre de 1969 hasta abril de 1973. Durante este período llevó a cabo el siguiente plan de preparación académica:

1. Aprobó los siguientes exámenes con las siguientes calificaciones:

- a) Lengua Rusa - sobresaliente;
- b) Americanística - sobresaliente;
- c) Lingüística General - sobresaliente;
- d) Filosofía - sobresaliente;

2. Dictó las siguientes conferencias:

- a) "Expedición a la tribu kamayura (sobre la cultura de los indios suramericanos)" - en la sesión del Departamento de América del Instituto de Etnografía de la A.C.URSS (Academia de Ciencias de la URSS) bajo la presidencia del prof. A.V. Efímov, miembro-correspondiente de la A.C.URSS;
- b) "Fonología de la Lengua kamayurá" - en la Cátedra de la Lingüística General de la Universidad de la Amistad de los Pueblos "Patricio Lumumba";
- c) "El sistema de pronombres personales de la lengua tupinambá" en la "Conferencia sobre cuestiones de indianística" (sección Lingüística) en la Universidad de la Amistad de los Pueblos "Patricio Lumumba";
- d) "Los indios kamayurá" - en la "conferencia sobre cuestiones de indianística" (Sección Etnográfica) en la Universidad de la Amistad de los Pueblos "Patricio Lumumba";
- e) "Algunas cuestiones acerca del idioma y de la vida de los indios kamayurá" - en el Instituto de Lengua Rusa de la A.C.URSS.

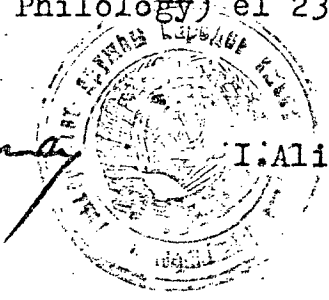
3. Publicó los siguientes artículos:

- a) "Los indios kamayurá (según las impresiones personales)" - Revista "Etnografía Soviética", 1970, No4;
 - b) "Algunos problemas del sistema morfológico de la lengua kamayurá" - Colección "Trabajos Científicos de los post-graduados", UAP, 1973, No10.
4. Lucy Soares Ferreira participó en el seminario sobre Lingüística General dirigido por el prof. D.E. Mijalchi (40 horas).
5. Participó en los círculos de estudio de las lenguas indígenas (guarani (50 horas) y kechua (40 horas) con portadores de las lenguas.
6. Dió clases prácticas de la asignatura "Introducción a la Lingüística" (20 horas).
7. Trabajó en el Laboratorio de Fonética Experimental del Instituto de Lengua Rusa de la A.C. URSS bajo la dirección del prof. S.S. Vysotsky, director del Laboratorio, Candidato a Doctor en Ciencias Filológicas (104 horas) y en el Laboratorio de la Cátedra de Lingüística Estructural y Aplicada de la Universidad Estatal de Moscú bajo la dirección del prof. S.V. Kodzásov (150 horas).
8. Elaboró el material lingüístico recogido en Brasil, entre los portadores de la lengua kamayurá, y en base a este material escribió la tesis "La lengua kamayurá (fonética y fonología, nociones de gramática)" bajo la orientación del prof. D.E. Mijalchi, Doctor en Ciencias Filológicas.
9. La tesis fue altamente valorada en la sesión ampliada del Consejo Científico de la Facultad de Historia y Filología de la Universidad de la Amistad de los Pueblos "Patricio Lumumba" (con participación de los doctores en ciencias filológicas, profesores G.A. Klímov y O.S. Shirókov). Sobre todo se hizo notar la acertada interpretación de la fonética y fonología de la lengua kamayurá, del material extralingüístico utilizado por la disertante. La Comisión Superior de Títulos del Ministerio de la Enseñanza Superior y Media Especializada de la URSS otorgó a Lucy Soares Ferreira el diploma No002489 que le confiere el grado de Doctor en Filosofía (Ph.D. Philology) el 23 de Mayo de 1973.

Vice-rector

L. Soares Ferreira

I. Aliskerov



Fls. N.º 09
Pasta N.º 01
Rubrica Jfb

Fls. N.º	<u>149</u>
Proc. N.º	<u>5830/77</u>
Rub	<u>Urboum?</u>

M E M O R I A L

Fls. N.º	<u>168</u>
Proc. N.º	<u>5801/77</u>
Rub.	<u>Jfb</u>

Dada a destinação deste memorial, nele apresento informações e considerações que penso serem relevantes para uma avaliação de meu desempenho acadêmico e que se referem basicamente ao período posterior ao doutoramento.

1) Centrada na área de Linguística Indígena e Antropológica, minha pesquisa tem se desenvolvido em duas direções: a da documentação e descrição de línguas indígenas, com os projetos Kamaiurá (família Tupi-Guarani) e Krenak/Nakrehe (família Botocudo), e a do estudo tipológico de línguas do tronco Tupi, com o projeto "Análise sincrônica e diacrônica dos sistemas sintáticos de línguas tupi", desenvolvido em conjunto com o Dr. F. R. Brandon.

A escolha dessa área deve-se à consciência de que o estudo de línguas indígenas constitui uma tarefa de suma importância, sendo indispensável para o desenvolvimento da linguística. A ciência da linguagem, tendo como objetivo a determinação dos princípios gerais a que se submetem as estruturas das línguas deve apoiar-se em base empírica ampla e representativa, que inclua línguas dos mais variados tipos e filiações genéticas. As línguas indígenas, sendo numerosas e diversificadas, têm aí um papel relevante. O conhecimento dessas línguas ou leva à confirmação de princípios já estabelecidos com base em outras línguas, ou (como tem ocorrido com línguas indígenas brasileiras), ao revelar a existência de fatos novos e incomuns, até então não previstos na teoria, contribui para o desenvolvimento da mesma na medida em que torna possível a incorporação de tais fatos.

Não menos relevante é o estudo dessas línguas para a linguística histórico-comparativa, dado que uma condição indispensável para a detecção de relações históricas entre línguas de uma mesma família ou de diferentes famílias é a produção de descrições adequadas de cada uma delas.

Ao mesmo tempo o trabalho de documentação e descrição de línguas indígenas reveste-se de um caráter de extrema urgência visto que elas desaparecem rapidamente, seja



Fls. N.º 10
Pasta N.º 91
Rubrica 286

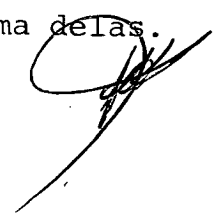
Fls. N.º	150
Proc. N.º	8830/27
Rub.	Alourens

Fls. N.º 2.169
Proc. N.º 5801/77
dis- Dr

pela extinção biológica dos falantes, seja, em certos casos, pela progressiva adoção de outras línguas. As evidências são claras e muitas. Creio porém suficiente notar que a população indígena brasileira, orçada em milhões no século XVI, não chega hoje à casa dos cem mil. Os próprios Kamaiurá, que contavam quatro aldeias em fins do século passado, estão hoje reduzidos a apenas uma, com cerca de cento e cinquenta habitantes, e foi só graças a um relativo isolamento que puderam conservar sua primitiva cultura e sua língua.

Situação mais drástica é a da família Botocudo, cujos representantes, além de um violento processo de extinção física, sofreram também assimilação cultural e lingüística. Tendo ocupado no passado uma enorme área geográfica, que se estendia do rio Pardo, na Bahia, até o rio Doce, no Espírito Santo e em Minas Gerais, essa família vê-se atualmente reduzida a poucos representantes dos dialetos Krenak e Nakrehe. Deles, apenas cerca de quinze, em sua maioria adultos acima de quarenta anos mantêm, em graus variáveis, um conhecimento da língua materna. A comunidade Botocudo em geral caracteriza-se por um alto grau de miscigenação, responsável em parte pela dispersão desses falantes por diferentes localidades, o que torna difícil o uso da língua.

Com relação ao Kamaiurá, há um aspecto a ser considerado, e que estabelece uma ligação entre o estudo dessa língua e o trabalho desenvolvido no projeto de análise sincrônica e diacrônica dos sistemas sintáticos de línguas Tupi. Sabe-se que no Alto Xingu coexistem tribos de diferentes origens e que, entretanto, apresentam grande uniformidade cultural, constituindo a língua a única especificidade de cada grupo face aos demais. Nessas condições a cultura não oferece um ponto de partida para determinar a procedência dos falantes e, no caso dos Kamaiurá, isso fica na dependência praticamente exclusiva da comparação detalhada de sua língua com as demais línguas tupi, comparação essa que pressupõe um conhecimento amplo da gramática e do acervo lexical de cada uma delas.



Fls. N.º 11
Pasta N.º 01
Rubrica 7/6

Fls. N.º 170
Proc. N.º 5801/77
Rub. 8

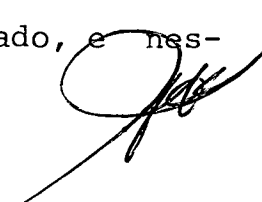
Fls. N.º 151
Proc. N.º 5830/77
Rub. Albuquerque

3.

Mencionadas algumas razões objetivas que me levaram ao estudo de línguas indígenas em situações que envolvem a necessidade de campo, gostaria agora de notar que, de um ponto de vista pessoal, tenho particular satisfação em ter optado por essa área, o que vem me propiciando, entre outros benefícios, a possibilidade de um contato humano extremamente enriquecedor e o impulso no sentido de buscar um aprofundamento nas diversas áreas da lingüística, por força das solicitações que vão se colocando à medida em que avanço na investigação do objeto. Tive também prazer em perceber que o que antes julgava ser uma limitação pessoal capaz de me trazer dificuldades nessa área de estudo se revelou, ao contrário, benéfico: a personalidade tendente mais ao introvertido, e que pensei dificultaria o relacionamento com os informantes, resultou na realidade em fator positivo, pois permitindo um maior espaço ao interlocutor possibilitou uma comunicação verdadeiramente dialógica e, por isso mesmo, enriquecedora.

2) O trabalho na área de línguas indígenas iniciou-se durante o período de meus estudos de pós-graduação na Universidade da Amizade dos Povos, em Moscou. Em 1968, após cumprir um ano de curso preparatório e dois anos de mestrado, estando no Brasil em gozo de licença acadêmica realizei uma viagem à aldeia Kamaiurá, onde permaneci por três meses em companhia da antropóloga Dra. Carmen Junqueira. Essa estada entre os Kamaiurá e a convivência com especialista de tal competência e dotada de qualidades humanas tão excepcionais constituíram-se para mim em experiência marcante, que se fez sentir na minha própria maneira de encarar o estudo de uma língua indígena e o relacionamento com a comunidade em estudo. A vivência real, partilhada na comunidade me fez chegar a uma dimensão muito mais ampla do problema indígena em geral e acentuou em mim a consciência da grande responsabilidade social do pesquisador.

Devo reconhecer que minha decisão em iniciar então o estudo de uma língua indígena, bem como a possibilidade de visitar a aldeia Kamaiurá surgiram de modo inesperado, e nes-



Fls. N.º 12
Pasta N.º 01
Rubrica IVB

Fls. N.º 171
Proc. N.º 5801/77
Rub. IV

Fls. N.º 152
Proc. N.º 5830/77
Fub W. Loung

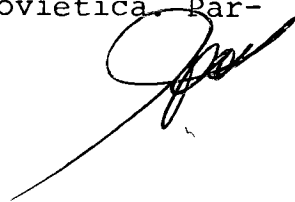
4.

sas condições fui para o campo sem o preparo necessário. Contudo, o corpus de dados coletado na ocasião foi bastante amplo, e constituiu a base para a dissertação de mestrado e para a tese de doutorado.

Feita sob a orientação do Prof. I. V. Vännikov e defendida em junho de 1969, a dissertação de mestrado, com o título inadequado "Descrição da Língua Kamaiurá" apresenta os resultados de uma análise parcial dos dados, de um ponto de vista fonológico e morfológico. Era minha intenção apresentar na tese de doutorado uma descrição da gramática da língua, efetuada com base em material mais amplo, e foi com o objetivo de coletar este material que estive no Brasil em 197, por sete meses. Contudo não foi possível contactar os falantes Kamaiurá, uma vez que a área do Xingú manteve-se neste tempo fechada aos pesquisadores.

Durante minha estada no Brasil entrei em contacto com o Prof. Aryon D. Rodrigues, no Museu Nacional, contacto este que teve uma grande importância para mim e para minha vida acadêmica. Além do estímulo e apoio sem os quais teria sido impossível superar as dificuldades daquele período, o Prof. Aryon Rodrigues, com a acessibilidade e boa vontade que lhe são peculiares não só se dispôs a ouvir comigo parte das gravações que eu fizera em 1968 no Xingu, como também me enviou posteriormente material sobre línguas indígenas que me foram muito úteis no trabalho. Nos contactos mantidos então com o referido Professor pude assimilar conhecimentos sobre línguas Tupi os quais me foram particularmente valiosos na confecção da tese.

Não tendo sido possível um novo contacto com falantes Kamaiurá, tive de me restringir, na confecção da tese de doutoramento, ao material coletado até então. Com o fito de aproveitar ao máximo este material foi revista e ampliada a transcrição fonética dos dados em trabalho realizado no Setor de Linguística Estrutural e Aplicada da Universidade Estatal de Moscou (Lomonossov), sob a direção do Prof. S. V. Kodzâsov, foneticista com grande experiência em trabalho de campo e descrição de línguas nativas da União Soviética. Par-



Fls. N.º 13
Pasta N.º 01
Rubrica 286

Fls. N.º 112
Proc. N.º 5801/77
Rub. 01

Fls. N.º 153
Proc. N.º 5830/77
Rub. Mikhalov 11.

5.

te dos dados foi analisada em aparelho segmentador (cabeça magnética giratória) e em oscilógrafo no Laboratório de Fonética Experimental do Instituto de Língua Russa, sob a direção do Prof. S. S. Vysótsky. Deste modo a tese, dedicada à fonética e à fonologia segmental do Kamaiurá, bem como a um tratamento necessariamente fragmentário da gramática da língua, pôde incorporar ainda os resultados da análise experimental dos dados.

Tendo como orientador o Dr. D. E. Mikhaltshí, concluí e defendi a tese em abril de 1973, perante uma banca da qual participaram o Dr. G. A. Klímov, do Instituto de Linguística da Academia de Ciências, o Candidato às Ciências Filológicas A. E. Kíbrík, da Universidade Estatal de Moscou e o Docente V. M. Andriúshenko, do Laboratório de Linguística Matemática da Universidade de Moscou.

Ainda no período de estudos, plenamente integrada em minha área de interesses, participei de várias atividades a ela relacionadas. Frequentei, por exemplo, cursos de quetchua e guarani, dados por falantes nativos dessas línguas; apresentei uma comunicação com exibição de slides sobre os Kamaiurá no Instituto de Etnografia da Academia de Ciências, posteriormente transformada em artigo e publicada na revista Sóvietskaja Etnografiya, 1970, nº 4; participei do Simpósio sobre Problemas de Indianística, em 1972, apresentando as comunicações "Os Índios Kamaiurá" e "O Sistema de Pronomes pessoais do Tupinambá", nas seções de Etnologia e Linguística, respectivamente.

De junho de 1973, data em que regressei ao Brasil, a dezembro do mesmo ano, traduzi seis artigos do russo ao português para a coletânea Semiótica Russa (ed. Perspectiva, S. Paulo, 1979), organizada pelo Prof. Boris Schnaiderman. Desde então até dezembro de 1977, quando fui contratada pelo Departamento de Linguística da Unicamp, houve um lapso de tempo em que por razões pessoais permaneci mais afastada de atividades acadêmicas. Cabe ressaltar que foi particularmente importante para mim neste período o constante apoio e estímulo do Prof. Schnaiderman. Com seu incentivo escrevi o artigo "O Kamaiurá - língua de estrutura ativa", publicado em 1976 (Revista Língua e Literatura, nº 5), que representou um primeiro passo no sen-

Fls. N.º 14
Pasta N.º 01
Rubrica XG

Fls. N.º 173
Proc. N.º 580/74
Rub. XG

Fls. N.º 154
Proc. N.º 580/77
Rub. XG

6.

tido de retomada de contacto com o meio científico. Nele é feita uma tentativa de caracterizar o Kamaiurá do ponto de vista de uma tipologia proposta pelo Dr. G. A. Klimov, conceituado especialista em línguas caucásicas, em línguas indígenas americanas e em tipologia. Vale aqui lembrar que o contacto mantido com o Dr. Klímov durante minha estada em Moscou, as muitas discussões que tivemos sobre Linguística e sobre problemas de línguas indígenas se revelaram profícuos para o meu desenvolvimento. Por outro lado tive o prazer de ver que o material do Kamaiurá foi útil para a reflexão do Dr. Klimov que chegou a utilizar-se de exemplos dessa língua em seu artigo "Kharakteristike Jazykov Aktivnogo Stroia" (Para a caracterização das línguas de estrutura ativa), publicado em Voprosy Jazykoznanija, 1972, nº 4, e a fazer referências ao meu trabalho também em seu livro Tipologuija Jazykov Aktivnogo Stroia.

Em fins de 1976 entrei para o Centro de Estudos Indígenas e Sociais (CESIND), a convite da Dra. Carmen Junqueira, na qualidade de pesquisadora e assessora em assuntos linguísticos. No âmbito desta entidade realizei atividades de pesquisa fazendo levantamento da situação sócio-linguística das comunidades dos Postos Indígenas Vanuíre, Icatu e Araribá, no Estado de São Paulo, que permitiu a elaboração de projetos de educação bilingue para as comunidades desses dois últimos Postos. O "Plano para o desenvolvimento das comunidades dos Postos Indígenas Arariba, Vanuíre e Icatu, incluindo a programação linguística", elaborado pela equipe do CESIND (São Paulo, 1978) reflete os resultados desse trabalho.

No decorrer de 1977 frequentei cursos oferecidos pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística da Unicamp, o que me possibilitou um melhor entrosamento com o tipo de linguística que se faz no Brasil.

3) As atividades relacionadas ao projeto Kamaiurá se iniciaram em 1978 quando já me encontrava integrada no corpo docente do Departamento de Linguística e têm prosseguido regularmente até hoje. Trabalhando com informantes Kamaiurá ampliei o corpus da língua, o qual inclui hoje dados relativos a

Fls. N.º 174
 Proc. N.º 580/77
 Rub. *OK*

Fls. N.º 155
 Proc. N.º 5830/77
 Rub. *W. K. Moura*

Fls. N.º 15 7.

diferentes aspectos da gramática, dados relativos a diferentes áreas do léxico (terminologia de parentescos, partes do corpo humano, enfermidades, denominações de diferentes tipos de animais, etc) e amostras bastante extensas de diferentes tipos de discurso (narrações de mitos, relatos de experiências pessoais, instruções para confecção/processamento de objetos/produtos típicos, descrições referentes ao comportamento animal, etc).

Os contactos com informantes Kamaiurá ocorreram em São Paulo, onde eles vêm por diversas razões e com relativa frequência, permanecendo na sede da FUNAI por períodos de duração variável. Esta forma de trabalho teve a vantagem de possibilitar a continuidade da pesquisa mesmo em ocasiões em que a região do Alto Xingu esteve fechada aos pesquisadores, bem como a de permitir que os contactos com os informantes se fizessem sem que isso acarretasse a interrupção de minhas demais atividades no Departamento.

Foi feito assim um avanço no sentido de documentar a língua e no sentido de um melhor conhecimento da mesma. Este próprio avanço, porém, pôs a manifesto a necessidade de um contacto maior com a língua em uso, o que só pode ser conseguido com permanências na aldeia.

No processo de investigação de uma língua ainda não estudada e desconhecida do pesquisador passa-se necessariamente por uma etapa em que se procede a uma análise e interpretação preliminar dos dados, num trabalho de preparação do objeto que poderá, então, ser submetido a uma descrição mais sistemática e/ou a uma abordagem teórica de outro nível. Esses diferentes momentos do processo de investigação de diferentes aspectos da língua refletem-se em minhas publicações, comunicações e outros trabalhos relativos ao Kamaiurá. As comunicações "A Forma Circunstancial em Kamaiurá" apresentada em São Paulo, 1979, em 1979, em Seminário do GEL e "Observações sobre variação sócio-linguística em Kamaiurá", apresentada como "Fatores sociais na pesquisa linguística" na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, em São Paulo, 1982, constituem resultado de sistematização e análise de conjuntos específicos de dados. A mes

Fls. N.º 175
Proc. N.º 5801/72
Rub. *[assinatura]*

Fls. N.º 156
Proc. N.º 830/72
Rub. *[assinatura]*

Fls. N.º 16
Pasta N.º 91
Rub. *[assinatura]*

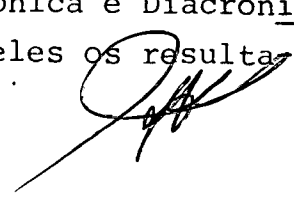
ma observação se aplica à comunicação "Marcadores do verbo Kamaiurá", apresentada no Grupo de Estudos Tupi, do Departamento de Linguística do IEL e, em versão mais elaborada, na XII Reunião Brasileira de Antropologia, no Rio de Janeiro, 1980, e que, no entanto, já leva em consideração dados de outras línguas Tupi.

O Dicionário Preliminar Kamaiurá-Português, concluído no início deste ano, constitui uma sistematização dos dados lexicais, só possível com a utilização, ainda que implícita, dos resultados da análise gramatical. Estes resultados serão apresentados na Gramática Kamaiurá, ora em elaboração e que, atendendo a convite do Prof. Desmond Derbyshire, pretendo apresentar para publicação, em Lingua Descriptive Studies.

Programado para apresentação no VIII Encontro Nacional de Linguística, no Rio de Janeiro é um trabalho ainda inédito sobre a reduplicação em Kamaiurá, no qual o fenômeno não só é descrito como também submetido a uma análise mais profunda, do ponto de vista da Teoria Autosegmental da Reduplicação de Alec Marantz. Ao mesmo tempo demonstra-se neste trabalho que os fatos do Kamaiurá e de outras línguas da mesma família representam uma forte evidência a favor da Fonologia Autosegmental de Goldsmith. Um squib sobre esse mesmo assunto, em co-autoria com o Prof. D. Everett, está em fase de conclusão.

Já no squib "A Note on COMP as a Universal", escrito em co-autoria com o Prof. F. Brandon e publicado em Linguistic Inquiry, 12, 4, 1981, são utilizados os resultados obtidos na investigação do Kamaiurá ao lado de dados do Suahili, Japonês e Inglês para uma reflexão teórica sobre o caráter universal do nóculo COMP, proposto na Teoria Gerativa. Uma versão deste trabalho foi apresentada em comunicação e publicada em Estudos Linguísticos IV, Anais de Seminários do GEL, Araraquara, 1981.

Vale notar que esse squib constituiu um estímulo para outros trabalhos de co-autoria com o Prof. Brandon, e que se inserem na linha de pesquisa "Análise Sincrônica e Diacrônica dos Sistemas Sintáticos de Línguas Tupi". Neles os resulta



Fls. N.º	176
Proc. N.º	580/77
Rub.	

Fls. N.º	157
Proc. N.º	830/77
Pub	Wilson Jr.

Fls. N.º 17.
 Pasta N.º 91
 Rubrica 176

dos da análise do Kamaiurá são confrontados com dados de outras línguas do mesmo tronco, o que reflete a preocupação mencionada anteriormente, com a determinação do lugar do Kamaiurá entre as demais línguas Tupi. Entre esses trabalhos estão: "Movimento de Interrogativos em Tupi", comunicação apresentada nos Colóquios Linguísticos do Departamento em maio de 1981; "Interrogativos e Complementizadores em Línguas Tupi", comunicação ao XXIII Seminário do GEL, publicada em Estudos Linguísticos V, Anais de Seminários do GEL, São Paulo, 1981; "Para uma Abordagem Diacrônica da Interrogação em Tupi", comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, 1981, a ser publicada nos Anais deste Encontro; "Moving Interrogatives without an Initial + WH Node in Tupi", submetido e aceito para apresentação na "Conference on Syntax of Native American Languages", Universidade de Calgary, Canadá, 1981, e que será publicado em Syntax and Semantics, vol. 16, Academic Press, New York; "A Partial Reconstruction of the Tupi Interrogative System", aceito para apresentação no VI International Congress on Historical Linguistics, Poznan, agosto de 1983.

4) Simultaneamente ao trabalho com o Kamaiurá, realizei durante o período de 1980-1982 uma série de atividades relacionadas ao Projeto Krenak/Nakrehe. A decisão de iniciar o trabalho com o Krenak, não obstante estar engajada em outro projeto, prende-se às considerações já feitas quanto à particular urgência em documentar essa língua. As atividades realizadas são as seguintes:

1. Foram feitas 6 excursões para contato com representantes Krenak/Nakrehe, sendo 1 à Fazenda Guarani (Mun. de Ferros, MG), 4 à aldeia Krenak, do rio Doce (Mun. de Resplendor, MG) e 1 ao P. I. Vanuire (Mun. de Tupã, SP);

2. Nessas diferentes localidades foi efetuado um trabalho de levantamento sócio-linguístico da comunidade Krenak/Nakrehe e indivíduos relacionados: número de pessoas, grupos de origem, localização atual, casos de casamentos interétnicos, grau de conhecimento da língua, seu uso, etc.

Fls. N.º 177
Proc. N.º 580/77
Rub. 8

Fls. N.º 158
Proc. N.º 5830/77
Rub. atlas

Fls. N.º 1810

3. Foi feito um levantamento e elaborado um ~~mapa~~ ~~genealógico~~ gico da população Botocudo abrangendo 5 gerações ~~retrôspetiva~~ trabalho em que contei com a colaboração de Thais Cristoforo, aluna da UFMG;

4. Foi iniciado o trabalho de documentação da língua, tendo sido coletados dados de diferentes informantes a fim de detectar diferentes dialetais. Ao material por mim coletado acrescentaram-se duas gravações feitas no P. I. Vanuíre por Benedita Aparecida Chavedar, aluna de pós-graduação do Departamento de Linguística;

5. Paralelamente efetuei um levantamento bibliográfico sobre a história e língua dos Botocudos. Com isto foi possível localizar e copiar manuscritos e outros materiais que se encontram dispersos por relatos de viagens, relatórios de engenheiros, missionários, funcionários da FUNAI, etc. Obtive assim a maior parte do material linguístico sobre os Botocudo, constituído quase que totalmente de listas vocabulares de extensão variável, coletadas em diferentes localidades e ocasiões, via de regra por não especialistas.

Em colóquio apresentado no Departamento de Linguística fiz um relato da situação atual do povo e da língua Krenak/Nakrehe, relato que penso retratou parte dos resultados obtidos no trabalho.

5) Além da pesquisa, uma parte importante de meu programa de trabalho são as atividades didáticas que venho desenvolvendo desde o momento em que entrei para o IEL.

Trabalhando na graduação, com turmas sempre mais numerosas, respondi pelas disciplinas HL100, Linguística para Ciências Humanas (I, 1978); HL881, Estrutura de uma língua não indu-européia (II, 1978); HL402, Gramática I (I e II, 1980); HL502, Gramática II (I, 1981); HL110, Introdução aos Estudos da Linguagem (I, 1983, em conjunto com o Prof. Daniel Everett).

Na pós-graduação ministrei até o momento as disciplinas: LL001, Fonética e Fonêmica (I, 1978 e I, 1980); LL012, Modelos de Análise Linguística (II, 1979 e I, 1983); LL133, Tipologia Linguística (I, 1981 e I, 1983; LL172, Estrutura de

Fls. N.º 118
Proc. N.º 5801/77
Rub. 9

Fls. N.º 159
Proc. N.º 5830/77
Rub. William

11.

uma língua Indígena (I, 1980); LL135, Tópicos Linguística
Histórica I (II, 1981). Pasta N.º 91
Rubrica 216

Embora haja uma ementa básica a ser seguida na programação de um curso, cada docente confere à sua atividade didática uma coloração particular, decorrente de sua formação anterior e de sua experiência de trabalho. Neste sentido, ainda que os cursos pelos quais tenho sido responsável não estejam, via de regra, diretamente ligados à área indígena, os conhecimentos acumulados no trabalho de pesquisa têm sido de grande valia para mim no que diz respeito à atividade docente.

6) Integrada no Departamento de Linguística do IEL tenho aí colaborado em atividades administrativas. Já em 1978 integrei as comissões de Biblioteca e de Entrevista; em 1979 participei de duas comissões de horário, e desde então tenho participado regularmente das comissões de seleção para o Mestrado e o Doutorado.

Atualmente sou representante da categoria MS-3 junto ao Conselho do Departamento e membro da sub-comissão de graduação do Departamento.

Estabelecendo um elo entre o Departamento e outras comunidades científicas, exerço atualmente a função de tesoureira da Associação Brasileira de Linguística. No âmbito desta Associação, e inclusive independentemente da função que ora desempenho na mesma, participei do VIII Instituto Brasileiro de Linguística, ocorrido em Recife, ministrando o curso "Tipologia Linguística", e da mesa-redonda "Relevância Científica da Linguística" com o trabalho "Relevância da Tipologia Sintática na Linguística", durante o Simpósio "Relevância Científica e Pedagógica da Linguística no Brasil".

Uma outra forma de prestação de serviços à comunidade foi minha atuação no CESIND, já referida anteriormente.

7) Ao lado das publicações a que já me referi e que refletem o andamento de minha pesquisa, devo lembrar também trabalhos mais ligados a uma linha de divulgação científica



Fls. N.º	175
Proc. N.º	5801/77
Rub.	8

Fls. N.º	160
Proc. N.º	8830/77
Rub.	8830/77

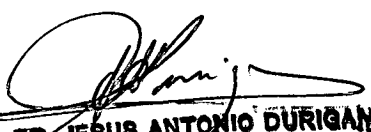
Fls. N.º 12.

ca como as diversas traduções do russo ao português. Pasta No. 12. enclu
em os já mencionados artigos para a coletânea Sembrica Russa.
e o livro de Iu. D. Apresjan, Idéias e Métodos da Linguística
Estrutural Contemporânea, Cultrix, - FUNCAMP, 1980.

Uma leitura deste memorial revela que minha contri
buição maior tem sido feita no campo da pesquisa de línguas in
dígenas. Creio que em grande parte isto se deve à possibilida
de que tenho tido de integrar e colaborar com um grupo de pro
fessores e pós-graduandos do IEL que desenvolvem atividades na
mesma área: a existência de tal grupo, voltado para um objeti
vo comum, facilita o intercâmbio de experiências e informações,
permitindo e estimulando um melhor desenvolvimento no trabalho.

Campinas, 09 de setembro de 1983.

Lucy Seki
Profa. Dra. Lucy Seki


PROF. DR. JESUS ANTONIO DURIGAN
DIRETOR

Linguistic Society of America

D. Terence Langendoen, Secretary Treasurer

26 September 1984

Lucy Seki, UNICAMP

Dear Dr. Seki:

I am pleased to inform you that the Program Committee has accepted your paper for presentation at the 1984 LSA Annual Meeting to be held in Baltimore, MD, 27-30 December 1984. The Program Committee has scheduled your paper for Friday, 28 December 1984.

Session Lexical, Metrical & Autosegmental Phonology Room D Time 9:40 AM

They have allotted 12 minutes for the presentation and an additional 8 minutes for discussion. The time for your presentation will be strictly enforced. Speakers are urged not to speak too quickly and to be wary of attempting to condense too much material into their presentations. You are encouraged to carefully prepare your papers remembering that listening is quite different from reading.

Authors are encouraged to provide handouts for their papers. There will be tables in the session rooms where handouts may be left. Place your handouts on the table prior to the first paper scheduled during your session to avoid interrupting other presentations. Please bring at least 50 copies of your handout for distribution.

You are also encouraged to provide a full version of your paper. A Paper Copying Service will be set up in the Douglass Room of the Hyatt Regency Baltimore during the meeting. To make your paper (or any part of it) available, simply hand it in at the Service. You will be asked to sign a permission form, and your paper will be added to the list of available papers. You will also be advised of the copying cost (which depends on the number of pages). You are encouraged to keep the paper as short as possible by using single spaced typing for the version to be reproduced.

Finally, please note that your name and affiliation, if any, will appear as above in the LSA Bulletin and the 1984 ANNUAL MEETING HANDBOOK unless we are otherwise notified immediately.

For your convenience, preregistration and housing reservation forms are also included.

Sincerely,

M. Reynolds

Margaret W. Reynolds
Administrative Director

Enclosures



Fls. N.o 22
Pasta N.o 01
Rubrica Felipe

UNIVERSITY OF OREGON

November 4, 1985

Dr. Lucy Seki
c/o Department of Linguistics
University of Texas at Austin
Austin, TX 78712

Dear Lucy,

As you may be aware from a previous letter from Desmond Derbyshire, he, Aryon Rodrigues, Daniel Everett, Greg Urban and myself are working on a grant proposal for funding a workshop on Amazonian languages. Given the state of current linguistic knowledge about languages of the Amazon area, plus the wide geographical dispersion of scholars working on these languages, it seems a particularly auspicious time to ask for funding for such a workshop. I am enclosing a copy of the current Project Summary for this workshop so that you can better evaluate what we envision.

The success of such a workshop depends largely on the participants involved. We have heard from about thirteen excellent linguists and anthropological linguists who would like to participate. But we would like to know if you, also, would be able to add your expertise to this workshop.

It would be of considerable help to have a response from you, either positive or negative, by the end of December. If your response is positive, then we need to receive (1) a current curriculum vita, plus (2) a brief abstract of a project you would like to pursue before, during, and possibly after the workshop. Further, would January/February of 1987, possibly in Brazil, or the Summer of 1987, possibly at the University of Oregon, be a better time for you? In either case we envision a workshop of three to four weeks duration.

Please address any correspondence regarding this to me at the University of Oregon. We will look forward to hearing from you.

Sincerely yours,

Doris L. Payne

Doris L. Payne

P.S. Dear Lucy- forgive me for not knowing for sure whether you are still at Austin. I have a copy of my dissertation now to send to you, but rather than send it to Austin without knowing for sure if you are there, I will wait to hear from you first. Could you send me your Brazil address also, as I do not know that. I'll look forward to hearing from you -- I hope things are going well for you. - Doris

DEPARTMENT OF LINGUISTICS • COLLEGE OF ARTS AND SCIENCES • EUGENE, OR 97403-1202
TELEPHONE (503) 686-3906

An Equal Opportunity, Affirmative Action Institution

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DEPARTMENT OF ANTHROPOLOGY

1126 EAST 59TH STREET
CHICAGO • ILLINOIS 60637

Fls. No. 23
Pasta No. 01
Rubrica Relinde

August, 1983

Dear Colleague:

In November, 1985, our friend Eric Hamp will mark his sixty-fifth birthday. Through a number of interlocking conversations, several with David Rood, there has emerged a plan for bringing out at least one, and perhaps two, issues of the International Journal of American Linguistics (October, 1985 and possibly July, 1985) in a format and of a content that would salute our accomplished and indefatigable colleague in the study of the indigenous languages of the Americas. In the strictest of confidence, I am writing to invite you to contribute to this project as we now envision it.

Eric, as you know, is a master of the genre of writing the concise yet theoretically pregnant gem of synchronic (re-)analysis, philological commentary, structural delineation of a language or a proto-system, complex etymological inference, culturally dependent reconstruction, etc., based on primary data from the most varied of sources. It would be highly appropriate to honor him by gathering contributions---each to print out to no more than one or two pages at the maximum in IJAL format---that aim to achieve such exemplary Hampian economy in dealing with our various realms of Americanist linguistics. Each contribution should meet the usual, refereed editorial standards of IJAL as to content and style. It would of course be appropriate to make explicit a substantive intellectual connection to the work of the person being honored, if possible, for which I can supply a bibliography upon request.

Undertaking to coordinate this with the schedule of journal publication will mean strictest adherence to commitments and deadlines. I ask you then to consider the matter and to respond to me in two phases. First, if you intend to submit such an article, please inform me in writing---a postal card will suffice---with as many details (e.g., title, theme, language or area, length) as you know before 31 December, 1983. On the basis of such responses, we will know how much space will be needed. Second, please have manuscripts, typed according to IJAL style, submitted to me by 31 October, 1984, to allow time for the normal editorial processes of the Journal. Unfortunately, this deadline will have to be firm and absolute. Thus I write now, so that your schedule can be adjusted to allow time for this work.

Please observe the intended surprise value of this for its addressee, and do let me know your response to this invitation as soon as you have some certainty about it. Thank you for your cooperation.

Sincerely,

Michael Silverstein

Michael Silverstein



PROGRAM IN LINGUISTICS

IRVINE, CALIFORNIA 92717

December 12, 1985

Prof Dra. Lucy Seki
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, S. P. Brasil

Re: INTERCONTINENTAL DICTIONARY SERIES

Volume I: South American Indian Languages

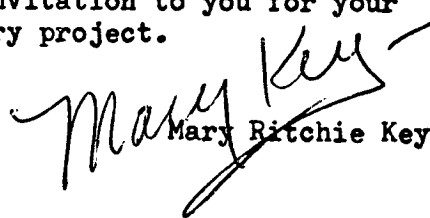
This letter is to inform you of a project being developed now, and to invite you to participate and cooperate with this endeavor for the benefit of linguistic and cross-cultural studies.

The enclosed is the initial plan, which is being modified as work on the dictionaries continues. The sample of languages used is only suggestive; it will be changed as decisions are made for the final list of languages. The languages are being chosen for representation of major language families. Discussions with the compilers are vital for making the appropriate choices. We will aim for every entry to be checked by authorities in the languages.

Each volume will have a group of compilers who will act as consultants for the dictionary. We are attempting to gather representative groups so that the countries of the particular volume will be well represented. Of concern also is representation by major universities and scholarly groups of the areas.

The compilers are being chosen for their interest in the aims of the project and for their special skills. Scholars associated with the project have the understanding that this is a cooperative endeavor which is only possible with dedicated teamwork. This cooperation presumes objectivity and a willingness to give time and thought to the objectives of the Dictionary Series. The responsibilities of everyone connected with the project have to do with each person's capacities: e.g., language expertise; and contacts with other scholars who might help in advising and consulting.

I invite you to participate in this project. The names of those who contribute will be included in the volume. If you decide to participate, you should feel free to respond to the developing plans for the series, as well as this particular volume. In these early stages it is easy to modify plans when it is indicated. Please respond to this invitation to you for your participation and collaboration in the dictionary project.


Mary Ritchie Key

For: Consultant for Kamayurá (Tupi-Guarani)

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DEPARTMENT OF ANTHROPOLOGY

1126 EAST 59TH STREET
CHICAGO • ILLINOIS 60637

19 October, 1984

Professor Lucy Seki
Universidade Estadual de Campinas
Rua Humberto Erbolato, 22
13100 Campinas, SP
Brazil

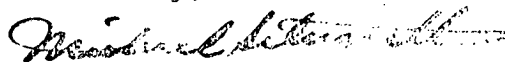
Dear Professor Suki,

I am writing to thank you for your offering for the Fest-issue of IJAL, "A note on the last Botocudo language." The subject matter, presentation, and significance are striking and indeed appropriate for our honoree, who, I'm sure, will be very pleased by it.

If there are any matters that arise during the preparation of copy, I'll be back in touch.

With all best wishes.

Sincerely,



Michael Silverstein

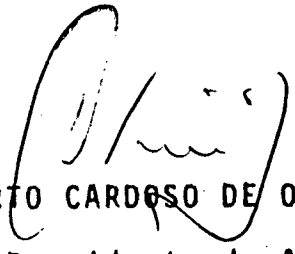
15ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

23 A 26 DE MARÇO DE 1986 - CURITIBA - PARANÁ

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

CERTIFICO que LYCY SEKI

..... participou da 15ª Reunião
Brasileira de Antropologia - ABA, realizada no período
de 23 a 26 de março de 1986, no Departamento de Antro-
pologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
da Universidade Federal do Paraná, na condição de
Participante do G.T. ... Notas para a história de um ...
povo: os Botocudo.....


ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA
Presidente da ABA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
VICE-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO CENTRAL DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Rua Marquês de São Vicente, 225 / Casa XV / CEP 22453 — Tel. 274-9922 — R. 212 - e 274 - 4198

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro para os devidos fins que LUCY SEKI proferiu a comunicação: "A reduplicação em Kamaiurã e Tupinambã" no VIII Encontro Nacional de Linguística, promovido pelo Departamento de Letras desta Universidade no período de 27 a 30 de setembro do corrente ano.

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1983.


ANNA MARIA THOMPSON
Coordenadora da CCE

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro que o(a) Professor(a) LUCY SEKI
..... participou da Banca Examinadora
que julgou a TESE intitulada
"A SEMÂNTICA DO ASPECTO VERBAL EM RUSSO E EM PORTUGUÊS".....,
de MARIA APPARECIDA BOTELHO PEREIRA SOARES,
defendida no dia 05 / 12 / 1984, nesta Pós-Graduação.

Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1984.

Cleonice Berardinelli

CLEONICE BERARDINELLI
Coordenadora dos cursos de
Pós-Graduação em Letras da UFRJ

Associação Brasileira de Linguística

(Fundada em Janeiro de 1969)

A T E S T A D O

Atestamos, para os devidos efeitos, que a prof.^a Lucy Seki, atendendo a convite da Associação Brasileira de Linguística, participou da 36a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Universidade de São Paulo, 4 a 11 de julho de 1984) mediante a apresentação de trabalho inédito de sua autoria, nas condições abaixo:

Título do trabalho: PROBLEMAS NO ESTUDO DE UMA LINGUA EM EXTINÇÃO
Evento: Simpósio "Problemas no estudo de línguas indígenas, no Brasil".

Campinas, 11 de julho de 1984


Ataliba T. de Castilho
Presidente

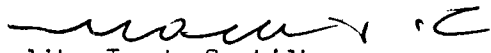

Rodolfo Ilari
Secretário

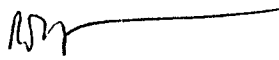
Associação Brasileira de Lingüística
(Fundada em Janeiro de 1969)

A T E S T A D O

Atestamos, para os devidos efeitos, que a prof.^a Lucy F. Seki, atendendo a convite da Associação Brasileira de Lingüística, participou dos trabalhos da 36a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Universidade de São Paulo, 4 a 11 de julho de 1984), organizando e presidindo o simpósio "PROBLEMAS NO ESTUDO DE LINGUAS INDIGENAS, NO BRASIL"

Campinas, 11 de julho de 1984


Ataliba T. de Castilho
Presidente


Rodolfo Ilari
Secretário.

**SOCIEDADE BRASILEIRA PARA
O PROGRESSO DA CIÊNCIA**

36a. Reunião Anual

**4 a 11 de julho de 1984
São Paulo, SP**

ATESTADO

Atestamos que **LUCY F. SEKI**
compareceu a 36a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
e participou **SIMPÓSIO: PROBLEMAS NO ESTUDO DE LÍNGUAS INDÍGENAS
DO BRASIL**


**Comissão Executiva
36a. Reunião Anual**

* A participação do Prof. Carlos Alberto Faraco se deu graças à ajuda da FAPESP (Proc. 84/1014-0).

Referências Bibliográficas

- COSERIU, E. Sincronia, Diacronia e História: o problema da lingüística. Rio, Presença, 1979.
- FARACO, C. A. The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion. Ph. D. Thesis, Salford (UK), Salford University.
- KRISTEVA, J. História da Linguagem. Lisboa, Edições 70, 1974.
- SAUSSURE, F. Curso de Lingüística Geral. São Paulo. Cultrix, 1970.

Simpósio 4:

PROBLEMAS NO ESTUDO EM UMA LÍNGUA EM EXTINÇÃO

Lucy Seki

(UNICAMP)

As línguas obsoletas, bem como os vários aspectos relacionados à morte de línguas têm sido objeto de crescente interesse por parte de lingüistas e outros estudiosos. De um lado a investigação de tais línguas muito pode contribuir para a teoria lingüística, em particular para um melhor conhecimento dos universais de mudança e das relações entre estrutura lingüística e funções da linguagem. De outro lado, o estudo dos diversos fatores envolvidos no desaparecimento de línguas pode oferecer subsídios para a formulação de uma política adequada com relação às línguas minoritárias (num sentido a ser definido adiante) que são, via de regra, as que correm o risco de extinção. Essas questões adquirem especial relevo no contexto brasileiro, onde existem inúmeras línguas minoritárias que a política em vigor insiste em ignorar e onde, ao mesmo tempo, tenta-se utilizar a existência de uma língua própria como um critério de indianidade de um povo.

Esta comunicação pretende tratar de problemas com que nos defrontamos no estudo de uma língua brasileira ameaçada de extinção. Antes, porém, parece-nos conveniente abordar, ainda que de modo necessariamente breve, alguns aspectos relacionados à questão da "morte" de línguas, na medida em que serão úteis à discussão.

As tentativas em definir o que vem a ser "morte" de uma língua com base em definições de "língua" são problemáticas e contraditórias, conforme já observado por Denison (1977), no qual nos inspiramos para o apanhado que se segue.

De fato, se se parte do conceito de língua enquanto um sistema supraindividual de regras (cf. língua no sentido de Saussure, ou competência lingüística, segundo Chomsky) a conclusão é a de que uma língua deve ser considerada extinta quando não pode ser codificada descrita mesmo através de registros. Neste sentido o Etrusco seria uma língua morta, mas não o Tupinambá, embora esta última esteja cristalizada num determinado estágio de sua existência, não seja mais falada como tal, e não tenha a capacidade de se desenvolver.

Ao contrário, se partirmos da compreensão funcional da língua enquanto um sistema de meios de expressão que tem uma finalidade (comunicação antes de tudo) e que apresenta, portanto, como atributo constante e essencial a mutabilidade, o potencial de desenvolver e de se

Fls. No. 26
Pasta No. 01
Rubrica: *[assinatura]*

daptar, deveríamos concluir com Vachek (apud Denison, 1977) que uma língua se extingue quando deixa de se desenvolver. Sob este ponto de vista o Tupinambá, tal como fixada nos documentos históricos, seria uma língua morta, mas, ao mesmo tempo, não poderia ser assim considerada pois se desenvolveu e se adaptou, assumindo a forma do que hoje se denomina a Língua Geral Amazônica. Ainda aqui deve-se admitir, dadas as evidências relativas ao hebraico, que uma língua pode estar em estado de morte por algum tempo e ressuscitar tão logo existam as condições propícias para seu uso desde que, naturalmente, existam registros bastante completos da mesma que possibilitem o seu conhecimento enquanto sistema supraindividual de regras.

Um outro aspecto a considerar é a compreensão de língua enquanto um sistema que apresenta uma certa homogeneidade estrutural no tempo e no espaço. Vista sob este prisma, uma língua que muda de modo significativo não é a mesma língua do período anterior às mudanças, e a língua desse período, se não é mais falada, deve ser considerada uma língua morta. Um exemplo seria o Tupinambá com relação à Língua Geral. Cabe perguntar em que medida uma língua deve mudar para que se transforme em outra língua. Sabe-se que não há limites claros entre diferentes estados de uma língua, seja do ponto de vista do espaço, seja do ponto de vista do tempo. Só podemos dizer que o Tupinambá é uma língua diferente da Língua Geral porque no caso é bem conhecido o estado anterior (o Tupinambá) desta língua e, o que é mais importante, com base em um ponto de vista externo aos falantes, aos quais caberia, de direito, decidir quanto à questão de identidade lingüística.

Verifica-se assim que com base em conceitos puramente lingüísticos, tomados isoladamente, é difícil de se chegar a uma conclusão adequada quanto ao que seja uma língua extinta ou uma língua viva, ou quanto à identificação de diferentes estados de uma língua como sendo a mesma língua ou diferentes línguas. Contudo, partiremos do princípio de que uma língua está extinta quando não tem falantes que a adotem e quando não foi e não pode ser codificada e descrita, mesmo que através de registros.

Uma língua deixa de ser falada ou devido ao desaparecimento dos falantes, ou porque estes deixam de usá-la, substituindo-a por outra. No primeiro caso, se o desaparecimento dos falantes decorre de etnocídio ou de assimilação forçada fala-se em "linguicídio" (Kloss, apud Dressler e Wodak-Leodoeter, 1977). No segundo caso, se na substituição da língua está envolvido o desinteresse dos falantes em usar e transmitir a língua materna pode-se, em certas situações, falar de "suicídio" lingüístico (Denison, 1977).

A substituição de uma língua por outra ocorre, via de regra, em comunidades multilíngues sob a influência de múltiplos e complexos fatores fundados, em última análise, na desigualdade de condições em que se encontram os falantes das línguas envolvidas - dominante de um lado, e minoritárias, de outro, entendendo-se por língua minoritária aquela que se caracteriza simultaneamente por ter um número reduzido de falantes e por ser desprestigiada com relação à língua dominante (Dressler, 1977).

Sob um prisma político, as minorias lingüísticas são oprimidas e sem voz, sem condições de fazer valer os seus direitos mais básicos, inclusive no que se refere à adoção de medidas capazes de favorecer a preservação de sua cultura e sua língua. De um ponto de vista sócio-psicológico, a situação de opressão a que está submetida a minoria lingüística, o desprestígio de sua cultura e de sua língua face àquela da sociedade dominante, a internalização de estereótipos de que é vítima, tudo isto pode levar a conflitos de identidade e a uma atitude negativa com a língua e culminar no abandono da mesma. Sociolinguisticamente, as minorias lingüísticas convivem com grupo majoritário, falante de língua institucionalmente organizada, numa situação em que todos os fatores favorecem e mesmo implicam a necessidade de adoção da língua dominante. Surge a diglossia, à qual se segue com frequência a perda de funções e de diversificação por parte da língua minoritária que deixa, entre outros, de ser usada na socialização. Linguisticamente, na língua minoritária se fazem sentir os fatores mencionados. Ocorre a simplificação e desorganização estrutural da língua que pode finalmente desaparecer.

Este quadro geral bastante simplificado das condições em que se processa o desaparecimento de línguas pode, naturalmente, sofrer alterações, agravando-se ou amenizando-se dependendo das condições históricas particulares de cada minoria lingüística.

Dentre as línguas minoritárias brasileiras está o Krenak, da família lingüística Botocudo (Borum), segundo classificação de Rodrigues (1972). Os dados em que nos fundamentamos provêm a) de trabalho de campo para estudo da língua e da situação sociolingüística da comunidade Krenak e b) de levantamento das fontes de dados sobre a história dos Botocudo em geral e dos Krenak em particular.

O Krenak ou, mais propriamente, o Krenak/Nakrehê é atualmente o único representante da família lingüística Botocudo que ocupava, no passado, toda a região compreendida entre o rio Pardo, na Bahia, e os afluentes da margem sul do rio Doce, nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Embora o Krenak (e o Botocudo em geral) tenha sido consi

derado extinto por alguns estudiosos (Ribeiro, 1957; Emmerich e Monserat, 1975), a nosso ver tal status não pode ser incondicionalmente atribuído à língua. Basta aqui acentuar que o Krenak tem falantes (e pode assim ser codificada e descrita) e é por eles reconhecido como sendo a língua da comunidade, a marca de sua identidade.

Por outro lado, é inegável que o Krenak se encontra extremamente ameaçado de desaparecimento. Esta constatação baseia-se no fato de que, além de ser uma língua minoritária, isto é, numericamente muito reduzida e desprestigiada, ao Krenak se aplicam de modo drástico, os fatores de ordem política, sociopsicológica e sociolinguística já referidos, pois que agravados por fatos particulares à história dos Botocudo, mormente no que se refere ao seu confronto com os civilizados.

O tempo disponível para esta comunicação nos impede de abordar em detalhes a história desse confronto (veja-se a respeito Ottoni, 1888; Marcato, 1979; Seki, 1983, 1984). Diremos apenas que os Botocudo foram, até período bem recente, objeto de um dos mais cruéis tratamentos por parte dos "civilizados", o qual incluiu extermínio físico, aculturação forçada, escravização e dispersão. O processo de desestruturação dos Botocudo continuou mesmo quando este povo, já muito reduzido em número, habitava postos indígenas e se encontrava, portanto, sob amparo oficial. Sofreram privações de toda sorte, transferências várias para locais habitados por outros grupos indígenas e se viram obrigados a conviver com o Reformatório Indígena, que funcionava em suas áreas e para o qual eram enviados índios de diferentes tribos e regiões. Assim, a discriminação por parte dos civilizados somava-se a de grupos indígenas, em cujas terras os Botocudo eram tratados como intrusos.

A redução numérica levou à aglutinação dos representantes de diferentes sub-grupos Botocudo. Não obstante ser conhecida com o nome de Krenak, além destes a comunidade inclui representantes e/ou descendentes de Munhajirum, Gut-Krak e principalmente Nakrehe. A comunidade como um todo apresenta um alto grau de miscigenação com não botocudos (índios e não índios) e acha-se bastante dispersa, tendo um núcleo principal de 57 pessoas (na ocasião da pesquisa de campo) na Aldeia Krenak, à margem esquerda do rio Doce, Município de Resplendor, e com representantes na Fazenda Guarani (MG), no Bananal, em Mato Grosso, São Paulo e Paraná.

Todos falam o português característico da região rural e apenas cerca de quinze adultos acima de quarenta anos mantêm, em graus variados, um melhor conhecimento da língua nativa. Isto constitui evidência de que o Botocudo há algum tempo não vinha sendo usado na socialização. Um grande peso tem aqui as uniões interétnicas que levaram à descontinuidade na transmissão da cultura e da língua e que, ao lado da

dispersão, constitui um fator que dificulta o uso da língua.

A língua é usada principalmente por mulheres (em número de seis, no rio Doce) no contexto familiar e nas situações em que todos os participantes da comunicação a falam ou entendem. É usada também nas ocasiões em que desejam evitar que pessoas estranhas tenham acesso ao que dizem. Ao que foi possível observar, falam com mais desenvoltura e também respondem mais prontamente às perguntas do pesquisador quando o assunto é referente a fatos e objetos ligados ao passado cultural.

Verifica-se assim que a língua perdeu, além da função de socialização, também a função de comunicação no sentido amplo do termo. Mantém no entanto, a função de solidariedade e, ao lado dos laços de parentesco, é um fator de coesão e identidade grupal. Persiste, ainda, alguma forma de função ritual e estética que se exprimem, por exemplo, no uso de fórmulas mágicas para sustar a enchente do rio, ou em cânticos que têm por temas a vida da comunidade. Por outro lado a língua assumiu uma função de resistência. Entendida como marca de identidade do povo, mesmo por aqueles representantes que não a dominam, a língua é o único bem que restou aos Krenak e constitui o último reduto em cuja defesa contra a incursão dos civilizados concentram suas forças.

Paralelamente à perda de algumas funções, o desuso levou também à perda de diversificação da língua, pelo menos superficialmente. A julgar pela dificuldade em obter textos seguidos, e pelo que se pode observar da linguagem em uso, esta ficou em grande parte reduzida a uma forma dialógica.

Necessário é ressaltar que desde o retorno da comunidade ao rio Doce, 1980, têm-se desenvolvido mecanismos conservadores e revitalizadores do idioma. O fato de terem conseguido voltar ao local de origem por sua própria iniciativa contribuiu para uma valorização da auto-imagem, fortaleceu o desejo de recuperar o passado e a língua. Livres de proibições e de discriminação quanto ao seu uso, têm procurado falá-la e também ensiná-la às crianças.

No processo de investigação do Krenak/Nakrehê defrontamos com uma série de problemas decorrentes da situação particular dessa minoria linguística e do estado em que se encontra a língua.

Um desses problemas é a atitude quase geral de desconfiança e mesmo agressividade para com o pesquisador. Tal atitude é compreensível, se considerarmos que os Krenak/Nakrehê têm bem presentes na memória todos os sofrimentos por que passou o seu povo na história de seu contacto com os "civilizados". Assim, a tendência era nos encarar como um civilizado a mais, pronto a enganar-nos e explorar-nos. Acresce que alcançamos os Krenak ainda na Fazenda Guarani, num meio inóspito e alheio, convivendo com representantes de diferentes tribos pelos quais eram

discriminados, passando toda sorte de privações. Posteriormente estive mos com eles já no rio Doce, para onde se haviam transferido à revelia dos órgãos oficiais e onde enfrentavam dificuldades de moradia, falta de alimentação, etc, vivendo em grande tensão resultante das pressões dos fazendeiros e da incerteza de sua situação. Nestas circunstâncias, somente à custa de grande esforço e paciência nos foi possível vencer em parte a desconfiança e a animosidade e conseguir desenvolver o estudo da língua.

Outro problema também relacionado ao contacto com os informantes decorre da rivalidade existente entre representantes de diferentes sub-grupos Botocudo, que na época da pesquisa se dividiam por duas casas arruinadas pela enchente do rio. Devido a essa rivalidade não foi possível trabalhar com informantes das duas casas ("se você quer trabalhar com eles lá pode ir, mas eu não vou mais te ensinar"). Decidimos então trabalhar com uma informante do grupo Gut-Krak, já idosa, e que todos apontavam como sendo a que melhor conhecia a língua, embora estivéssemos conscientes das dificuldades que tal opção poderia nos trazer com relação aos representantes da outra casa. Essa rivalidade entre os representantes de diferentes sub-grupos tem, a nosso ver, raízes históricas, estando relacionada a características sócio-culturais dos Botocudo e não decorre, como se poderia ingenuamente supor, da "retribuição" feita ao informante pelo seu trabalho.

A atitude negativa que se observa na comunidade em geral quanto ao ensino da língua constitui uma séria dificuldade no estudo do Krenak. É possível que em parte essa atitude se deva à consciência de que já não dominam a língua como antigamente. Julgamos porém que a reserva em ensinar está fundamentalmente relacionada à função de resistência de que a língua se revestiu no decorrer do confronto dos Botocudo com os civilizados.

Malgrado a reserva geral, há alguns informantes que ficam divididos entre o desejo de dar a conhecer a "linguagem", de que sentem grande orgulho, e a pressão contrária da comunidade. E foi com o auxílio desses representantes que conseguimos ir aos poucos penetrando nos segredos do Krenak/Nakrehê e fixando aspectos do mesmo através de anotações e gravações. Contudo, tivemos sempre de agir com muito cuidado, ficando muitas vezes num impasse. Se não demonstrássemos capacidade em aprender provocávamos o desinteresse do informante ("se você não aprendeu até agora não aprende mais..."; "está difícil... com os outros também é assim, peleja, peleja mas não aprende"). Por outro lado, se deixávamos que percebessem progressos no conhecimento da língua provocávamos, ao lado da satisfação da informante, uma reserva maior por parte da comunidade. Era como se estivéssemos ultrapassando um determi-

nado limite, além do qual sua resistência estava ameaçada.

Também problemática é a coleta de dados pelas vias usuais, devido ao esquecimento dos falantes e a certas particularidades culturais do povo. Observa-se, por exemplo, uma recusa sistemática em repetir itens já fornecidos. Para consegui-lo usávamos de artifícios como, por exemplo, pronunciar de modo deliberadamente incorreto os itens necessários, caso em que a informante não resistia ao desejo de nos corrigir. Observa-se também uma ligação extremamente forte ao contexto situacional, o que tornou difícil a utilização de questionários existentes que, apesar das muitas falhas, são de utilidade no sentido de permitir maior rapidez no estudo da língua, principalmente na fase inicial do trabalho.

Pelas mesmas razões foi necessário desmembrar séries de questões destinadas à determinação de paradigmas, dividindo-as em várias entrevistas e acarretando, assim, maior morosidade no trabalho.

Uma grande dificuldade encontrada no estudo do Krenak/Nakrehê é o número limitado de informantes potenciais que, além do mais, encontram-se dispersos. Conforme mencionado, a rivalidade entre representantes de diferentes sub-grupos e a atitude negativa da comunidade congelam ao ensino da língua a pessoas alheias à comunidade dificultam o trabalho com vários dentre os poucos informantes potenciais. No rio Doce trabalhamos com S.S., uma representante já idosa do grupo Gut-Krak, viúva de um Nakrehê, considerada como um dos membros da comunidade que melhor domínio tinham da língua nativa. Fora do rio Doce serviram-nos de informantes tres representantes do grupo Nakrehê - J.D, A.J. e J.A. Inicialmente coletamos junto a esses falantes um mesmo conjunto de dados, o que nos permitiu verificar que as diferenças dialetais são mínimas. Ampliamos depois a coleta de dados, conseguindo assim obter um corpus bastante razoável da língua. Contudo, dada a situação em esta se encontra, seria necessário utilizar o concurso de todos os falantes a fim de se obter um quadro mais completo da estrutura da mesma.

Um problema maior com que nos defrontamos no processo de investigação da língua Krenak/Nakrehê é o de como avaliar o grau de conhecimento dos falantes e, portanto, o grau de completude do material coletado. De um lado, a situação sociolinguística da comunidade leva a supor que tenha havido simplificação e esquecimento de estruturas por parte dos falantes. Por outro lado, conforme referido, há uma reserva da comunidade quanto ao ensino da língua. Nestas condições, e principalmente na fase inicial da pesquisa, quando tínhamos menor domínio sobre os dados, surgiu a necessidade de avaliar a natureza do material coletado. Avaliar, por exemplo, em que medida a ausência de certas es-

estruturas esperadas na língua se deviam ao esquecimento, ou decorriam do fato de o informante não querer fornecê-las, ou ainda do fato de nunca terem existido na língua.

A avaliação tem sido feita por meio de certos recursos de ordem externa e interna. Um desses recursos é comparação entre os dados coletados junto aos falantes e os materiais históricos sobre a língua. Efetuado o levantamento dos materiais linguísticos referentes ao Botocudo (Seki, 1984a) verificou-se que os mesmos tem sua utilidade reduzida, visto consistirem quase que exclusivamente de listas vocabulares com transcrição por vezes de qualidade duvidosa, sem indicações precisas quanto ao grupo e local de coleta. Apesar das deficiências que apresentam e de exigirem cuidado em sua utilização, esses materiais têm sido de grande valia na identificação dos dados linguísticos atuais, principalmente no que se refere a itens lexicais e mesmo certos aspectos da gramática.

A comparação de dados obtidos de diferentes informantes constitui um recurso para avaliar o grau de interferência do Português e também, o grau de esquecimento da língua nativa. Tal comparação mostrou, por exemplo, que a interferência é variável nos quatro informantes com que trabalhamos. J.D. apresentou um grande número de empréstimos quando da elicitación de itens lexicais isolados, enquanto os outros informantes forneceram, sem hesitação, os equivalentes desses itens na língua nativa. Da mesma forma, estruturas gramaticais aparentemente esquecidas por um informante foram prontamente lembradas por outro, ou mesmo por todos os demais.

Um outro recurso utilizado foi o de observar as reações dos informantes enquanto ouviam a produção gravada de outro. Faziam-no com grande interesse, concordando ou discordando das respostas, voluntariando alternativas e explicações.

Também reveladora é a observação da atitude do informante ao fornecer as respostas às questões a ele colocadas. A demora em responder, a hesitação entre diferentes formas, o tom mais débil de voz podem ser, e são com frequência, indícios de insegurança e esquecimento. Com relação a uma de nossas informantes a insegurança na produção de textos seguidos se manifestava inclusive no tremor do corpo.

Cumpramos esclarecer que os indícios mencionados eram mais frequentes na fase inicial da pesquisa, isto é, pouco depois do retorno da comunidade ao rio Doce e após, portanto, um período bastante longo em que a língua foi pouco ou nada usada. Com o correr do tempo, o uso mais frequente da língua e o próprio trabalho com o linguista contribuíram para reavivar a memória linguística. Os informantes foram adquirindo uma segurança cada vez maior em suas respostas, inclusive em

admitir, quando era o caso, que no momento não se lembravam de um determinado termo, mas que se lembrariam depois. Este fato é indicativo de que o conhecimento da língua está em parte passivo, latente, mas não totalmente perdido, e que poderá ser recuperado caso existam as condições apropriadas.

A mesma conclusão nos leva a comparação de dados fornecidos por um mesmo informante em diferentes momentos de uma sessão ou em diferentes sessões. Estruturas gramaticais em que era patente a interferência do Português eram depois substituídas por estruturas típicas da língua nativa. Assim, por exemplo, obtivemos para a expressão "carne de galinha" obtivemos inicialmente a resposta "čij du >ã>ã" (cij "carne", >ã>ã "galinha") que é um decalque do Português. Posteriormente o equivalente nativo foi recuperado pelo próprio informante que nos forneceu a expressão ">ã>ã ñik (ñik "carne"), uma estrutura característica de línguas indígenas e também do Krenak, conforme confirmado por outros informantes.

Cabe acentuar o importante papel que pode ter o investigador neste processo de recuperação linguística. N decorrer da pesquisa nosso interesse pela língua contribuiu inegavelmente para uma maior valorização da mesma perante a comunidade. Por outro lado, na medida em que elicitávamos os dados sobre a língua de uma maneira metódica e organizada induzíamos à associação de idéias, contribuindo para fazer aflorar à memória do falante estruturas adormecidas, mas não perdidas. Por outro lado, nosso trabalho foi útil também no sentido de "passar" informações entre falantes de diferentes localidades, dando-lhes acesso ao material coletado, inclusive cartas gravadas.

Obviamente, a maior contribuição que o linguista poderia fazer seria colocar à disposição da comunidade Krenak e daqueles que com ela trabalham uma descrição o mais completa possível da língua. Contudo, o êxito deste projeto dependerá fundamentalmente da possibilidade de vencer as dificuldades abordadas nesta comunicação, bem como outras dificuldades encontradas no trabalho de investigação da língua.

REFERÊNCIAS

- Denison, N. (1977). "Language Death or Language Suicide?". International Journal of the Sociology of Language, 12: 13-22.
- Dressler, W. e Wodak-Leodolter, R. (1977). Introduction to International Journal of the Sociology of Language, 12: 5-11.
- Emmerich, Ch. e Monserrat, R. (1975). Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Boletim do Museu do Índio (Antropologia), nº 3. Rio de Janeiro.
- Marcato, S. de Almeida (1979). "A Repressão contra os Botocudos em Minas Gerais". Boletim do Museu do Índio (Etno-História), nº 1. Rio de Janeiro.
- Otoni, T. B. (1888). "Notícia sobre os Selvagens do Mucuri". Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, T. 21: 191-238. Rio de Janeiro.
- Ribeiro, D. (1957). Línguas e Culturas Indígenas do Brasil. CPE, Rio de Janeiro, pg 15-16.
- Rodrigues, A.D. (1972). "Línguas Ameríndias". Grande Enciclopédia Delta-Larousse, vol. IX.
- Seki, L (1983). "Estado Atual do Povo e da Língua Krenak (Botocudo)". Ms. não publicado. Apresentado em Colóquios Linguísticos, IEL, UNICAMP.
- Seki, L. (1984). "Botocudos - Notas para a História de uma Sobrevivência". Ms. não publicado. Apresentado em Colóquios Linguísticos, IEL, UNICAMP.
- Seki, L. (1984a). "Apontamos para a Bibliografia da Língua Botocudo". Inédito.

PROBLEMAS DE INTERPRETAÇÃO MORFOLÓGICA

Adair Pimentel Palácio

UFPE

A cada momento do desenvolvimento da análise de uma língua, o pesquisador enfrenta problemas, grandes e pequenos, os quais ele tem que resolver com base nos dados coletados e na abordagem teórica adotada.

Se o objeto de estudo for uma língua ainda não analisada e sem documentação prévia, a tarefa não é só mais árdua, como também de maior responsabilidade, pois a interpretação dos fatos da língua ficam a cargo de apenas um investigador.

Uma língua, em sentido lato, tem compromissos com as demais no que se refere aos universais. Mas ainda não sabemos o suficiente sobre esses universais porque para delimitá-los depende-se do levantamento e descrição de muitas línguas.

No momento, com o estudo entusiástico sobre o comportamento de línguas ergativas, noções consagradas como a de sujeito, por exemplo, vêm sendo abaladas. O desenvolvimento dos estudos linguísticos depende das descrições.

Uma língua, em sentido restrito, não tem compromissos com outra. Sua estrutura independe da estrutura de línguas de prestígio, aquelas que já vêm sendo estudadas, que têm sido objeto de reflexão de muitos e por bastante tempo. As línguas sem prestígio têm a sua lógica interna, suas idiossincrasias. E são esses fatos que o pesquisador deve descobrir, sistematizar com todo o comportamento da língua para prestar sua contribuição à linguística geral.

O levantamento de dados linguísticos não é um trabalho isolado. É um complexo observar de tudo o que cerca e compõe o grupo que fala a língua em estudo, pois ela é a única manifestação cultural do-grupo cuja função exclusiva é a de interrelacionar seus falantes. Como escrava de seus senhores, ela vai acompanhando o desenvolvimento social, os contatos, as guerras, a política, modificando-se de acordo com esse desenvolvimento, registrando em seu bojo toda a história do grupo.

Os empréstimos fazem parte da mutação linguística, palavras tornam-se obsoletas, outras, já idosas, renovam-se para assumir posições bem definidas, como é o caso de duas palavras em português que se combinaram para registrar um momento histórico: *diretas* já.

O investigador tem que estar atento a todos esses fatores. A língua cujos problemas vamos destacar para servir de e-

DELETION, REDUPLICATION, AND CV SKELETA IN KAMAIURA

Dan Everett and Lucy Seki
MIT/SIL/UNICAMP UNICAMP

Kamaiurá, a Tupi-Guarani language spoken by approximately 150 individuals in the Xingu Park of central Brazil, has a reduplication process which expresses plurality, intensity, and repetitive action. Under the theory of reduplication developed in Marantz (1982), the reduplicative morpheme can be expressed as a suffix consisting only of the CV skeleton /-CVCVC/. The phonemic melody of the stem is mapped onto the skeleton from right to left, giving partial derivations like those in (1):

- (1) a. o - mo - tumun → omotumun - omotumun
3 - it - shook VCVCVCVC CVCVC
'He shook it.' 'He shook it repeatedly.'
- b. o - mo - kon → omokon - omokon
3 - it - swallow VCVCVC CVCVC
'He swallowed it.' 'He swallowed it frequently.'
- c. o - huka → ohuka - ohuka
3 - laugh VCVCV CVCVC
'He laughed.' 'He kept laughing.'
- d. o - je - ?apah at → oje?apah*at - oje?apah*at
3 - refl. - roll up VCVCVCVC VC CVC VC
'He rolls himself up.' 'He rolls himself up repeatedly.'
- e. je - umirik → jeumirik - jeumirik
1 - tie up CVVCVCVC CVCVC
'I tie up' 'I tie up repeatedly'

Assuming with Marantz that phonemes unassociated to the prosodic template do not surface, we derive the forms in (2):

- (2) a. omotumuntumun 'He shook it repeatedly.'
b. omokonmokon 'He swallowed it frequently.'
c. ohukahuka 'He kept on laughing.'
d. oje?apah*atpah*at 'He rolls himself up repeatedly.'
e. jeumirikmirik 'I tie up repeatedly.'

Some of the forms in (2) are not surface forms, however. Kamaiurá, as many other Tupi languages, has a surface constraint blocking word internal sequences. When such sequences arise, the first deletes by the rule (3):

- (3) C → ∅ / ____ C

This rule completes the derivations in (1) and (2), as shown in (4):

- reduplication form rule (3)
(4) a. omotumuntumun → omotumutumun
b. omokonmokon → omokomokon
c. ohukahuka → no change

DELETION, REDUPLICATION, AND CV SKELETA IN KAMAIURA

- d. oje?apah*atpah*at → oje?apah*apah*at
e. jeumirikmirik → jeumirimirik

The special interest of Kamaiurá reduplication lies in cases where the phonemic melody is too short to fill the initial C slot of the suffix template. In such cases, the empty C nevertheless triggers the deletion rule (3), giving the surface effect of deletion before a vowel.

- (5) a. o - etun → oetuetun
3 - smell
'He smells' 'He keeps on smelling'
- b. a - pot → apoapot
1 - jump
'I jump' 'I jump repeatedly'
- c. o - ekij → oekiekij
3 - pull
'He pulls' 'He pulls repeatedly'

To better understand what is happening, consider the full derivation of (5b), as given in (6):

- | base form | reduplicated form |
|----------------|-------------------|
| (6) a. a - pot | b. apot - apot |
| V CVC | VCVC CVCVC |
| rule (3) | surface form |
| c. apot - apot | d. apoapot |
| VCVC CVCVC | |

Since the C slot previously associated with root final t is deleted, as in (6c), the t fails to surface, as in (6d).

Thus, by making the simple assumption that rule (3) operates at the prosodic template level, rather than on the phonemic melody, we are able to offer a unitary solution to all consonant deletions in Kamaiurá reduplicative forms, something which has long puzzled specialists in Tupi languages.

However, the analysis is not as simple as this. While rule (3) is an adequate description of the facts, it fails to capture the relationship between consonant deletion and syllable structure. That is, it is not just that word internal C sequences created by the morphosyntax are eliminated. Such sequences also fail to arise in the lexicon. This means that the explanation for these phenomena is more deeply embedded in the grammar of Kamaiurá than our solution would indicated, namely, in the basic rules of syllable structure.

Assume, following the model in Steriade (1982), that syllable structure works as in (7) in Kamaiurá:

- (7) a. (C)V → (C) V (apply left to right)
- | | |
|---|---|
| ∅ | R |
| ∇ | |
| σ | |

Fls. No. 27
Page No. 21
Rubrica de Lida

b. (C) V C # → C V C #

$\begin{array}{c} \backslash / \\ O \ R \\ \backslash / \\ \sigma \end{array}$

Unsyllabified segments will fail to surface due to a "stray erasure convention" (cf. Steriade (1982)) which deletes unassociated segments. For example, cf. (8):

- (8) a. omotumuntumun (initial reduplicated form)

 b. ROROROR OROR (rule (7))
 c. omotumu#tumun (stray erasure)

This solution not only accounts for the reduplication facts just reviewed, but also for the absence of word internal sequences generally in Kamaiurá.

We have demonstrated that our analysis of Kamaiurá pays back its debt to theory by offering strong evidence of the explanatory value of a multilevel approach.

NOTES

We would like to thank Aryon Rodrigues, Ken Hale, Bruce Hayes, and Donca Steriade for comments on an earlier version of this paper. The second-named author is responsible for the data collection and basic description for the facts. The prose and multilinear analysis are the responsibility of the first author. The first author was supported in part during the writing of this paper by the fellowship from American Council of Learned Societies and grant BNS-8405996 from the National Science Foundation.

1. Briefly, the unmarked mapping procedure for suffixation suggested by Marantz is leftward from the first [+vocalic] segment to the first V and from the first [-vocalic] segment to the first C, etc. (cf. McCarthy (1982) for the feature [vocalic]).

2. That this rule of consonant deletion is not limited to reduplication is shown by examples such as:

- (i) akan 'head' + meb 'wide' → akameb 'wide head'
 (ii) ereyur 'you came' + pe 'interrogative' → ereyupe 'you came?'

According to Jensen (1984:59) and Rodrigues (1981), rule (3) derives from Proto-Tupi-Guarani and is manifested either virtually unchanged as in Kamaiurá, Tupinamba (Rodrigues (1981)), Kayabi (Weiss (1972:ii)), and Assurini (Harrison (1975:169)) or is seen in basic stem changes and/or other reflexes, as in Wayampi (Jensen (1984)).

3. As was pointed out to us by Bruce Hayes, the reduplication facts

listed here could apparently be accounted for as well by infixing a -CVCV skeleton before the penultimate syllable of the stem.

This would produce the following derivations for (1a) and (5b):

- (i) o - mo - tumun omo tumun → omotumutumun
 3 - it - shook VCV CVCV CVCVC
 'He shook it' 'He shook it repeatedly'
- (ii) a - pot apot → apospot
 1 - jump CVCV VCVC
 'I jump' 'I jump repeatedly'

Unfortunately, there are no examples available to decide the issue on purely empirical grounds. However, the infixation alternative must be rejected in any case for three reasons. First, it has to stipulate the penultimate syllable in its structural description, something required neither by the analysis proposed here nor by any other rule of Kamaiurá we are aware of. Second, it postulates a completely new morphological process for Kamaiurá, infixation (unknown in Kamaiurá or any other Tupi-Guarani language), whereas our analysis relies on the common process of suffixation. Finally, not only is the suffixation analysis simpler and more congruent with general features of Kamaiurá phonology than the infixation hypothesis, it also is able to capture a generalization missed by the infixation alternative, namely, Kamaiurá syllables prohibit codas except in word final position, as shown in (8) above. In purely segmental terms, the suffixation analysis requires but the single rule (3) to account for all consonant deletion in Kamaiurá (cf. note 2), while the infixation rule requires both rule (3) for non-reduplicative deletions and the distinct process of infixation for the absence of consonant clusters in reduplication. It of course entirely misses the syllable related facts. While these arguments are not conclusive, we feel that they nevertheless are strongly supportive of the suffixation analysis.

REFERENCES

- Harrison, C. 1975. *Gramática Asurini*. Serie Linguistica IV. Brasilia: Summer Institute of Linguistics.
- Jensen, C. 1984. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. M.A. thesis, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brazil.
- Marantz, A. 1982. Reduplication, *Linguistic Inquiry* 13, 435-482.
- McCarthy, J. 1982. Prosodic templates, morphemic templates, and morphemic tiers, in H.v.d. Hulst and N. Smith, eds. *The Structure of Phonological Representations*. Foris Publications, Dordrecht, 191-224.
- Rodrigues, A. 1953. *Morfologia do verbo Tupi*, Letras 1, 121-152. Curitiba.

Rodrigues, A. 1981. *Estrutura do Tupinambá*, ms., Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brazil.

Weiss, H. 1972. *Kayabi verbs*, ms., Summer Institute of Linguistics, Brasilia.

NAOS

Notes and Materials for
The Linguistic Study of the Sacred

Edited by

Juan Aldolfo Vázquez, Professor Emeritus
Department of Hispanic Languages and Literatures
University of Pittsburgh

NAOS, the bulletin of the Names of the Sacred project, is published three times a year (Winter, Spring-Summer, Fall) with the international cooperation of about one hundred linguists. Every number contains an editorial about a major subject of interest to the project, brief articles and notes on the expression of the sacred in different languages, book reviews, and letters to the editor.

Vol. 1 (1985, published): Individuals \$9.00. Individual Sponsor \$20.00. Institutions \$15.00. Institutional Sponsor \$30.00.

Vol. 2 (1986, first issue published December 1985) Same rates.

Airmail surcharge: \$3.00 per volume. Back issues: \$5.00 per copy. Spanish language edition available from Museo Histórico y de Ciencias Naturales, Dorrego 116, 8000 Bahía Blanca, Argentina.

Send your check to NAOS, Department of Hispanic Languages and Literatures, University of Pittsburgh, 1309 CL, Pittsburgh, PA 15260, USA.

Functional syntax and universal grammar. By William A. Foley and Robert D. Van Valin, Jr. Cambridge: Cambridge University Press. 1984. Pp. xii, 416.

Reviewed by Donald A. Burquest, University of Texas at Arlington

Unfortunately, it is not possible in this short review to even touch upon all topics of interest in this important volume. Readers of NL will find this a book of significant interest for several reasons: there is an emphasis on discourse structure and language as communication; there is a significant amount of data from languages around the world (the Languages Index lists ninety languages, and there is an unusually strong representation from the Pacific, especially PNG and Australia), all discussed with impressive care and detail; there is throughout an interesting discussion and analysis of the focus system of Philippine languages; patterns of reference involving switch-reference systems and the so-called fourth person are presented clearly; there is a focus on semantics which holds promise for significant application to translation; and finally, there is a helpful discussion of serial verbs, and ergativity is given significant attention. Major emphases in the discussion include claims regarding universal grammar and the need for syntactic argumentation to support the proposed analysis.

By far the largest number of examples come from English, but this is in no way negative. As is common in linguistic research, the authors point out (e.g., p. 28) that the analysis is to some extent dependent upon native-speaker judgments so that English is necessarily the point of orientation (for the native-English reader, this is advantageous to facilitate understanding as well). However, the authors consistently illustrate the same and related points in the discussion with reference to other languages, emphasizing that while English is the point of departure, there is no claim that the English analysis has any sort of direct transfer to other languages (a point which is illustrated amply in the discussion).

The theory proposed here is that of Role and Reference Grammar (RRG), and the authors express their debt to Silverstein at several points. The point of reference is that of functional syntax, especially as it is contrasted with formal syntax. The authors thus draw a sharp distinction between their work and that of Chomsky and others working within the transformational paradigm. There is agreement that the question of defining the nature of the innate capacity for human language (and therefore the notion of universal grammar) is the crucial issue in linguistics, but RRG disagrees that the question is one which is best treated on formal grounds. In particular, within current transformational models a distinction is drawn between 'configurational' languages (defined here as those which demonstrate hierarchical phrase structure, and transformational rules) and 'nonconfigurational' languages (all others), with configurational languages taken to be the unmarked type. Various constraints are proposed as being in effect universally for configurational languages, e.g. subadjacency. However, the authors point out that the same patterns of grammaticality are in effect also for Lakhota, a language which must be classified as nonconfigurational and thus supposedly not subject to the constraints. How can this be explained? It must be the case that languages are constrained by functional constraints and notions, not formal ones.

References

- Anderson, S. (1977) "Comments on the Paper by Wasow," in P. W. Culicover, T. Wasow, and A. Akmajian, eds., *Formal Syntax*, Academic Press, New York.
- Aronoff, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*, Linguistic Inquiry Monograph 1, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- Bresnan, J. (1982) "The Passive in Lexical Theory," in J. Bresnan, ed., *The Mental Representation of Grammatical Relations*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- Gruber, J. (1965) *Studies in Lexical Relations*, Indiana University Linguistics Club, Bloomington.
- Horn, G. M. (1981) "Motionless and Traceless Sources of Passives," *Linguistic Analysis* 8, 15-68.
- Hust, J. R. (1977) "The Syntax of the Unpassive Construction in English," *Linguistic Analysis* 3, 31-63.
- Jackendoff, R. S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- Siegel, D. (1973) "Nonsources of Unpassives," in J. Kimball, ed., *Syntax and Semantics*, Vol. 2, Academic Press, New York.
- Wasow, T. (1977) "Transformations and the Lexicon," in P. W. Culicover, T. Wasow, and A. Akmajian, eds., *Formal Syntax*, Academic Press, New York.
- Wasow, T. (1980) "Major and Minor Rules in Lexical Grammar," in T. Hoekstra, H. van der Hulst, and M. Moortgat, eds., *Lexical Grammar*, Foris, Dordrecht.
- Williams, E. (1981) "Argument Structure and Morphology," *The Linguistic Review* 1, 81-114.

REDUPLICATION AND CV
SKELETA IN KAMAIURÁ

Dan Everett,
Universidade Estadual de
Campinas
Summer Institute of
Linguistics
MIT

Lucy Seki,
Universidade Estadual de
Campinas

Kamaiurá, a Tupi-Guarani language spoken by approximately 150 individuals in the Xingu Park of central Brazil, has a reduplication process that expresses plurality, intensity, and repetitive action. Under the autosegmental theory of reduplication developed in Marantz (1982), the reduplicative morpheme can be expressed as a suffix consisting only of the CV skeleton /-CVCVC/. The phonemic melody of the stem is mapped onto

We would like to thank Aryon Rodrigues, Ken Hale, Bruce Hayes, and an anonymous LJ reviewer for comments on an earlier version of this squib. The second-named author is responsible for the data collection and basic description of the facts. The prose and nonlinear analysis are the responsibility of the first author. The first author was supported in part during the writing of this squib by a fellowship from the American Council of Learned Societies and grant BNS-8405996 from the National Science Foundation.

the skeleton from right to left, giving partial derivations like those in (1):¹

- (1) a. o - mo - tumuŋ →
3 - it - shook
'He shook it'
- o m o t u m u ŋ - o m o t u m u ŋ
| | | | | | | | | | | |
V C V C V C V C C V C V C
'He shook it repeatedly'
- b. o - mo - kon →
3 - it - swallow
'He swallowed it'
- o m o k o n - o m o k o n
| | | | | | | | | | | |
V C V C V C C V C V C
'He swallowed it frequently'
- c. o - huka → o h u k a - o h u k a
| | | | | | | | | | | |
3 - laugh V C V C V C V C V C
'He laughed' 'He kept laughing'
- d. o - je - ʔapah^wat →
3 - refl. - roll up
'He rolls himself up'
- o j e ʔ a p a h^w a t - o j e ʔ a p a h^w a t
| | | | | | | | | | | |
V C V C V C V C V C C V C V C
'He rolls himself up repeatedly'
- e. je - umirik → j e u m i r i k - j e u m i r i k
| | | | | | | | | | | |
I - tie-up C V V C V C V C C V C V C
'I tie up' 'I tie up repeatedly'

Assuming with Marantz that phonemes unassociated to the prosodic template do not surface, we derive the forms in (2):

- (2) a. omotumugtumuŋ 'He shook it repeatedly'
b. omokonmokon 'He swallowed it frequently'
c. ohukahuka 'He kept on laughing'
d. ojeʔapah^watpah^wat 'He rolls himself up repeatedly'
e. jeumirikmirik 'I tie up repeatedly'

¹ Briefly, the unmarked mapping procedure for suprasegmental features suggested by Marantz is leftward from the first [+vocalic] segment to the first V and from the first [-vocalic] segment to the first C, etc. (see McCarthy (1982) for the feature [vocalic]).

FLS. No. 28
 Page No. 10
 Rubrica
 28

Some of the forms in (2) are still not surface forms, however. Like many other Tupi languages, Kamaiurá has a surface constraint blocking word-internal consonant sequences. When such sequences arise, the first consonant deletes by the rule (3):²

(3) $C \rightarrow \emptyset / \text{---} C$

This rule completes the derivations in (1) and (2), as shown in (4):

(4)	Reduplication form	Rule (3)
a.	omotumutumug	→ omotumutumug
b.	omokonmokon	→ omokomokon
c.	.ohukahuka	→ no change
d.	oje ² apah ² atpah ² at	→ oje ² apah ² apah ² at
e.	jeumirikmirik	→ jeumirimirik

The special interest of Kamaiurá reduplication lies in cases where the phonemic melody is too short to fill the initial C slot of the suffix template. In such cases, the empty C nevertheless triggers the deletion rule (3), giving the surface effect of deletion before a vowel.

- (5) a. o - etun → oetuetun
 3 - smell
 'He smells' 'He keeps on smelling'
- b. a - pot → apoapot
 1 - jump
 'I jump' 'I jump repeatedly'
- c. o - ekij → oekiekij
 3 - pull
 'He pulls' 'He pulls repeatedly'

To better understand what is happening, consider the full derivation of (5b), given in (6):

(6)	Base form	Reduplicated form
a.	a - p o t	b. a p o t - a p o t
	V C V C	V C V C C V C V C

² That this rule of consonant deletion is not limited to reduplication is shown by examples such as (i) and (ii):

- (i) akan 'head' + meb 'wide' → akameb 'wide head'
 (ii) ereyur 'you came' + pe 'interrogative' → ereyupe 'you came?'

According to Jensen (1984, 59) and Rodrigues (1981), rule (3) derives from Proto-Tupi-Guarani and either is manifested virtually unchanged, as in Kamaiurá, Tupinambá (Rodrigues (1981)), Kayabi (Weiss (1972, ii)), and Asurini (Harrison (1975, 169)), or is seen in basic stem changes and/or other reflexes, as in Wayampi (Jensen (1984)).

Rule (3)	Surface form
c. a p o t - a p o t	d. apoapot
V C V $\emptyset$ C V C V C	

Since the C slot previously associated with root-final *t* is deleted, as in (6c), the *t* fails to surface, as in (6d).

Thus, by making the simple assumption that rule (3) operates at the prosodic template level, rather than on the phonemic melody, we are able to offer a unitary solution to all consonant deletions in Kamaiurá reduplicative forms, a phenomenon that has long puzzled specialists in Tupi languages. Moreover, we have demonstrated that our analysis of Kamaiurá pays back its debt to theory by offering strong evidence of the explanatory value of a nonlinear, multilevel approach.³

References

Harrison, C. (1975) *Gramática Asurini*, Série Linguística IV, Summer Institute of Linguistics, Brasília.

³ As Bruce Hayes has pointed out to us, the reduplication facts listed here could apparently be accounted for as well by infixing a -CVCV- skeleton before the penultimate syllable of the stem. This would produce the following derivations for (1a) and (5b):

- (i) o - mo - tumug → o m o t u m u g →
 | | | | |
 3 - it - shook V C V C V C V C V C
 'He shook it'
- omotumutumug
 'He shook it repeatedly'
- (ii) a - pot → a p o t → apoapot
 | | | |
 1 - jump C V C V V C V C
 'I jump' 'I jump repeatedly'

Unfortunately, no examples are available to decide the issue on purely empirical grounds. However, the infixation alternative must be rejected in any case for three reasons. First, it must stipulate the penultimate syllable in its structural description, something required neither by the analysis proposed here nor by any other rule of Kamaiurá we are aware of. Second, it postulates a completely new morphological process for Kamaiurá, infixation (unknown in Kamaiurá or any other Tupi-Guarani language), whereas our analysis relies on the common process of suffixation. Finally, not only is the suffixation analysis simpler and more congruent with general features of Kamaiurá phonology than the infixation hypothesis, it also is able to capture a generalization missed by the infixation alternative. The suffixation analysis requires only the single rule (3) to account for all consonant deletion in Kamaiurá (see footnote 2). However, the infixation rule requires both rule (3) for nonreduplicative deletions and the distinct process of infixation for the absence of consonant clusters in reduplication. Although these arguments are not conclusive, we feel that they nevertheless strongly support the suffixation analysis.

- Jensen, C. (1984) *O Desenvolvimento Historico da Lingua Wayampi*. Master's thesis. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brazil.
- McCarthy, J. (1982) "Prosodic Templates, Morphemic Templates, and Morphemic Tiers," in H. van der Hulst and N. Smith, eds., *The Structure of Phonological Representations*, Foris, Dordrecht, 191-224.
- Marantz, A. (1982) "Re Reduplication," *Linguistic Inquiry* 13, 435-482.
- Rodrigues, A. (1953) "Morfologia do Verbo Tupi," *Letras* 1, 121-152. Curitiba.
- Rodrigues, A. (1981) "Estrutura do Tupinambá," ms., Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brazil.
- Weiss, H. (1972) "Kayabi Verbs," ms., Summer Institute of Linguistics, Brasília.

SCOPE AMBIGUITY WITH TENSE
AND QUANTIFIERS
Francis Jeffry Pelletier,
University of Alberta

Ejerhed (1980) sets out to prove three claims: (I) past and future tense induce opacity, (II) in addition to NPs, tensed *that*-clauses can be nonreferential ('opaque'), and (III) the different 'readings'—opaque vs. transparent—of tensed sentences cannot be represented by differences in scope among the relevant operators. To be fully explicit in discussing these issues, one should carefully delineate such problematic notions as 'opaque,' 'transparent,' 'reading,' 'scope,' etc. But I shall forego this here, trusting that for present purposes these terms are clear enough, since I wish to discuss Ejerhed's argument for claim (III).

Ejerhed's discussion of claim (III) centers around (1), which she claims is ambiguous between the readings (2a) and (2b):

- (1) Everyone unemployed Jan. 1, 1980 is on the list.
- (2) a. Everyone who is still in existence and was unemployed (1.1.80) is on the list (now).
- b. Everyone who was in existence (1.1.80) and who was unemployed (1.1.80) is on the list (now).

According to Ejerhed, the ambiguity can be explicated by asking whether the *everyone* of (1) means 'all of the people now alive who were unemployed then' or 'all of the people who were then alive and unemployed'. This is, it would seem, the kind of ambiguity to be accounted for by assigning different relative scopes to a past tense operator (P) and the universal quantifier (V). Thus, we should be able to get a (2a)-type reading by in-

Thanks to Matthew Dryer, David Justice, Bernard Linsky, Len Schubert, and Gary Thomas for discussions.

terpreting the quantifier as having wide scope over the tense operator, and a (2b)-type reading by interpreting the tense operator as having wide scope over the quantifier. The intuition here is that a quantifier *in* the scope of a tense operator restricts its domain to those objects that exist at the moment (in the past) under evaluation, whereas a quantifier not in the scope of a tense operator restricts its domain to those objects that exist at the present time. Thus, we expect (3)

$$(3) (\forall x)(P[\dots x \dots] \dots x \dots)$$

to talk about those *x*'s that now exist, saying of them that they did something in the past, and (4)

$$(4) P[(\forall x)(\dots x \dots)]$$

to talk about the past, saying of all those entities that existed then that they did something.

However, this intuition is frustrated, for the consequent of the conditional of (1) is present tense. We can indeed represent the (1a) reading as (5),

$$(5) (\forall x)(P[Unemployed(x)] \rightarrow Listed(x))$$

that is, 'Of everyone who now exists, if they were unemployed, they are (now) listed'. But such representations as (6)

$$(6) P[(\forall x)(Unemployed(x) \rightarrow Listed(x))]$$

incorrectly say 'In the past, all those people who existed then and were unemployed then, were listed (then)'. As Ejerhed remarks, there is no way to include the quantifier in the scope of the tense operator, include *Listed* in the scope of the quantifier, and yet exclude *Listed* from the scope of the tense operator.

From this example Ejerhed concludes that opacity/transparency due to tense cannot be represented as a matter of relative scope of operators and quantifiers. But, as Ejerhed also remarks, there is no other account of the opaque/transparent distinction available (yet). So perhaps we should reexamine her argument. In fact I think that, far from establishing her claim (III), it shows that Prior's (1967) intuition upon which it is based is false and that Montague's (1970) view is to be preferred.

One way to subvert the argument is to introduce a 'Now' operator. Such an operator, when applied to any formula, always forces its evaluation to be made at the present, regardless of how far it is embedded into other tense operators. Thus, for the troublesome formula (6), we would instead have (7):

$$(7) P[(\forall x)(Unemployed(x) \rightarrow Now[Listed(x)])]$$

Various formal devices can be employed to make this apparent violation of semantic compositionality be only apparent (Kamp (1971)), but I shall not investigate this further, since I intend to show that Ejerhed's puzzle is due to an incorrect view of quan-

(cont.)

Grupo	Autor	Data/coleta	Local	Conteúdo
Munhājirum	Nimuendaju	1939	PI Pancas	37 itens
Naknanuk	Anônimo I	s/d	não indicado	344 "
	Anônimo II	s/d	" "	205 "+29 fr.
	Renault	1836	Mucuri	275 itens
	França	1882	Ald. Mutum	98 "+8 fr.
	Rudolph (?)	1909	Região de T. Otoni	3290+336 frases
Naknanuk (Poten)	Nimuendaju	1939	Itambacuri	245 Itens
	Emmerich&Monserat	1973	Itambacuri	153 "
	Stout	1973	Itambacuri	169 itens e fr.
Nak-Nhapmã	Monteiro	1898-9	r. Mutum e Pancas	1153 +34 fr.
Nakpie	Nimuendaju	1939	PI Guido Marliere	37 Itens
Nakrehé	Manizer	1915	PI Pancas	723 (5)
	Nimuendaju	1939	PI Guido Marliere	357 Itens
	Mansur Guérios	1944	PI Guido Marliere	95 "
	Bridgeman	1958	PI Vanuíre	350 "
	Seki	1982	PI Vanuíre	700 aprox.
Pojicha	Silveira	1922 (publ.)		192 Itens+diálogo
	Emmerich&Monserat	1973	Itambacuri	211 "
Pojichá	Anônimo	1882	não indicado	66 itens
Araná				
Potão				
Krakmum e outros	Bæta	1924	Cons. Lafayete	vários
Krakmum	Marliere	1833	Vertentes dos rios	775 Itens
Pejaurun			Doce e	
Naknanuk			Jequitinhonha	

II. Bibliografia da Língua Botocudo(6)

Anônimo (1825) - Nomes da língua botocuda de vários lugares. *O Universal*, No. 62, 7/12, Ouro Preto.

Contem nomes de localidades, com traduções.

Anônimo (1882) - Vocabulário dos Botocudos da Província de Minas Gerais, tribus Pogichá, Aranã e Potão. *Revista da Exposição Antropológica Brasileira*, p. 13.

Sem indicação de data e local da coleta. Vocabulário Português-Botocudo com 66 itens não ordenados alfabeticamente. Grafia não uniforme, basicamente portuguesa, com alguns sinais complementares.

Anônimo I (s/d) - *Vocabulário Naknanuk*. Manuscrito 136, Museu Nacional, Rio de Janeiro* (7).

Sem indicação de data e local da coleta. Vocabulário Português-Naknanuk com 344 itens ordenados alfabeticamente em sua quase totalidade. Grafia basicamente portuguesa, com frequentes observações sobre a pronúncia, muitas vezes remetendo ao valor dos sinais em outras línguas

Anônimo II (s/d)- *Vocabulário Naknanuk*. Manuscrito 136, Museu Nacional, Rio de Janeiro*.

Sem indicação de data e local de coleta. Vocabulário Português- Naknanuk, com 205 itens lexicais não ordenados alfabeticamente e 29 frases soltas. A grafia utilizada é basicamente a portuguesa, com sinais complementares que incluem vários diacríticos não explicados.

Anônimo III (s/d) - *Vocabulário Pojitcha*. Manuscrito. Serviço de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro.

O vocabulário é mencionado por Loukotka (1955), que informa não ter tido acesso ao mesmo. Não nos foi possível localiza-lo.

Baeta, Waldemar Alves (1924) - *Manuscritos Inéditos*. Museu Nacional, Rio de Janeiro*.

O autor, engenheiro de minas e civil e linguista autodidata realizou trabalho de campo em 1924, nas cabeceiras do rio Doce, com um casal de índios semi-civilizados, sendo o rapaz do grupo Craquemu e a moça do grupo Pojitcha. Os materiais lingüísticos de Baeta consistem de:

- a) "Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileira. II Questionário", onde Baeta incluiu uma lenda e dois diálogos, um dos quais transcrito de Silveira (1922). O "Formulário é acompanhado de dois conjuntos de notas - um contendo esclarecimentos de natureza lingüística e não lingüística sobre certos itens do questionário e o outro contendo informações sobre o autor, os materiais consultados, os sons da língua e a convenção fonética utilizada;
- b) "Amerindian Non-Cultural Vocabulary" de Swadesh;
- c) "Vocabulário Esquemático de Loukotka", seguido de breves informações sobre a língua e de onze frases.

Os materiais botocudo são apresentados em grafia portuguesa e também na grafia fonética proposta por Câmara Jr. Não obstante todos esses cuidados, o autor não especifica em cada caso qual foi o dialeto registrado. Vale notar que ao lado de estruturas que concordam tipologicamente com aquelas observadas em Krenak/Nakrehé (Genitivo+Nome, Nome+Quantificador, Nome+Posposição; Sujeito+Objeto+Verbo), nos materiais de Baeta encontram-se estruturas em que a ordem dos constituintes é oposta.

Balbi, Adrien (1826) - *Atlas Ethnographique du Globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'apres leurs langues*. Paris.

Contém pequena lista de palavras referente ao Krakmun, segundo Loukotka (1955). Ver Keane (1884) para uma reprodução da lista.

Barbosa D'Almeida, Hermenegildo Antônio (1846)- Viagem as Villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, Mucury, e aos rios Mucury e Peruípe. *R.I.H.G. Brasileiro*, T.8, p. 451-52.

Lista de 43 itens botocudo ordenados alfabeticamente, com tradução ao Português e transcritos com grafia basicamente portuguesa. Os dados foram coletados entre os índios da brenhas do Mucuri liderados pelo capitão Goporoco.

Bridgeman, Loraine (1958)- *Questionário de Material Lingüístico para o Arquivo de Línguas Vivas. Língua Krenak - Nakrehé*. Summer Institute of Linguistics. Manuscrito Inédito, Museu Nacional, Rio de Janeiro*.

A autora, linguista profissional do Summer Institute, coletou os dados em 1958, no Pí Vanuíre (SP), a dois falantes de Nakrehé, sendo um deles falante nativo de Maxakali. Os manuscritos incluem (1) o "Questionário de Material Lingüístico para o Arquivo de Línguas Vivas", com 356 itens entre palavras, locuções e frases, preenchidos com os

dois informantes ou com um deles e (2) o "American Non-Cultural Vocabulary", com 253 itens (alguns sem o correspondente botocudo), preenchidos com cada um dos mencionados informantes.

Castelnau, Francis de (1852) - *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*. T. V *Histoire de Voyage*. Paris. Pp. 249-262.

Contem em apêndice dois vocabulários da língua botocudo, coletados por Renault (ver Renault (1836).

Cathoud, Arnaldo (1936) - Os Bacuêns de Imburana e a Destruição das Matas do Valle do Jequitinhonha. *Boletim do Museu Nacional*, T. 12 (3) 129-131, Rio de Janeiro.

O autor refere-se a existência de um pequeno núcleo de "Bacuêns em Imburana, ao norte do município de Teófilo Ottoni e ao sul do de Jequitinhonha, com cerca de 150 indivíduos" e fornece um vocabulário Bacuen - Português, com 60 itens ordenados alfabeticamente e transcritos com grafia basicamente portuguesa. Trata-se do único registro explícito de dados do grupo Bakuen.

Ehrenreich, Paul (1887) - Ueber die Botokudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes. *Zeitschrift für Ethnologie* T. 19, p. 39-61.

O autor analisou seus próprios dados, que coletou entre os Botocudos do rio Doce em 1884-1885, e os dados de outros vocabulários, transcrevendo-os em seu trabalho com um alfabeto fonético comum, indicando a fonte em cada caso. O trabalho inclui um apanhado dos sons, um esboço da gramática e um vocabulário Latim-Botocudo, com 590 itens ordenados alfabeticamente e 10 frases.

Emmerich, Charlotte & **Monserat**, Ruth (1973) - *Vocabulário Botocudo*. Manuscrito inédito*.

Em 1973 as autoras, linguistas profissionais do Museu Nacional, localizaram 3 remanescentes Botocudo em Itambacuri, MG, de dois dos quais obtiveram os materiais lingüísticos: (1) uma lista de 153 itens entre palavras e frases, em transcrição fonética, tomados a Zeferina da Rocha Potén. Devido a idade muito avançada da informante explica-se a ausência de tradução para vários itens, bem como algumas traduções duvidosas, a nosso ver; (2) uma lista de 112 itens, transcritos foneticamente e traduzidos ao Português, obtidos de Zé Pereira (Pojichá); (3) uma lista de 99 itens, escritos e enviados posteriormente as pesquisadoras por Zé Pereira.

Emmerich, Charlotte & Monserrat, Ruth (1975) - *Sobre os Aimarés, Krens e Botocudos. Notas Lingüísticas* Boletim do Museu do Índio (Antropologia) No. 3, Rio de Janeiro.

Com base no exame de dados lingüísticos constantes em 28 vocabulários Botocudo, inclusive duas listas que elas próprias coletaram, as autoras postulam uma estrutura fonêmica para a língua, com hipóteses sobre possíveis diferenças dialetais.

Estigarribia, Antonio (1934) - Trecho de um Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, no Ano de 1912 relativamente aos Índios do Rio Doce. *R.I.H.G. do Espírito Santo*, T. 7, p. 20-52, Vitória.

O trabalho inclui 3 vocabulários: (1) "Vocabulário dos Índios Crenacs", com 220 não ordenados alfabeticamente, traduzidos ao Português e anotados com grafia portuguesa; (2) "Vocabulário dos Botocudos da Província de Minas Gerais - Tribus Pogichá, Aranã e Potua", que é uma reprodução de Anônimo (1882), com acréscimo de 5 itens e três variantes e (3) "Vocabulário dos Botocudos do aldeamento do Mutum" - uma reprodução do Vocabulário de França Leite (1882), com dois acréscimos e alteração na grafia de vários itens.

Etienne, Ignace (1909) - Les Boruns (Note sur une Tribu Indienne Disparue). *Anthropos*, T. 4, p. 942-944, Mödling - Wien.

Inclui uma lista de 27 itens coletados na Vila Indígena de Olivença a um "borum de 108 anos". De fato, apenas 3 itens se reconhecem de imediato como sendo Botocudo. Conforme observado por Loukotka (1955), a lista "est en réalité um mélange bigarré des mots en langues Tupi, Patasó et autres".

Feldner, Wilh. Christ. Gotthelf (1828) - *Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens; aus seinen nachgelassenen Papieren. "Reisebemerkungen"*. Leignitz (sic), E. D'oench. Vol. II.

Feldner descreve as viagens feitas ao Rio Grande do Sul, Porto Seguro e Bahia e inclui, entre outros materiais, um vocabulário Botocudo (Apud Borba de Moraes, 1983).

Figueiredo, Lima (1939) - *Índios do Brasil*. São Paulo, José Olympio, p. 189.

No capítulo sobre os Botocudo reproduz observações ingênuas de Mello Moraes Filho sobre a língua e apresenta uma lista de 10 itens lexicais do Krekmun.

França Leite (1882) - Vocabulário dos Botocudos do Aldeamento do Mutum. *Revista de Exposição Antropológica Brasileira*, p. 19-20. Rio de Janeiro.

Inclui um vocabulário Botocudo-Português com 98 itens lexicais, não ordenados alfabeticamente e 8 frases, provavelmente do grupo Naknanuk, anotados com grafia portuguesa.

Froes de Abreu, Sylvio (1929) - Os Índios Crenaqes (Botocudos do Rio Doce) em 1926. *Revista do Museu Paulista*, T. 16, p. 569-602. São Paulo.

Contém um vocabulário Português - Krenak com 178 itens ordenados alfabeticamente seguido de uma relação de 34 palavras do Português, transcritas conforme pronúncia dos índios. Os dados, coletados durante uma estadia do autor entre os índios, vêm anotados com grafia basicamente portuguesa.

Hartt, Charles Frederick (s/d)- *Vocabulário Botocudo*. Manuscrito. Biblioteca Nacional (CEHB-1/32,12,7, No. 11.505)*.

Encontramos duas versões do vocabulário de Hartt (ver também Paula Martins, 1958): uma, Inglês-Botocudo, consiste de 33 folhas escritas a mão, com inúmeros adendos e correções e a outra, Português-Inglês-Botocudo, datilografada. O vocabulário contém 425 itens lexicais e 44 frases, transcritas por meio de um alfabeto fonético próprio, coletados a um jovem Botocudo em São Mateus. Observa-se a identidade de vários itens assinalados e das respectivas observações fonéticas com aqueles constantes no vocabulário de Wied-Neuwied (1940).

Jomard, M. (1847) - Notícia sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulário de seu Idioma e de algumas observações. *R.I.H.Q. Brasileiro*, T. IX, p. 107-113. Rio de Janeiro.

Jomard, encarregado de examinar dois jovens Botocudo levados a Paris por Marcus Porte, reproduz o vocabulário deste (Porte, 1846), fazendo-o preceder por uma breve introdução em que transcreve opinião de Wied-Neuwied sobre a língua.

Keane, A. N. (1884) - "On the Botocudos". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, T. 13, p.199-213, London.

Contém a página 210 uma pequena lista de 15 termos Naknanuk, segundo Loukotka (1955), apresentada em comparação com 10 itens de Balbi (1826) e de Jomard (1846).

Knoche, Walter (1913) - Einige Bemerkungen über die Uti-krag am rio Doce, Espírito Santo. *Zeitschrift für Ethnologie* T. 45, p.394-399. Berlim. Versão em Espanhol - Algunas Indicaciones sobre los Uti-krag del rio Doce - Espírito Santo. *Revista Chilena de Historia y Geografía*, T. 5, p.230-240, Santiago de Chile.

O autor adverte ter pouco conhecimento sobre esse "interessante povinho". Inclui uma relação de 27 itens transcritos com grafia francesa e uma lista de 10 nomes próprios, coletados entre os "Uti-krag" que encontrou em Colatina, quando os mesmos se dirigiam ao P.I.Pancas.

Langsdorf, Grigori Ivanovitch (1814) - "Carta de 30 de maio de 1814, dirigida a Conferência da Academia de Ciências. Manuscrito. Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética.

Parte da carta foi reproduzida em Manizer (1948). Contém uma lista de 30 palavras do Botocudo, que o autor diz ter coletado com dificuldade. Conforme observado por Manizer, na lista "há equívocos evidentes e a transcrição muito deformou o aspecto das palavras" (pg. 32).

Loukotka, Cestmir (1955) - Les Indiens Botocudo et leur Langue. *Lingua Pasnaniensis*, T. V, p.112-135.

O autor computou abundante literatura etnológica e fontes lingüísticas disponíveis até 1950, estas referentes a 13 grupos Botocudo. Com base nesses materiais tenta identificar os diversos grupos Botocudo bem como determinar sua localização e busca depreender as características fonéticas e gramaticais da língua. Há no trabalho algumas falhas, como por exemplo conclusões duvidosas sobre a significação de certas denominações grupais e a inclusão na bibliografia de Monteirol (1900) que não se refere aos Botocudo Borum e sim aos Coroados.

Manizer, Henri Henrikovitch (1915). *Materialy po Botokudskomu Jazyku*. Manuscritos inéditos. Arquivo da Academia de Ciências da URSS.

São materiais coletados por Manizer em 1915, durante uma permanência de 5-6 meses entre os Botocudo dos grupos Krenak (r. Mutum, MG), Munhājirum, Gut-krag, Nakrehé e Jiporok (r. Pancas, ES). O conteúdo desses e outros manuscritos de Manizer foi descrito em artigos publicados na União Soviética (ver Schprintsin, 1947, 1961, 1964; Vassilieva-Schvede, 1947; Também Komissarov, 1970). Os materiais

referentes ao Botocudo incluem: (1) dicionário-fichário com 723 fichas, cada uma contendo um morfema e exemplos ilustrativos de seu uso, bem como a identificação do grupo e do informante; (2) Vocabulário Botocudo-Português e Português-Botocudo, em que os itens botocudo são transcritos com sinais do Alfabeto Fonético Internacional e com sinais complementares, alguns extraídos do alfabeto português; (3) 14 contos (Schprintsin, 1947 menciona 13 contos e 10 canções) com tradução por linha.

Manizer, Henri Henrikovitch (s/d I) - *Materialy o jazykakh tchetyriakh plemjon Brazílii. Kadiuveo, Tshane, Kaingang, Botocudo (Materiais sobre as línguas de quatro tribos do Brasil. Kadiwéw, Txané, Kaingang, Botocudo)*. Manuscrito inédito. Arquivo do Instituto de Etnografia da Academia de Ciências, Leningrado.

Trabalho apenas esboçado, contendo uma introdução e 4 capítulos com uma estrutura comum (fonética, meios gramaticais, gramática/morfologia e vocabulário), dedicados a descrição das línguas mencionadas.

Manizer, Henri Henrikovitch (s/d II) - *Opyt objektivno-lingvisticheskogo issledovaniya po jazykam nekotorykh brazilских plemjon (Tentativa de pesquisa lingüística objetiva das línguas de algumas tribos brasileiras)*. Manuscrito Inédito. Arquivo da Academia de Ciências da URSS, Leningrado.

O trabalho contém duas partes, a primeira consistindo de uma introdução e seções sobre fonética, categorias gramaticais (morfologia) e característica geral de línguas norte-americanas, e a segunda consistindo dos materiais descritos em Manizer (s/d-I).

Mansur Guérios, Rosário Farani (1944) - *Botocudos do Rio Doce*. Manuscrito Inédito*.

Material lingüístico coletado em 1944, em trabalho de campo no P.I. Guido Marliere, as margens do rio Doce (MG). Contém 660 itens lexicais referentes ao Krenak e 95 referentes ao Nakrehé, transcritos em grafia fonética. Em sua maioria esses itens estão organizados em locuções e frases que permitem extrair informações sobre a estrutura gramatical da língua.

Marliere, Guido Tomás (1825) - "Vocabulário da língua dos Botocudos - tribos chamadas de Krakmum, Pajaurun e Naknenuk das vertentes do rio Doce e Jequitinhonha". *Abelha de Itaculumi*, Ouro Preto.

Tendo trabalhado por vários anos entre os indígenas do Vale do Pomba e do rio Doce, Marliere adquiriu o conhecimento da língua Botocudo através de contacto direto com os falantes. Parte dos vocabulários que organizou foi publicada no periódico regional *Abelha do Itaculumi*, ao qual não tivemos acesso. Os vocabulários Botocudo de Marliere constituem um dos primeiros registros da língua e são com frequência mencionados por estudiosos posteriores.

Marliere, Guido Tomás (s/d) - *Sprachproben der Botocudos, die auch Krakmum, Pejaurun und Naknenuk genannt werden, und in der Nachbarschaft des Rio Doce und Jequitinhonha in der Provinz v. Minas Gerais wohnen*. Manuscrito. Arquivo da Academia de Ciências da URSS.

Este vocabulário Alemão-Botocudo, em doze páginas com uma coluna cada, foi encontrado entre os Documentos da Expedição de Langsdorf ao Brasil. Trata-se de uma cópia feita a mão por Langsdorf do vocabulário de Marliere (1825). A parte portuguesa do mesmo foi traduzida para alemão e foram acrescentadas várias observações (Cf. Schprintsin, 1964).

Marliere, Guido Tomás (1835) - *Vocabulário Português-Botocudo*. Por Guido Thomas Marliere, cavalleiro das Ordens de S. Luiz e de Christo, Coronel de Cavalaria do Estado-Maior do Exército e ex-Diretor Geral dos Indios da Província de Minas Gerais. Manuscrito. Biblioteca Nacional (No. 1.1.1.3), Rio de Janeiro*.

Trata-se de um vocabulário Português-Francês-Botocudo, em uma caderneta de 16x11, datada de Guidowald, 4/2/1833 e firmada por Marliere, com 775 itens ordenados alfabeticamente. Os termos botocudo foram anotados com grafia basicamente portuguesa, porém certos sons foram representados segundo a grafia francesa e espanhola.

Marliere, Guido Tomás (s/d I) - *Vocabulário Português -Botocudo*. Manuscrito Inédito. Museu Nacional, Rio de Janeiro.

É um vocabulário Português-Francês-Botocudo, em folhas de papel almaço, com indicação expressa de que trata de uma cópia do manuscrito da Biblioteca Nacional. Alguns itens diferem em detalhes da transcrição e há indicações de pronúncia baseadas na grafia inglesa e alemã.

Marliere, Guido Tomás (s/d II) - *Vocabulaire de la langue des Botocudys (Français-Botocoudy)*
Manuscrito. Arquivo da Academia de Ciências da URSS, Leningrado.

O vocabulário encontra-se arquivado entre os materiais de campo da Primeira Expedição Russa ao Brasil. Contem 443 itens escritos a mão em 6 folhas de ambos os lados. Apenas um pequeno número desses itens coincidem com os de os de outros vocabulários do próprio Marliere, segundo Schprintsin (1964).

Marliere, Guido Tomás (1905) - *Idiomas ou Línguas dos Índios. Língua Botocudo. R.A.P.M. T. X, p. 544-549.*

O trabalho foi publicado inicialmente no jornal *Abelha do Itaculuni*, Ouro Preto, 15/02/1825, e parte dele aparece também no final do "Vocabulário Português-Botocudo" de Marliere (1835). Contem alguns paradigmas gramaticais (pronomes, advérbios) e pequenas listas de itens lexicais agrupados por campo semântico. São ao todo 104 itens, com predominância quase absoluta de termos isolados.

Martius, Carl Friedrich Philipp von (1969) - *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. t. II Zur Sprachenkunde. Glossaria Linguarum Brasiliensium.* Wiesbaden (Reprodução fotomecânica da edição de 1867).

São quatro listas ordenadas alfabeticamente pelo Latim. A primeira, referente ao Encreckmung, Crekmun ou Cracmun, com 462 itens, engloba um vocabulário de Marliere, o de von Eschwege, o de Wied-Neuwied e um coletado por Martius e Spix; a segunda lista, "Botocudo - Crekmun", com 125 itens, é a de Jomard (1847); a terceira, "Botocudo- Nac-nanouc vel Nac-kgnuck", e a quarta, "Botocudo- Djlopouroca (Jiiporocas), Boutourounas et Craikmous" são de Renault (1836), extraídas de Castelnau (1851). A transcrição dos termos botocudos obedece a grafia alemã, na primeira lista, e a grafia francesa, nas demais.

Merian, Barão de (1828) - *Principes de l'étude comparative des langues. Suivis d'observations sur les racines des langues semitiques, par M. Klaproth.* Paris, Schubart et Heideloff.

Compara termos botocudo com outros de línguas semíticas. Os dados de Merian foram muito utilizados por Hartt (s/d) para fins de comparação com seus próprios dados.

Monteiro, Pa. Claro (1948) - *Vocabulário Português-Botocudo*. Museu Paulista, Boletim II, Documentação Lingüística. São Paulo.

Os dados para o vocabulário foram colhidos pelo autor em 1898-1899, na tribo Nak-Nhapmã, entre os rios Mutum e Pancas. Contem 1.153 verbetes, muitos com exemplos e notas explicativas, e um apêndice com 34 frases soltas. Em nota que precede o vocabulário são dadas explicações sobre a pronúncia e a grafia, esta baseada no Português e parcialmente no Francês.

Moraes Filho, Mello (s/d)- *Pátria Selvagem* (A Floresta e a vida. Mithos Amazônicos. Os Escravos Vermelhos). Rio de Janeiro, H. Garnier.

Inclui um capítulo sobre o dialeto dos Botocudo, no qual o autor apresenta 5 itens e informações impressionísticas sobre a língua.

Moreira e Silva, Dr. (1919) - "O Homem Sul Americano perante a Lingüística". Memória apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas. Maceió, Imprensa Oficial.

O autor compara uma série de palavras e também "formas" e "sons" em diversas línguas, inclusive Botocudo.

Müller, Fr. (1888) - *Grundriss der Sprachwissenschaft* IV, Wien.

Apresenta uma tentativa de esboço da gramática Botocudo, com base nos materiais de Ehrenreich (V. p. 190-202).

Neri, João Batista Correia (1901) - "Carta Pastoral, despedindo-se da Diocese do Espírito Santo, seguida de algumas notícias sobre a Diocese". Campinas.

Inclui um vocabulário Botocudo, mencionado por Loukotka (1955) e referido com frequência em Manizer (1915). Não nos foi possível localizá-lo.

Nimuendaju, Curt (1939) - Vocabulários Botocudos: Nakynianuk, Arana, Nakrehé, Nakpie e Minyayirugn. *Über die Botocudo*. Manuscrito Inédito. Museu Nacional, Rio de Janeiro.

O manuscrito inclui 5 vocabulários obtidos a botocudos que o autor encontrou em 1938-1939: Naknyanuk/Potén (245 itens), Araná (46 itens), Nakrehé (357 itens), Nakpie (37 itens) e Minyayirun (37 itens). Os dois primeiros vocabulários foram coletados em Itambacuri, o último, no PI Pancas e os restantes no PI Guido Marliere*.

ao Português e a grafia utilizada na transcrição dos mesmos é fundamentalmente a portuguesa.

Rey, Philip (1884) - Notes sur les Botocudos et sur les Purys. *Bulletin de la Société d'Anthropologie* Série 3, Vol. 7, p. 82-101, Paris.

Inclui, segundo Loukotka (1955) um pequeno vocabulário Nakrehé.

Röder, Josef & Trimborn, Hermann (1954) - *Maximilian, Prinz zu Wied, Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*. Bonn.

A obra inclui a compilação das anotações lingüísticas feitas por Wied-Neuwied em sua *Viagem ao Brasil nos Anos de 1815-1817* e também no seu *Diário*.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna (1987) - *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Edições Loyola.

No capítulo 4 - "O Tronco Macro-Jê" - apresenta evidências de relações genéticas entre as línguas do tronco, incluindo o Botocudo.

Rudolph, Bruno (1909) - *Wörterbuch der Botokudensprache*. Hamburg.

O autor, um farmacêutico alemão, coletou os dados lingüísticos a representantes de diferentes tribos que habitavam as florestas dos rios Mucuri, Todos os Santos, São Mateus e Preto. A obra consiste de duas partes: um Vocabulário Botocudo-Alemão, com mais de 3.000 verbetes, muitos dos quais registram variantes de um mesmo termo, e um Vocabulário Alemão-Botocudo, com cerca de 1.500 verbetes. Inclui ainda 336 frases.

Saint-Hilaire, Auguste de (1830) - *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*. Paris; e *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Brasileira, Série V, Vol. 126A, p. 133-134, São Paulo, 1938.

Contem um vocabulário Português-Botocudo com 40 itens, coletados pelo autor entre o índios do Jequitinhonha, por intermédio de um intérprete. A grafia dos termos Botocudo é baseada na portuguesa, e há frequentes observações impressionísticas sobre os sons.

Schott, Heinrich Wilhelm (s/d) - Fragment eines Gueren-Vocabulares. In Loukotka (1955) p. 120.

A lista de Schott, um botânico integrante da expedição de Wied-Neuwied (1815-1817), contém 24 itens. Trata-se do único documento lingüístico referente aos Gueren.

Schprintsin, Noemi Grigorievna (1961) - "Iz materialov po jazyku Botokudov". *Voprosy Jazykoznanija*, No. 6:101-107. Moscou.

Descreve os materiais lingüísticos coletados por Manizer entre os Botocudo do rio Doce. Reproduz o quadro de sons e um texto, apresentando ainda observações sobre o léxico da língua.

Sebestyén, Eva (1981) - "H. H. Manizer's Botocudo Folclore Texts". *Artes Populares*, 7: 140-163. Budapest.

Contem 13 textos coletados por Manizer.

Seki, Lucy (1982) - *Vocabulário Krenak/Nakrehé* Manuscrito não publicado.

Contem cerca de 900 itens transcritos foneticamente, coletados em trabalho de campo junto a falantes nativos residentes em Minas Gerais e São Paulo.

Seki, Lucy (1985) - *Descrição da Língua Krenak/Nakrehé*. Manuscrito não publicado.

Descrição da fonética, fonologia e gramática da língua.

Seki, Lucy (1985 a) - "A Note on the Last Botocudo Language". *International Journal of American Linguistics*, Vol. 51 (4) 581-583.

Descrição de cunho tipológico de alguns aspectos da língua Krenak/Nakrehé.

Seki, Lucy (1986) - *Sintaxe da Língua Krenak/Nakrehé*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* No. 11. Unicamp, Departamento de Lingüística, Campinas.

2 Descrição da sintaxe da língua.

Silva, Alvaro (s/d) - *Idioma falado pelos Índios do Posto Indígena Guido Marliere - Krenak*. Manuscrito, Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Rio de Janeiro.

Loukotka (1955) menciona o manuscrito, um vocabulário Krenak, ao qual não teve acesso. Não nos foi possível localizá-lo.

Silva, Thais Cristóvão Alves da (1986) - *Descrição Fonética e Análise de alguns Processos Fonológicos da Língua Krenak*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Apresenta uma análise fonética e fonológica da língua com base em dados coletados junto aos falantes Nakrehé.

Silveira, Alvaro Astolpho da (1922) - *Memórias Chorográficas*, T.II, p. 529-543. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

No capítulo V, intitulado "Os Botocudos", inclui um vocabulário Pojitxa, constituído de duas partes: "Pojitxa-Português" e "Português- Pojitxa", com respectivamente 191 e 192 itens ordenados alfabeticamente. O vocabulário é seguido de um diálogo. Os termos Botocudo são transcritos com grafia baseada no Português.

Simões da Silva, Antônio Carlos (1924) - "A Tribo dos Crenaks (Botocudos do rio Doce)". *Anaes do XX Congresso Internacional de Americanistas*, T. I, p. 65-83. Rio de Janeiro.

Apresenta um "Vocabulário Crenak", com 165 itens não ordenados alfabeticamente, coletados pelo autor em 1918. Os termos botocudo são transcritos com grafia portuguesa e traduzidos ao Português, Castelhana, Italiano, Alemão e Francês.

Stout, Miriam Elizabeth (1973) - *Relatório Lingüístico ao General Demócrito Soares de Oliveira*. Manuscrito inédito. Arquivo do Summer Institute of Linguistics, Brasília*.

Inclui uma lista com 169 itens, entre palavras e frases, transcritos foneticamente. Os dados foram coletados no Município de Itambacuri a Dona Zeferina da Rocha Poté.

Tschudi, Johann Jakob von (1966) - *Reisen durch Südamerika*. Leipzig.

O Volume II da obra inclui, segundo Loukotka (1955), um pequeno vocabulário do Naknanuk.

Wied-Neuwied, Maximilian Prins zu (1940) - *Viagem ao Brasil*. Brasiliana, Grande Formato, série 5, Vol. I. Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Edição refundida e anotada por Olivério Pinto. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

A obra inclui um "Vocabulário dos Botocudos" com 459 itens coletados entre os indígenas do Rio Grande de Belmonte (Jequitinhonha) em 1816, e posteriormente

conferidos e complementados com auxílio de um índio que Wied levou a Alemanha. Os dados são transcritos com base na grafia alemã e, por vezes, francesa. Em adendo ao vocabulário o autor apresenta uma exposição do Sr. Goetling - "Sobre a língua dos Botocudo".

Wied-Neuwied, Maximilian Prinz zu (1969) - *Acréscimos, correções e notas a descrição de minha viagem pelo leste do Brasil*. Traduzido do original alemão e anotado por Olivério Mário de Oliveira Pinto, CNPq.

Contem retificações aos vocabulários de línguas indígenas coletados pelo autor.

NOTAS

- (1) Gostaríamos de agradecer ao Professor Mansur Guérios pela gentileza em colocar seus manuscritos à nossa disposição. Agradecemos também a R. Monserrat por fornecer-nos cópia das listas que coletou juntamente com C. Emmerich, e ao Summer Institute of Linguistics, pela presteza em enviar-nos cópia dos dados de M. Stout. Somos gratos ao Professor A. Rodrigues e à Elena Godoy por facilitar-nos o acesso a certas obras.
- (2) Os estudiosos divergem quanto a aceitação de uma identidade entre os Botocudo e os Aimoré.
- (3) O número se refere a Lista I de Martius a qual, conforme mencionado, engloba dados de Martière, von Eschwege, Wied e Martius e Spix.
- (4) As fontes informam sobre a existência de 723 fichas sem especificar o número de itens referentes ao Krenak e ao Nakrehé.
- (5) Ver Nota anterior.
- (6) Outras obras mencionadas ou consultadas aparecem na Bibliografia final. Em ambas são usadas as seguintes abreviações: R.I.H.G - Revista do Instituto Histórico e Geográfico.
R.A.P.M. - Revista do Arquivo Público Mineiro.
- (7) Em meus arquivos há cópias dos manuscritos assinalados com *.

BIBLIOGRAFIA

- BALDUS, Herbert (1954) - *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário.
- BALDUS, Herbert (1968) - *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, Volume II (Völkerkundliche Abhandlungen, Band IV, herausgegeben von Hans Becher). Hannover: Kommissionsverlag Münstermann-Druck GmbH.
- BORBA de MORAES, Rubens (1983) - *Bibliographia Brasiliana. Rare Books about Brazil published from 1500 to 1900 and works by Brazilian authors of the colonial period*. UCLA Latin American Center Publications, Reference Series No. 10; Rio de Janeiro, Kosmos.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso (1959) - *A obra lingüística de Curt Nimuendaju*. Publicações Avulsas No. 29, Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso (1965) - *Introdução as Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- FERRAZ, Luiz Pedreira do Couto (1906) - Apontamentos sobre a vida do Índio Guido Pokrane e sobre o frances Guido Marliere. *R.A.P.M.*, Vol. XI, p. 410 e ss., Belo Horizonte.
- HARTMANN, Thekla (1984) - *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, Volume III. (Völkerkundliche Abhandlungen, Band IX, herausgegeben von Hans Becher), Berlin: Dietrich Reimer Verlag.
- HARTT, Charles Frederick (1870) - *Geology and physical geography of Brasil*, p. 577-606. Boston.
- KOMISSAROV, Boris Nikolævitch (1970) - *Materiály Ekspeditsii G. I. Langsdorfa v Brasiliju (1821-1829) kak istoritcheskij istotchnik*. Leningrado.
- LEITE, Yonne (1960) - A Obra Lingüística Inédita de Curt Nimuendaju. *Revista de Antropologia*, Vol. 8, No. 2, São Paulo.
- MANIZER, Henri Henrikhovitch (1948) - *Ekspeditsija Akademika G. I. Langsdorfa v Brasiliju*. Moscou, OGIZ-GEOGRAFGIZ.
- MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farani (1972) - Recordações dos Índios Botocudos I, II, III. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 23 de Abril, 30 de Abril e 07 de Maio.
- MARCATO, Sonia de Almeida (1979) - *A Repressão contra os Botocudos em Minas Gerais*. Boletim do Musu do Índio. Etno-História, No. 1, Rio de Janeiro.
- MARCATO, Sonia de Almeida (1980) - *Remanescentes Indígenas do Leste Brasileira* (dat.). FUNAI, Setor de Documentação, Brasília.

- MÉTRAUX, Alfred (1946) - "The Botocudo" In *Handbook of the South American Indians*. t. I, p. 531-540. Washington.
- MONTEIRO do AMARAL, Pe. Claro (1900) - Memória sobre usos e costumes dos índios guaranis, caiuas e botocudos. *R.I.H.G. Brasileiro*, T. 63, Vol. II, p. 263-273. Rio de Janeiro.
- OTTONI, Theophilo Benedito (1858) - Notícia sobre os Selvagens do Mucury. *R.I.H.G. Brasileiro*, t. 21, p. 190-238.
- PALAZZOLO, Frei Jacinto de (1945) - *Nas Selvas do Mucuri e do Rio Doce*. Petrópolis.
- RIBEIRO, Darcy (1957) - *Línguas e Culturas Indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1972) - Línguas Ameríndias. Verbete "Língua". *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, T.IX, Rio de Janeiro.
- SCHADEN, Egon (1964) - *A Obra Científica de Paul Ehrenreich*. Revista de Antropologia, Vol. 12 (Separata).
- SCHPRINTSIN, Noemi Grigorjevna (1947) - Materialy russkikh ekspeditsii v Juznuju Ameriku, khranjashiesja v Arkhive A. N. SSSR i v Institute Etnografii. *Sovietskaja Etnografija* No. 2, p. 187-194.
- SCHPRINTSIN, Noemi Grigorjevna (1948) - Introdução ao livro de H. H. Manizer *Ekspeditsija Akademika G. I. Langsdorfa v Brasiliju*, Moscou.
- SCHPRINTSIN, Noemi Grigorjevna (1964) - Iz arkhivnykh materialov po jazykam indeitsev Brazílii. *Sovietskaja Etnografija*, No. 3. Moscou.
- SEKI, Lucy (1981) - *Botocudos (Borum) - Resultados de um levantamento genealógico*. Manuscrito inédito.
- SEKI, Lucy (1983) - Estado atual do Povo e da Língua Krenak (Botocudo). Manuscrito não publicado. Apresentado em *Colóquios Lingüísticos*, IEL, UNICAMP. Campinas.
- SEKI, Lucy (1984) - Botocudos - Notas para a história de uma sobrevivência. Manuscrito não publicado. Apresentado em *Colóquios Lingüísticos* IEL, UNICAMP. Campinas.
- SEKI, Lucy (1985) - Notas para a História dos Botocudo (Borum). Comunicação apresentada a IX Reunião da ANPOCS, Curitiba.
- VASSILIEVA-SCHVEDE, Olga Konstantinovna (1947) - Lingvisticheskie Materialy russkoj Ekspeditsii v Brasiliju 1821-1829 g.g. *Nauchnyj Bjuleten L. G. U.* No. 14-15. Leningrado.

(Trabalho apresentado no G.T. História Indígena e do Indigenismo;
X Encontro Anual da ANPOCS, Campos do Jordão, Outubro de 1986)

* * *

{ SEKI, Lucy (1984) "Problemas no Estudo de uma língua em extinção". Boletim da ABRALIN, No. 6 p. 109-118, Campinas

MOVING INTERROGATIVES WITHOUT AN INITIAL +WH NODE IN TUPÍ

FRANK ROBERTS BRANDON
LUCY FERREIRA SEKI

1. INTRODUCTION

This chapter forms part of a continuing study of the interrogative systems of Tupí languages (see Brandon 1981; Brandon and Seki 1981a, 1981b, 1981c, 1981d, in preparation). The study involves eight languages, representing three families of the Tupí stock, and focuses mainly on the most unusual feature of their interrogative systems: the combination of sentence-initial interrogative words and predominantly OV syntax. This combination cannot be explained within any of the traditional hypotheses about interrogative movement (e.g., Greenberg 1963, Baker 1970, Bresnan 1970, Chomsky 1980), since these analyses have linked interrogative movement to VO syntax, specifically to the presence of a node (+WH in recent work) generated in sentence-initial position that identifies yes-no questions and serves as the destination of the interrogative word. We will show that a node with these characteristics cannot be identified with the yes-no question particles of Tupí languages. Even though we will discuss a number of Tupí languages, the present work is not to be considered either an exhaustive treatment of the modern dialects of Tupí or a reconstruction of Proto-Tupí. Our use of comparative data is intended to provide a basis for arguing that interrogative movement independent of a +WH node is not the result of an

instable phase of language change, but rather a characteristic of Tupí. We will thus attempt to show that, if Interrogative Movement must always be considered movement to a +WH node in sentence-initial position, then there is no way of relating the interrogative systems of the eight languages to one another, that is, there would be no plausible route for the development of the modern forms from a common ancestor. A series of possible changes leading to the modern dialects will be sketched starting from the premise that interrogative movement to initial position is entirely independent of question particles or complementizers. For reasons of space, this chapter will concentrate on the relationship between question particles and interrogative movement. Only brief mention will be made of the OV syntax of the languages of our sample and the sentence-final position of COMP. A fuller discussion of these typological aspects and their relation to Interrogative Movement is found in Brandon and Seki (1981a, 1981b, 1981c, 1981d, in preparation).

The three families of Tupí stock studied here are Mundurukú, Sateré-Mawé, and Tupí-Guaraní. Mundurukú and Sateré-Mawé are represented by their only members, the languages of the same name. The Tupí-Guaraní family is represented by the following members: Assuriní (Tocará), Kamaiurá, Kayabí, Oiampí, Paraguayan Guaraní, Tupinambá, and Txiriguano.¹ The languages are classified according to Rodrigues (n.d., personal communication). The selection of these languages was determined by the availability of adequate data. We have no reason to believe that they are not typical of Tupí languages, given the other partial data available to us.

The standard analysis of Interrogative Movement has its roots in Greenberg's (1963) observation that a rule of this type could only be found in the VO languages of his sample, and not in the OV languages. The apparent correlation between VO syntax and Interrogative Movement was formulated as Universal 12 by Greenberg:

If a language has dominant order VSO in declarative sentences, it always puts interrogative words or phrases first in interrogative word questions; if it has dominant order SOV in declarative sentences, there is never such an invariant rule [p. 83].

¹ The language data used in our analysis comes from the following sources, which will henceforth only be cited when it is specifically necessary: Mundurukú—Crofts (1973, n.d.) *Dicionário Bilingüe em Português e Mundurukú* (1977), and Burum (1977); Sateré-Mawé—Graham (1968, n.d., and personal communication) and *Livro de Frases Sateré-Mawé Portugêses* (1978) (henceforth LF); Assuriní—Harrison (1975) and Nicholson (1978); Kamaiurá—Ferreira (1973), Seki (n.d.), and Harrison (n.d.); Kayabí—Weiss (1972) and *Cartilha Kayabí* (1978) (henceforth CK); Oiampí—Olson (1978) and Cheryl Jensen (personal communica-

This universal served as a basis for several papers written around 1970. Baker (1970) used the correlation between sentence-initial question particles and VO syntax to formulate his Q-Substitution Hypothesis for Interrogative Movement. Bach (1971) took the correlation between VO syntax and the ordering of complement sentences after governing verbs to be crucial and suggested that Interrogative Movement would always be toward the governing verb whenever such movement could be leftward (following the claim made by Ross, 1967, regarding the direction of unbounded movement). Bresnan (1970) generalized Baker's analysis to movement of relative pronouns and subsumed his Q-Substitution Hypothesis in her COMP Substitution Universal. In this case, it is the correlation between initial complementizers and VO syntax that is held to be most important for describing the movement of interrogative words. Movement of interrogative words to a +WH node under COMP fit neatly into Emonds's (1976) Structure Preserving Hypothesis, since the interrogative complementizer *whether* may be inserted lexically into the +WH node and thus justifies the existence of such a node for placing +WH interrogative words by transformation. In later developments of the Extended Standard Theory, the notion that a +WH node in COMP is the natural destination of an interrogative word that is moved has permitted the Move *wh* and Move α generalizations of the transformational component (e.g., Chomsky and Lasnik 1977, Chomsky 1980), as well as other sophisticated uses of COMP with respect to Interrogative Movement (e.g., COMP to COMP movement as in May 1979).

A result of these developments in theory—developments based principally on English and some other Indo-European languages—is the current consensus in the Extended Standard Theory that the node COMP expands as +WH or -WH. If the node is +WH, then a question complementizer like *whether* or *if* will be inserted or, if there is a phrase containing an interrogative word (i.e., also +WH), then it may be adjoined to COMP forming a complex COMP (i.e., [_{COMP} [_H *wh* phrase] [_{COMP} +WH]]). If the node is -WH, it may remain empty, have *that* or *for* inserted, or have a phrase containing a relative pronoun adjoined as shown above.

However, the postulated close relationship between COMP, a +WH node, and a rule of Interrogative Movement is not available as an explanation for obligatorily initial interrogative words in the Tupí languages of our sample. The following examples from Sateré-Mawé illustrate this:

tion); Paraguayan Guaraní—Gregores and Suarez (1967) and Guasch (1976), which is used with some reserve since in it the author has begun to purify Guaraní of Spanish influences; Tupinambá—Anchieta (1595); Txiriguano—Schuchard (1979).

- (1) a. *ere-to teran apo ui-wywo*
 2s-go want Q 1s-with
 'Do you want to go with me?'
 b. *kat pote yt ere-to i ui-wywo*
 what for neg 2s-go neg 1s-with
 'Why aren't you going with me?'
 c. *kat pote yt ere-to i ui-wywo hap ati-kuap teran*
 what for neg 2s-go neg 1s-with comp 1s-know want
 'I want to know why you aren't going with me.'

In (1c), the complementizer *hap* follows the embedded sentence [= (1b) in this case], which is the normal position for all morphemes that could be considered members of COMP in Sateré-Mawé (see Brandon and Seki 1981b). The question particle *apo* is free to follow any phrase (see Section 2.2.1). However, any interrogative phrase [like *kat pote* in (1)] must be initial in its sentence. The obvious conclusion is that Interrogative Movement in Sateré-Mawé is neither movement to COMP nor movement to a + WH node identifiable with the yes-no question particle.

The more general question of movement to COMP will not be treated here for reasons of space (but see Brandon and Seki 1981b). Rather, we will concentrate on the more specific question of movement to an initial + WH node (=Q) and argue in the following sections that Interrogative Movement cannot be defined in this way for most of the languages of our sample and need not be so defined for any of them. For ease of exposition, we will first describe Interrogative Movement as it appears in the languages of our sample and then describe the distribution of question particles (Q). In about half of the languages, the question particle may follow any major phrase in any position in the sentence. In some others, the questioned phrase must be sentence initial. And, in the case of Kamaiurá, the question particle is itself sentence initial. Except in this last case, there is no way of arguing that the interrogative is moved to a Q particle (+ WH), since the Q particle either is not initial or is part of a phrase that is itself moved to initial position. We will show that, if an initial + WH node is postulated, it will not surface and the rules required to make it appear in the correct surface positions will render it impossible to relate the languages in any reasonable way. We will also show that, if the rule of Interrogative Movement is reformulated so as not to refer to a + WH destination, a simple description of dialect differentiation can be offered for the development of these languages from a common ancestor. Finally, we will show that the languages possess true interrogative words even though an initial + WH node is not found to be in combination with Interrogative Movement. In the last section of the chapter, we will briefly

examine the question of what the independence of Interrogative Movement implies for linguistic theory.

2. INTERROGATIVE SENTENCES IN TUPI

Let us begin by characterizing a typical interrogative system in our sample of Tupí languages (not to be considered a reconstruction). Interrogative words (e.g., 'who' and 'how') are always in initial position in main and embedded sentences. There is a question particle for forming yes-no questions. Other question particles may also be found that convey doubt or surprise about the fact expressed by a question with an apparently obvious yes or no answer.² Sometimes a question may be identified only by intonation, which may differ from the intonation used when the question particle is present. The question particle is often omitted when it accompanies an interrogative word. The question particle follows the phrase that is being questioned specifically; however, it gives no special emphasis to verbs. Sometimes the questioned phrase is moved to initial position.

With this sketch as a point of reference, we will now examine the individual languages, first looking at their interrogative words and then at their question particles. After this we will compare the systems that emerge from this examination and draw conclusions about the rules involved.

2.1. The Interrogative Word

In the languages of our sample, all interrogative words are obligatorily in sentence-initial position. Our claim is that this is the result of a rule of Interrogative Movement that moves the phrase dominating the interrogative word to sentence-initial position. The standard proof of movement of any sort is a set of examples in which one element occurs in different positions with respect to other elements of the sentence. For Interrogative Movement, an identity has always been established between the interrogative word or phrase and the corresponding noninterrogative word or phrase

² For example, Guaraní question particles *pa*, *piko*, and *pipo* are classified by Guasch (1976) in the following way: *Pa* forms questions where the speaker wants to know the answer. *Piko* forms questions where the answer may be known but is considered strange or wonderful. *Pipo* forms questions where there is doubt as to the possibility of an answer. The three particles of Kayabi are characterized in almost the same terms: *Te* forms yes-no questions; *sipo* forms questions with doubt; and *gatu nipo* is for rhetorical questions [see examples in (24)]. Not every language has three distinct question markers; for instance, in Mundurukú *du* forms yes-no questions and *paxi* marks questions with doubt, while in Kamaiurá an emphatic particle used in declaratives may also be added to the question particle or the interrogative phrase.

(roughly the "answer" to the interrogative). This kind of evidence can easily be provided, as in (2)–(4). (As there are no significant differences, only one member of each family is used for these examples.)

- (2) Mundurukú (Crofts 1973)
- $a^3\tilde{n}o^2kat^2kat^2 bi^2o^3 o^3-y-a^2o^2ka^3 ka^3p\ddot{i}s\ddot{i}^2$
man tapir 3-3-kill yesterday
'The man killed the tapir yesterday.'
 - $p\ddot{i}^3\tilde{n}\ddot{n}^2 a^3\tilde{n}o^2kat^2kat^2 bi^2o^3 o^3-y-a^2o^2ka^3$
when man tapir 3-3-kill
'When did the man kill the tapir?'
 - $a^3jo^2 o^3-y-a^2o^2ka^3 a^3\tilde{n}o^2kat^2kat^2 ka^3p\ddot{i}s\ddot{i}^2$
what 3-3-kill man yesterday
'What did the man kill yesterday?'
- (3) Sateré-Mawé (LF)
- are-to ui-yat kape*
1s-go 1s-house to
'I am going to my house.'
 - aikowōi ere-to*
where 2s-go
'Where are you going?'
 - uhe-hay teran tuisa wywo*
1s-say want chief with
'I want to talk to the chief.'
 - uwe wywōi e-hay teran*
who with 2s-say want
'With whom do you wish to speak?'
- (4) Kamaiurá (Seki, n.d.)
- o'iran a-ha kamajura r-etama katy-n*
tomorrow 1s-go Kamaiura 's-village to-intent
'Tomorrow I will go to the village of the Kamaiurá.'
 - umam o'iran ere-o-n*
where tomorrow 2s-go-intent
'Where will you go tomorrow?'
 - maramoē ere-o kamajura r-etama katy-n*
when 2s-go Kamaiura 's-village to-intent
'When will you go to the village of the Kamaiurá?'

In these examples and in all the available data, the interrogative word is always initial in both main and embedded sentences, whereas the word or phrase to which it corresponds is either not normally initial or not necessarily initial. In (4a), for example, *o'iran* 'tomorrow' does not have to be

sentence initial; in general, locative and oblique phrases follow the verb in the languages of our sample. (See also the discussion in what follows of the distinction between interrogative words and indefinites.)

Having shown that there is a rule of Interrogative Movement, we now turn to the distribution of question particles, which is crucial for showing that Interrogative Movement cannot be considered movement to a +WH node identified with the question-marking morpheme.

2.2. Question Particles

Tupí languages may have more than one question particle, as described in Footnote 2; however, one question particle is always used to identify regular yes–no questions where the speaker does not express an opinion about the answer. This question particle will be the topic of this section.

The languages in the sample fall into three types with respect to question particles:

1. The question particle may be placed following any major phrase (NP, VP, or PP) anywhere in the sentence. This occurs in Sateré-Mawé, Assurini, Tupinambá, and Paraguayan Guaraní.
2. The question particle may be placed following any major phrase. The questioned phrase is then moved to initial position. This occurs in Mundurukú, Kayabí, and Oiampí.
3. The question particle is not placed following any phrase, but is itself sentence initial. This occurs in Kamaiurá.

We will now examine each situation in turn.

2.2.1. FREELY PLACED QUESTION PARTICLES WITHOUT MOVEMENT

In four languages, Sateré-Mawé and three members of the Tupí-Guaraní family (Assurini, Tupinambá, Paraguayan Guaraní), the question particle may be placed after any major phrase (NP, VP,³ or PP). In order to show data from both families, Assurini and Sateré-Mawé will be used to illustrate this type of question particle distribution.

- (5) Sateré-Mawé (LF)
- i-kahu rakat u'i apo*
3-beautiful nom flour Q
'Is the flour good?' (i.e., a good-looking thing)

³ Here VP is used to refer to the verb and its immediate modifiers such as AUX and tense and aspect markers. It does not refer to a V NP or NP V sequence where NP is direct object. In (1a), (5b), and (5d) there are examples of a VP followed by a question particle. In (5c) the adverb is presently considered not to be part of VP.

- b. *to-kosap ta'yn apo h-aty hap*
3-pass punct Q 3-hurt nom
'Has the pain passed?' (i.e., the hurting)
- c. *ere-ket kahato apo*
2s-sleep very Q
'Do you sleep well?'
- d. *etu-nug kahu teran apo ui-yat*
2s-make beautiful want Q 1s-house
'Do you want to fix my house?'
- (6) Assuriní (Nicholson 1978)
- a. *Karoa o-ata a-ha pa*
Karoa 3-hunt 3-go Q
'Is Karoa hunting?'
- b. *n-a-ha-ihí pa ne-mena ka'a-pe*
neg-3-go-neg Q 2s-husband jungle-to
Didn't your husband go to the jungle?
- c. *itasoa pa ere-reka*
triangle Q 2s-have
'Do you have a triangle?'
- d. *o-ma'esiroa oe-raha pa*
3-things 3-take Q
'Did she take her own things?'

In Examples (5a), (5c), (6a), and (6d) the questioned phrase is not the first phrase in the sentence, whereas in the other examples it is. For this reason, it is possible to affirm that the questioned phrase is not moved.

2.2.2. FREELY PLACED QUESTION PARTICLES WITH MOVEMENT

In three languages, two from the Tupí-Guaraní family (Kayabí and Oiampí) and Mundurukú, the questioned phrase must move to first position in the sentence. This is affirmed for Mundurukú in Crofts (n.d.: 210).⁴

⁴ In Crofts (1973:59), it was affirmed that no movement takes place and a crucial example was given:

- (i) *a³g^o2kat²kat² bi²o³ du¹ o³.y-a²o²ka³ ka³pu³su²⁻¹*
man tapir Q 3-3-kill yesterday
'Was it a tapir the man killed yesterday?'

However, in Crofts (n.d.:210), which is a more recent and more detailed work, movement is claimed to occur and the same examples are used with the questioned phrase in initial position in what we interpret as a corrective to the earlier work. Moreover, Crofts claims that this sort of movement is generally true of a larger class of particles (see Brandon and Seki 1981d for an examination of the significance of this general tendency).

- (7) Mundurukú (Crofts: 37)
- a. *e³.xi² du¹ o³.ju²*
2-mother Q 3-go
'Did your mother go?'
- b. *o³.ju² du¹ e³.xi²⁻¹*
3-go Q 2-mother
'Did your mother go?'

For Oiampí,⁵ we have the claims of Olson (1978) and Jensen (1982) that the question particle follows the first phrase. Jensen gives clear examples of movement.

- (8) Oiampí (Jensen 1982: 1-2)
- a. *saa po ere-pota*
machete Q 2s-want
'Do you want a machete?'
- b. *ere-pota po saa*
2s-want Q machete
'Do you want a machete?'
- c. *ene po saa ere-pota*
2s Q machete 2s-want
'Do you want a machete?'

For Kayabí, we have the claim of Dobson (1980) illustrated by the following examples:

- (9) Kayabí (Dobson (1980: 49)
- a. *ere-o te je rupi*
2s-go Q 1s with
'Are you going with me?'
- b. *je rupi te ere-o*
1s with Q 2s-go
'Are you going with me?'

We take this opportunity to present a caveat: In light of the preceding, it is clear that the particular classification given a language here may be wrong. The important thing here is that the different types of interrogative systems DO exist and thus may be compared.

Note also that the Mundurukú examples used are written either in the orthography of the 1973 grammar or in the practical orthography adopted in the dictionary and the three volumes of legends which have been published. The differences are that *i* has been replaced by *u* and *ñ* by *g*.

Tone is indicated only in texts for nonnative speakers of Mundurukú: 1 is high, 2 is mid, 3 is low, and 4 is laryngealized.

⁵ We use the name Oiampí throughout this chapter. However this language is now known as Wayapí in Brazil. Oiampí is a French transliteration of their name. The Wayapí live in Brazil and French Guyana.

- c. *ipira te ere-'u*
fish Q 2s-eat
'Do you eat fish?'
d. *ere-eyt te ipira*
2s-bake Q fish
'Do you bake fish?'

These three languages as languages, then, move the questioned phrase to sentence-initial position.

2.2.3. SENTENCE-INITIAL QUESTION PARTICLES

Finally, we have one language, Kamaiurá (Tupí-Guaraní), where the question particle, instead of following a phrase, is in initial position by itself.

- (10) Kamaiurá (Seki, n.d.)
a. *po ere-kwaha-potat*
Q 2s-know-want
'Do you want to know?'
b. *po petyma ere-'u-potat*
Q smoke 2s-drink-want
'Do you want to smoke?'

2.3. Interrogative Words and Question Particles

Now that interrogative words and question particles have been discussed, all that remains to complete the description of interrogative sentences is a description of the cooccurrence of interrogative words and question particles. In three languages—Kamaiurá, Mundurukú, and Sateré-Mawé—in-interrogative words do not cooccur with question particles. To the examples in (2), (3), and (4), we add the following illustration:

- (11) Kamaiurá (Seki, n.d.)
ma'are kunu'uma i-jae'o-w
why boy 3-cry-circum
'Why is the boy crying?'

In one of the languages of our sample, Oiampí, the question particle is optional with the interrogative word.⁶

⁶ This is also the case in Txiriguano, a Guaraní of Bolivia and Argentina. We omitted Txiriguano from this study because we were unsure of its status with respect to Paraguayan Guaraní. We were unsure as to whether it should be considered a dialect or a separate language, and so we only included it in parentheses in the table in (14) as an example of a known combination of features. Presently we are inclined to include any distinct interrogative system regardless of whether it is found in a dialect or a language. The degree of relationship will be important only when it is possible to consider a true reconstruction of Tupí.

- (12) Oiampí (Olson 1978)
a. *manyo re po pe-kujā mani'o pire n-o-mona-j*
why for Q 2p-sister manioc peel neg-3-throw-neg
'Why don't your sisters throw away the manioc peels?'
b. *manyo re tukā ere-juka*
why for toucan 2s-kill
'Why did you kill the toucan?'

In the remaining languages—Assuriní, Kayabí, Paraguayan Guaraní, and Tupinambá—the question particle always accompanies the interrogative word. The following example from Assuriní serves as an illustration.

- (13) Assuriní (Nicholson 1978)
ma'e ramo pa ere-soka ser-eomawa
what for Q 2s-kill 1s-animal/pet
'Why did you kill my animal?'

2.4. Summary

To summarize what has been said about interrogative sentences in the eight Tupí languages described in this section: The interrogative word is always sentence initial along with the phrase that dominates it. There are three types of distribution of question particles and three different distributions of question particles with interrogative words. For reference in Section 3, where the theoretical implications of these facts will be discussed, the following table is provided:

- (14) Tupí Interrogative Systems
a. All interrogative words (Int) are sentence initial
b.

	Q at phrase level		Q at sentence level
	Free	Initial	Initial
Int with Q	Assuriní, Tupinambá, Paraguayan Guaraní	Kayabí	
Optional	(Txiriguano)	Oiampí	
Int without Q	Sateré	Mundurukú	Kamaiurá

3. Q-SUBSTITUTION AND TUPÍ

In Baker (1970), English questions were characterized as sentences in which an initial Q morpheme had been introduced by the base rules. This Q

morpheme would be the syntactic sign of yes–no questions, even though it would only be realized phonologically (as *whether*) in embedded sentences. In sentences with interrogative words, the interrogative and the phrase dominating it would be moved into the position of the Q morpheme, replacing it. This identification of the yes–no question-marking morpheme with the site to which interrogatives are moved permitted the structure-preserving formulation of *Wh* Fronting (Interrogative Movement) in Emonds (1976:182). In more recent work, for example, Chomsky (1980), the rule of Interrogative Movement is given as Move *wh*, due to the certainty that is attached to the hypothesis that interrogative elements move to the left⁷ of another interrogative element, namely +WH (equivalent to Baker's Q morpheme).

In Brandon and Seki (1981c), this hypothesis was considered valid in part for Kamaiurá, since the initial question particle was apparently replaced by the interrogative word; that is, the interrogative word moved to initial position and did not cooccur with the initial question particle. In spite of the obvious harmony between the facts of Kamaiurá and movement of interrogative words to +WH (Q-Substitution, adjunction of +WH phrases to COMP containing +WH, or other variations), the comparison of Kamaiurá with related languages will lead us to an alternative analysis. We assume that the most highly valued analysis of Kamaiurá is the one that best allows us to understand Kamaiurá and other Tupí languages from a diachronic perspective as well as synchronically; that is, the several synchronic systems must be plausibly derivable from a common ancestor. This does not mean that Kamaiurá could not have reanalyzed its interrogative system synchronically, only that such reanalysis would have to be motivated by an appeal to some universal by which interrogative movement to an initial +WH node is less marked. One major point of this chapter is that such a universal

⁷ This assumption holds for the Tupí languages under study here. However, for the information of the reader, Baltin's (1978) "landing site" theory as cited and used in Chomsky (1980) cannot be universally correct in all details. If a movement rule would have to move (and adjoin) interrogative words and phrases to the left of +WH nodes (or COMP) in this theory, then Xavante, an OSV language of the Jê family (unrelated to Tupí), would be a counterexample. Xavante has initial question particles and interrogative movement to the right of the particle, as shown by the following examples from McLeod and Mitchell (1978):

- (i) *e dzadzahō te dza i-uptsō*
Q clothes -1 fut 2-wash
'Will you wash clothes?'
- (ii) *e marī te i-uptsō*
Q what -1 2-wash
'What are you washing?'

More recently, Hirschbühler and Rivero (1981) have shown that attachment to the right is also a property of Catalan.

markedness principle does not exist, since the Tupí languages (temporarily excepting Kamaiurá) have had Interrogative Movement from at least the time of their separation without having initial +WH nodes (=Q, the yes–no particle) and thus present systems at least as stable as those of better known European languages. In order to demonstrate that Interrogative Movement is unrelated to the position of a +WH node in these languages, we will first show that if we postulate an initial +WH node for the ancestral system or for the modern systems (still excepting Kamaiurá), the resulting analysis is synchronically ad hoc and diachronically incoherent. After demonstrating what happens if we take the standard analysis of Interrogative Movement (or the Kamaiurá example) as the norm, we will outline a synchronic analysis for the languages of our sample and then turn to the question of their diachronic relationship.

3.1. Problems for the Standard Analysis

In languages like Assuriní and Sateré-Mawé [see (13)] where the question particle may follow any phrase [see Examples (5), (6), and (13)], the interrogative word cannot be considered to move to the position of the yes–no question particle because the particle is FREELY PLACED whereas the interrogative word is OBLIGATORILY INITIAL. Since the obvious solution for the distribution of the question particle is to permit it to be an optional expansion of NP, PP, or VP limited only by pragmatic considerations as to number of possible question foci, interrogative phrases would not move to +WH (=Q). For the sake of argument, we could assume that the question particle is generated in initial position and then moved to any phrase in the sentence. Let us call this hypothetical rule Q-Particle Movement. In this case, if Q-Particle Movement precedes Interrogative Movement we have the same problem, so we have to order Q-Particle Movement AFTER Interrogative Movement. With this order, we now have the problem of avoiding the separation of the question particle from the interrogative word (rather the phrase dominating the interrogative word). Otherwise, instead of examples like (13) and (15), we would have the nonoccurring (16).

(15) Assuriní (Trocará) (Nicholson, 1978)

- a. *mo pa i-ha-i ne-memyra*
where Q 3-go-circum 2s-child
'Where did your child go?'
- b. *ma'e pa o-apo a-ka ne-mena*
what Q 3-make 3-be 2s-husband
'What is your husband making?'

- (16) a. **Ma'e o-apo a-ka pa ne-mena?* (cf. 15b)
- b. **Ma'e o-apo a-ka ne-mena pa?* (cf. 15b)

Thus the solution we must offer for Assuriní, Paraguayan Guaraní, and Tupinambá—if we wish to characterize Interrogative Movement as movement to +WH (=Q)—would require a rule of particle movement following movement of the interrogative and applying obligatorily unless the Q is preceded by a phrase containing an interrogative word. For Sateré-Mawé, this solution would require a rule that deletes the question particle after the interrogative word is moved [on the model of Chomsky and Lasnik 1977, Examples (52) and (53)]. We could relate these languages to Kamaiurá by simply stating that Q-Particle Movement has been lost in Kamaiurá. However, let us turn to the other group of languages in our sample and see if this solution is viable for them as well.

In Kayabí, Oiampí, and Mundurukú, the questioned phrase is initial. If we are insisting on having the question particle introduced in initial position by the categorial rules, then we have an entirely different problem in these languages—namely, we would have to have a rule that moves any phrase into position before the question particle. This rule would have to be obligatory, and it would have to block if the position before the question particle was already filled by the interrogative word. Let us call this rule Pre-Q Movement. We will assume that Pre-Q Movement follows Interrogative Movement, since otherwise it would have to block on the basis of there being an interrogative word anywhere in the sentence. Such a restriction on the rule is meant to allow (17) but not permit the nonoccurring (18).

(17) Kayabí (CK1, CK2, Weiss 1972)

a. *ma'ja te re-juka*
what Q 2s-kill
'What did you kill?'

b. *ma'a pe te êê o-i*
where to Q 3sf 3:go-circum⁸
'Where is she going?'

(18) a. **Ma'a pe o-i te êê?* (cf. 17b)

b. **Ma'a pe êê te o-i?* (cf. 17b)

The solution for these three languages will also have to include a rule, optional in Oiampí and obligatory in Mundurukú, that cancels the question particle after an interrogative word. Pre-Q Movement also allows us to relate

⁸ According to Weiss (1972: 8, 9, 16), the suffix *-i* indicates that a free pronoun subject has been moved before the verb. The suffix would distinguish the subject pronoun from the object pronoun, which normally precedes the verb, since the same series of pronouns are used in both grammatical relations. Since the suffix is apparently the same as the circumstantial suffix in related languages which indicates that some sorts of material are preceding the verb (usually adverbial in a loose sense), we have taken the liberty of using the more common term here. Note also the observation made in Footnote 6 with respect to preceding subject pronouns.

these languages to Kamaiurá, since the loss of the rule would leave the question particle in initial position.

There are several problems with Pre-Q Movement: First, it ought to collapse with Interrogative Movement, but the resulting rule would have phrases of any type AND interrogative words together in curly brackets, surely a strange combination. Further, we have no way of relating these languages to languages like Assuriní with Q-Particle Movement preceding the rule of Interrogative Movement. By their order and by the nature of their operations, the two rules would not permit us to imagine a common form from which all the languages could have developed. Finally, we have advanced these two ad hoc solutions to preserve the rule of Interrogative Movement as movement of an interrogative word to an interrogative element identifiable with the yes-no question morpheme. This is the structure-preserving version of Interrogative Movement, but, in the process of defending this version of the rule, we have been forced to postulate two rules that do not preserve structure: Q-Particle Movement, which moves the question particle to any phrase, and Pre-Q Movement, which moves any phrase in front of Q. All in all, these solutions would seem to leave the analysis of Interrogative Movement worse off.

It might be imagined that the problem could be resolved by postulating a +WH element that is in initial position but not identified with the yes-no morpheme. However, such an interrogative element would never have a surface form and, this being the case, should be excluded by independent constraints on base rules (as, for example, in Emonds 1976: 6).

3.2. A Synchronic Analysis without an Initial +WH Node

The solution that we will suggest is that Interrogative Movement is movement to the beginning of the sentence, not to the question particle. Question particles would be generated in the base optionally following phrases, and multiple uses of question particles would be filtered out by semantic rules (like the rules excluding other multiple interrogations or multiple foci). Filters or subcategorization would guarantee or exclude the combination of interrogative words and question particles. A filter-plus-rule solution modeled on Chomsky and Lasnik (1977: p 446) could be used. However, a rule optionally deleting the question particle (Q) is not necessary, since Q is not required for Interrogative Movement to apply (not being the destination of the moved interrogative) and since Q is already optionally generated in the base as part of NP, PP, and other phrases where the interrogative word (Int) is introduced by lexical insertion. A filter against Int Q sequences may also be dispensed with, since such a filter would only be of

use in describing languages like Mundurukú [see (14)]. Languages like Assuriní require some sort of subcategorization feature to guarantee that the Int always combines with Q and Mundurukú could be negatively specified for the same feature, while Oiampí Int would not be subcategorized with respect to Q. Accordingly, we will not use a filter. Examples are the following:

- (19) Assuriní [see (13) and (15)]

NP → $\begin{cases} \text{Det N} \\ \text{Pro} \end{cases}$ (Q)

PP → NP P (Q)

$\begin{bmatrix} /ma'e/ \\ +WH \\ +Indef \\ +Pro \\ +______ (P) Q \end{bmatrix}$

- (20) Oiampí [(12)]

$\begin{bmatrix} /manyo/ \\ +WH \\ +Indef \\ +Pro \end{bmatrix}$

- (21) Mundurukú [see (2) and (7)]

$\begin{bmatrix} /a^3jo^2/ \\ +WH \\ +Indef \\ +Pro \\ -______ (P) Q \end{bmatrix}$

Base rules like those of (19) are valid for all the languages (although the two rules are simplified), and the feature can be used as in (19), (20), and (21) to describe the three groups of languages in (14) with respect to combinations of Int and Q. Note that the NODE Q in (19) could expand as any of the question particles described in footnote 2, even though the SYMBOL Q is being used here to stand for the regular yes-no question particle (as stated in Section 2.2).

The distinction between languages that move the questioned phrase to sentence-initial position just like Int and those that only move Int can be expressed easily in our analysis. Languages in the latter group, such as Assuriní and Sateré, will have a rule of Interrogative Movement that moves any phrase dominating a lexical item with the features [+WH, +Indef]. In languages like Mundurukú, Kayabí, and Oiampí, in contrast, the feature [+WH] will be sufficient for the rule to operate. This is illustrated in (22) and (23), in which we assume the simplified base rules of (19):

- (22) Interrogative Movement (Assuriní, etc.)

$X - [_{H^n} Y \begin{bmatrix} +WH \\ +Indef \end{bmatrix} Z]$
 1 2 ⇒ 2 1

- (23) Interrogative Movement (Mundurukú, etc.)

$X - [_{H^n} Y [+WH] Z]$
 1 2 ⇒ 2 1

In Rules (22) and (23), X is the maximal string (the same effect could be gained by placing [_s to the left of X in these rules); Hⁿ is the maximum phrase of a head-of-phrase category (i.e., N, V, A, P)—terminology borrowed from Emonds (1976: 14, 15), meaning that there is no number or index greater than *n*. Both rules move phrases that contain lexical items like those in (19), (20), and (21). Rule (23) also moves phrases that contain lexical items as in (24), where Q is a node dominating phrase-final question particles [as in (19)].

- (24) Kayabí

a. $\begin{bmatrix} /te/ \\ +Q \\ +WH \end{bmatrix} \begin{bmatrix} /sipo/ \\ +Q \\ +WH \\ +DOUBT_1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} /gatu nipo/ \\ +Q \\ +WH \\ +DOUBT_2 \end{bmatrix}$

- b. *i-rare sipo wā*

3-cross Q 3p

'Are they really cross?' (apparently yes)

- c. *ma'a pe gatu nipo gā o-i ra'e* [cf. (17b)]

where to Q 3sm 3:go-circum past:immed:unattested

'Where could it be he went?' (answer not expected)

The phrase structure, lexical, and transformational rules that have just been outlined yield a simple and reasonable description of the languages in our sample (still temporarily excluding Kamaiurá). However, Rule (22) and the subcategorization feature of (19) may not be accurate due to the apparent diachronic development of Interrogative Movement.

3.3. A Route of Dialect Development⁹

A plausible route of diachronic development for Interrogative Movement must take into account several facts apparent even in the limited sample available to us:

1. All the languages have Interrogative Movement.

⁹ We are not considering the possibility of diffusion, because of the almost total lack of information about the external history of the Tupí peoples, their division into groups, their

2. All the languages (except Kamaiurá) have question particles generated—at least potentially—in phrases where interrogative words are introduced.

3. Frequently, interrogative words are identical to words that are used as indefinites (or that at least have a semantically general use) in noninterrogative contexts. For example, Paraguayan Guaraní uses five words to form interrogatives, four of which can be used in noninterrogative contexts:

- (25) Paraguayan Guaraní (Guasch, n.d.)
ava (*mava*) 'who, a person'
mba'e 'what, a thing'
mamo 'where, a place'
mbovy 'how many, a few'
araka'e 'when' (related to *ara* 'time')

And even though the interrogatives of Sateré-Mawé do not appear to be related to those of Paraguayan Guaraní, (except *uwe* 'who'),¹⁰ the same noninterrogative uses are apparent:

- (26) Sateré-Mawé (LF)
 a. *yt uwe i tu-ut* [cf. (3d)]
 neg who neg 3-come
 'No one came.'
 b. *yt kat i atu-nug* [cf. (1b) and (1c)]
 neg what neg 1s-make
 'I'm not doing anything.'
 c. *yt kat i apo e-man mehin* [cf. (1b) and (1c)]
 neg what neg Q 2s-bread masc:address
 'Have you no bread, sir?' (Lit., 'Is nothing your bread?')

Thus, the interrogative use of the word will be determined by context: Interrogatives will be sentence initial, nonnegative, part of a sentence with interrogative intonation, and possibly accompanied by a question particle.

Given these three facts, we could conclude that any truly interrogative

migrations, and their subsequent contacts. Furthermore, work on phonological reconstruction is not yet adequate to identify all possible borrowings. Therefore, we are assuming parallel development in the absence of evidence of borrowing. Insofar as the hypothesis of parallel development is plausible, diffusion is not required as an explanation.

¹⁰ There is a reflex of *kat* 'what, thing' in Sateré-Mawé in Kamaiurá, Paraguayan Guaraní, and Tupinambá in the verb *karu* 'eat' (intransitive). It is common for /t/ to become /r/ intervocalically, and /u/ is a root meaning 'eat', although it is no longer current in this form in the Tupí-Guaraní languages cited. In Tembé, another Tupí-Guaraní language, the inclusion of an indefinite to make an intransitive verb for 'eat' led to the parallel *may'u* where *ma'e* 'what, thing' has been incorporated and lexicalized.

words developed from words with indefinite or semantically general meanings and that Interrogative Movement was originally the movement of such words when followed by a question particle. Thus, (27) would be the original form of Interrogative Movement.

- (27) Interrogative Movement

$$X - [{}_{H^*} Y [+Indef] Z [+WH]]$$

$$1 \qquad \qquad 2 \qquad \qquad \Rightarrow 2 \ 1$$

A rule like (27) could have developed into (23) by generalization or into (22) by the lexicalization of the indefinite words as true interrogatives (i.e., [+WH, +Indef]). Furthermore, the synchronic facts on which (27) is based raise the question of whether there is a need for a rule like (22) which assumes that there are lexical interrogatives [as in (19), (20), and (21)].

Rule (27) would be sufficient for Assuriní, Paraguayan Guaraní, and Tupinambá. All apparent interrogatives would be specified as [+Indef] only. In cases where the only use of the word is interrogative (e.g. *araka'e* in Guaraní), the subcategorization feature [+____(P) Q] would be used instead of [+WH]. Kayabí, using Rule (23), has no need of lexical interrogatives either. By adding a rule that deletes the question particle optionally or obligatorily when it is dominated by a node that also dominates an indefinite, the other languages like Oiapí, Mundurukú, and Sateré-Mawé could also be handled without lexical interrogatives. Thus, with Rules (27) and (23), phrase structure rules like those in (19), and a rule of Q-Deletion, it would be possible to handle the same data as before. The trade-off is between having the Q-Deletion rule and having two other lexical features besides [+Indef]. Although not all positive specification for Q would be removed from lexical items functioning as interrogatives, all negative specification could be abandoned.

It is hard to tell which of these two ways of analyzing the synchronic data is best: the analysis built around Rules (22) and (23) or that built around (27) and (23). It could even be the case that the correct analysis should involve all three rules. The crucial question of whether a language possesses true interrogative words must be answered for EACH language. We will now present some ways of answering this question.

First, words (i.e., phonological sequences) with only an interrogative use constitute *prima facie* evidence for lexical interrogatives. In Paraguayan Guaraní [see (25)] only one word could be so classified, but the situation is quite different in Kamaiurá, as the following list shows.

- (28) Kamaiurá (Seki, n.d.)
awa 'who, person'
ma'anoat 'what, a thing'

- (u)mam 'where' (-m = locative suffix)
 mawite 'how' (-wite)
 mawi 'from where' (-wi)
 ma'are 'why'
 maramoe 'when' (-ramoe)
 maŋatĩ 'in which direction' (katĩ)
 mawitewat 'which (one)' (mawite-wat [=nom])

Comparing (25) and (28), it is interesting to note that the word for 'where' in Kamaiurá, (u)mam, does not have the meaning 'place', whereas its cognate in Paraguayan Guaraní, *mamo*, does. The majority of the interrogatives of Kamaiurá do not have any other use and seem to be formed by adding *ma-* to a suffix or postposition. Given that there is no free use of *ma-*, these words would have to be considered interrogative words even if this affixation process were productive synchronically. From these facts we would have to conclude that Kamaiurá has lexical interrogatives and that there is a process of lexicalization creating true interrogatives [deduced in this case from (u)mam].

A second argument for distinguishing interrogative lexical items from homophonous noninterrogatives is based on distinct meanings. For instance, in Kamaiurá we have the following examples with *awa* 'who, person'.

- (29) Kamaiurá (Seki, n.d.)
 a. *awa o-'ut*
 awa 3-come
 'Who is coming?'
 b. *awa o-'ut*
 awa 3-come
 'People are coming./Someone is coming.'
 c. *n-a -ecak-ite awa*
 neg-1s-see-neg *awa*
 'I don't see anyone/any people.'
 d. *po awa r-ur-i*
 Q *awa* 3-come-circum
 'Are people coming?/Is someone coming?'

In (29), the morpheme *awa* only means 'who' when in initial position with question intonation and without the question particle. The *awa* that is an indefinite is distributed like any other noun, with no special restrictions. Whatever way we formalize the distributional facts, we will have to recognize two *awa* morphemes.

An argument of a similar sort can be advanced for Paraguayan Guaraní,

although the question particle will never distinguish uses of the homonyms. In examples like (30), which could be potentially ambiguous between (31a) and (31b), the only interpretation is the interrogative one (31a).

- (30) Guaraní (Guasch 1976)
 mava-pa pe mitã'i
 mava-Q that boy
 (31) a. 'Who is that boy?' (A: Tom.)
 b. 'Is that boy a person?' (A: yes.)

As far as we can tell, what we have been calling interrogative words really are lexical interrogatives, even though in some languages these words may coexist with homonyms that are used with an indefinite or semantically general sense. Further study may make the correct analysis clearer, but for now we will consider (27) the probable protorule and (22) and (23) its modern descendants.

Having dealt with the languages of our sample in which the Q follows major phrases, we now return to the case of Kamaiurá, where the Q occurs in sentence-initial position only. We had pointed out that, under the hypothesis of an initial Q, Kamaiurá would be easy to relate to either of the other two types of languages: those like Assuriní (Tocarã), Paraguayan Guaraní, Tupinambá, and Sateré-Mawé and those like Kayabí, Oiampí, and Mundurukú. However, we have now shown in previous discussion (Section 3.1) that an initial Q cannot be postulated for these two groups of languages, because this would force us to use ad hoc rules and would prevent us from relating these two groups diachronically in a plausible way. For this reason, and also because it is in disagreement with the other languages, we consider Kamaiurá to have innovated initial Q, even though, as we will show, it is difficult to understand how this could have happened starting from an ancestral system in which Q followed major phrases and rule (27) moved questioned indefinites to initial position.

Kamaiurá can be treated synchronically either like English, with interrogatives moving to an initial Q, or like Assuriní, as having Rule (22). We prefer to begin by considering Interrogative Movement in Kamaiurá as an example of Rule (22), in contrast to our analysis in Brandon and Seki (1981c). In this case, we can treat the noncooccurrence of Int and Q by means of a filter. Such a filter would be a natural development, if, before Q was made sentence initial, Kamaiurá had negative subcategorization features for the cooccurrence of Int and Q, as in Sateré-Mawé and Mundurukú [see (21)]. The loss of the context for the negative subcategorization feature would reasonably give rise to a filter (also negative by definition) to preserve the same surface pattern. In short, Kamaiurá can be analyzed as being

similar to the other languages in terms of the transformational rule of Interrogative Movement. The problem has to do with phrase structure.

In order to have a better idea of what has happened to Kamaiurá, let us suppose that the ancestor (like the other modern descendants) had some sort of general condition on phrase structure rules stated as $H^n \rightarrow H^{n-1} (Q)$, where H is any head-of-phrase category and n is the maximum index of that category. How could such a rule become $S \rightarrow (Q) N' N' V' \dots$? It could be imagined that since major phrases can be questioned in all the other languages there is a definition of "major phrase." This definition could have been changed in Kamaiurá to refer to the most inclusive phrase, S —but then we would expect $S' \rightarrow S (Q)$. It is even possible to give a reason for changing the definition of major phrase, namely, that this would allow the syntax to restrict the realizations of Q , a task that is performed by the semantic component in the other languages. But even with the justification of preventing multiple questioned phrases, the Q should have been sentence final. There are two other points worth noting here. First, anything that might be considered part of COMP in Kamaiurá is usually sentence final and usually a verb suffix:

- (32) Kamaiurá (Seki, n.d.)¹¹
- 'ajamo rak a-ecak akwama'e-a Sapaĩ karamem-a*
today past 1s-see man-n sapaĩ present-n
me'ej-aw-er-a
give-nom-past-n
'Today I saw the man to whom Sapaĩ gave the present.'
 - a-kwahaw-ete jawar-a i-juka-tar-a*
1s-know-well jaguar-nom 3-kill-nom-n
'I know well that he will kill the jaguar.'
 - po ere-kwahap kunu'um-a jawar-a juka-taw-a*
Q 2s-know boy-n jaguar-n kill-nom-n
'Do you know whether the boy killed the jaguar?'
 - wararuwi jaw-a je-u'u-ramoẽ, a-juka korin*
dog-n 1s-bite-if, 1s-kill fut
'If the dog bites me, I will kill (him).'

Since whatever might be COMP is final, the occurrence of Q in initial position becomes even stranger. Second, note that Q is not used in embed-

¹¹ The suffixes glossed as "nom" (boldface) are marks of subordination which also help identify the roles of the NPs in the subordinated sentence. The suffix *(t)ap* identifies oblique cases or facts; *(t)at* shows that the subject is missing. Some further details are given in Brandon and Seki (1981c), and a more complete discussion is found in Brandon and Seki (1981b), which also examines the relationship of these nominalizers to complementizers in related languages.

The suffix *n* identifies a noun that has a syntactic function other than that of predicate.

ded sentences as a COMP. Where a simple embedded question would be expected, the *(t)ap* [= *taw* in (32c)] nominalizing suffix appears. This means that COMP cannot be considered responsible for the initial position of Q and, in fact, should have been another reason for Q to be final.

These points bring us back to the question of why Q has become initial in Kamaiurá. What we will suggest is that Q did become a part of the most inclusive category, which is S . However, instead of becoming final as would be expected given the phrase structure rules themselves and the position of COMP, Q was reordered to sentence-initial position by the same forces that motivated the original rule of Interrogative Movement. The rule of Interrogative Movement would not have moved the particle, since at the time this change took place the rule should have been like (22) and not like (27) or (23). Unfortunately, there is no more specific explanation available, as we have just shown.

4. CONCLUSIONS

In conclusion, it has been shown that Interrogative Movement in the eight Tupí languages studied here is not movement to a sentence-initial + WH morpheme identifiable with the yes-no question particle. Interrogative Movement does not appear to move interrogatives to an initial node of any kind, since such a node would never surface by lexical insertion. Interrogative Movement can be tentatively traced as a rule that originally moved questioned indefinites. These indefinites were eventually lexicalized as interrogative words. The original movement rule split into two rules through independent processes of generalization: One rule (for Kayabí, Oiampí, and Mundurukú) moves any phrase with a + WH item (Int or Q); the other (for Assuriní, Kamaiurá, Paraguayan Guaraní, Tupinambá, and Sateré-Mawé) moves only phrases containing a lexical interrogative. Also independently, in some languages, the question particle ceased to cooccur with interrogatives, probably as a result of perceived redundancy. In Kamaiurá, the phrase structure changed as the categories that could be questioned with Q were redefined from major categories to the most inclusive category, S , leading indirectly to an initial Q .

The conclusions drawn about the nature of Interrogative Movement are theoretically interesting, as it is shown that an initial + WH node expanding from COMP is not necessary for the statement of this rule. This fact calls into question the syntactic formulation of Interrogative Movement that has been the standard analysis for the last 10 years (i.e., from Baker 1970 through Chomsky 1980). The diachronic analysis of Interrogative Movement in these Tupí languages—and especially the development of the initial Q particle in Kamaiurá—is interesting since it is possible to observe

the development of systems similar to those in better known languages (such as English and Portuguese) and this can perhaps give us insight into these languages as well.¹² In any case, we hope that our description and analysis of these Tupí languages and our speculations about the history of Tupí can serve as a basis for the additional research so necessary for the proper understanding of these languages and of the syntax of interrogative sentences.

POSTSCRIPT

Two years have passed since this study was written for the Calgary conference. In that time we have gathered more data and advanced our analysis considerably. Since the conclusions reached in this paper are still basically valid, we have decided to add a postscript summarizing these recent developments for the reader's information, rather than write an entirely new paper.

We now have data on two other families of Tupí, Awetí (Awetí) and Mondé (Suruí and Gavião), as well as data on two other members of the Tupí-Guaraní family, Tembê and Guajajara (considered dialects of Tenetehara by Rodrigues, n.d.). These add new systems of interrogation to the ones previously observed. Neither Tembê nor Guajajara has a yes-no question particle; however, in Tembê a particle does normally accompany interrogative words, distinguishing them from homophonous indefinites. In Suruí, the question particle appears to be final, although it often is accompanied by another initial particle, which had previously been identified as the question particle. In Gavião, the question particle may either accompany the first phrase (as in Mundurukú) or it may be initial itself. It always follows the interrogative word. Awetí has a system like Kamaiurá. This leads us to a revised version of the table in (14) in which the more complex situation is represented by fuzzy boundaries (dotted lines):

(33) Tupí Interrogative Systems

	Q at phrase level		Q at sentence level		No Q
	Free	Initial	Initial	Final	
Int with Q	Assurini, Tupinambá, Paraguayan Guaraní	Kayabí Gavião			
Optional	Txiriguano	Oyampí			Tembê
Int without Q	Sateré	Mundurukú	Awetí Suruí Kamaiurá		Guajajara

A source for question particles is now clear. The particles that presently express yes-no questions appear to be cognate with particles that express emphasis of certainty and/or doubt. (In the "and" case, doubt or certainty is expressed in some other way and the particle

¹² Allen (1980) argues that the interrogative word was not moved into COMP in Old English. Other problems with overly narrow definitions of Interrogative Movement have been noted by Wachowicz (1974) and others cited in Brandon and Seki (1981c).

emphasizes either modality.) Such particles often work at the phrase level and such marked phrases are often moved to sentence-initial position. For instance, in Kamaiurá, which has an initial Q and Interrogative Movement without Q, phrases followed by the emphatic particle, *te*, are moved to initial position.

The study of other particles confirms the phrase structure rule proposed in this chapter for question particles, except that the rule should be generalized to $H^n \rightarrow H^{n-1}$ (part).

The source of interrogative words is more surely than ever found in the abundant homophonous indefinite words of the languages.

It thus seems to us that interrogative words and question particles developed from the combination of indefinites and particles of emphasis of doubt and/or certainty, which were used to express content questions. In Brandon and Seki (1981d), we supply a much more detailed analysis of how an original system like this could have developed into the modern dialects. Space would not permit even a rough outline here.

To sketch our new view of what was a mystery in this paper, it seems that movement to initial position was basically a movement into focus position of phrases marked as foci by particles, the way it still is today in the case of other particle and phrase combinations. Thus, initial position for Q seems now to be a development from systems like that of Assurini due to the loss of the focus function by the particle, which continues to retain the acquired sense of interrogation. The particle is then moved to initial position and eventually acquires the syntactic status of a sentence-initial node. Gavião would be an example of this in progress.

The problem of COMP is treated in Brandon and Seki (1981b). There we offer a definition for any category to be called COMP: Its members should have a distinct distribution, namely the margin of the sentence, and identify a sentence as being embedded as the complement of a verb, preposition, etc. This definition includes the central subset of what has been called COMP in the literature. As far as we know, there has been no attempt at a cross-linguistic definition of this category. The question of what a nominalizer is cuts across the definition of what a complementizer is, since one way that sentences are identified as embedded complements is by nominalization. It seems incorrect to treat nominalization as being in opposition to complementization, although these are in no way coterminous in Tupí, since the superficial behavior of finite sentential complements has facilitated arguments to the effect that they are surface NPs in English and other languages, as is well known. In any case, we show that languages like Mundurukú and Sateré have what can be clearly identified as COMP nodes in sentence-final position. Some members of these COMP categories are cognate with verb suffixes in other languages like Kamaiurá and could be considered nominalizers in those languages. Nonetheless, whatever could be a COMP is never initial and never could have been, if we assume that the verb suffixes developed from free morphemes through phonological processes, which seems to be the most natural diachronic possibility. For this reason, we conclude that Interrogative Movement is not movement to COMP. This is the same conclusion as in the present chapter, but more general. We can also derive from this study the obvious conclusion that +WH is not an expansion of COMP in Tupí.

ACKNOWLEDGMENTS

We would like to thank Ayrton D. Rodrigues for valuable discussion about the comparison and classification of Tupí languages and about Tupinambá. We are also grateful to Albert Graham and Cheryl Jensen for sharing their personal knowledge of the languages they work with: Sateré-Mawé and Oiampí. Bernard Comrie, E.-D. Cook, and Donna B. Gerdts made numerous helpful comments on an earlier version of this chapter. None of the above are to be

held responsible for any errors in the chapter. Finally we thank each other for hours of fascinating discussion and mutually absolve each other of blame for the errors that remain.

REFERENCES

- Allen, C. L. (1980). Whether in Old English. *Linguistic Inquiry*, 11, 789–792.
- Anchieta, Fr. J. de (1595). *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Editora Anchieta, (Facsimile edition, 1946.)
- Bach, E. (1971). Questions. *Linguistic Inquiry*, 2, 153–165.
- Baker, C. L. (1970). Notes on the description of English questions: The role of an abstract question morpheme. *Foundations of Language*, 6, 197–202.
- Baltin, M. R. (1978). *Toward a Theory of Movement Rules*. Doctoral dissertation, MIT.
- Brandon, F. R. (1981). *Two Problems with *_i COMP NP*. Unpublished manuscript, Universidade Estadual de Campinas.
- Brandon, F. R., and Seki, L. (1981a). Uma nota sobre a natureza do COMP em linguística universal. *Estudos Linguísticos*, Anais de Seminários do GEL (Vol. IV), Araraquara, São Paulo.
- Brandon, F. R., and Seki, L. (1981b). Interrogativos e complementizadores em línguas Tupi. *Estudos Linguísticos*, Anais de Seminários do GEL (Vol V), São Paulo.
- Brandon, F. R., and Seki, L. (1981c). A note on COMP as a universal. *Linguistic Inquiry*, 12, 659–665.
- Brandon, F. R., and Seki, L. (1981d). Para uma abordagem diacrônica da interrogação em Tupi. *Anais do VI Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Brandon, F. R., and Seki, L. (in preparation). Questions, complementizers, and word order in Tupi.
- Bresnan, J. (1970). On complementizers: Toward a syntactic theory of complement types. *Foundations of Language*, 6, 297–321.
- Burum, M. (Ed.) (1977). *Aypapayū'ūm'ūm Ekawen: Histórias dos Antigos Mundurukú* (Vol. 1). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Cartilha Kayabí (1978). Nos. 1 and 2, Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Chomsky, N. (1980). On binding. *Linguistic Inquiry*, 11, 1–46.
- Chomsky, N., and Lasnik, H. (1977). Filters and control. *Linguistic Inquiry*, 8, 425–504.
- Crofts, M. (1973). *Gramática Mundurukú* (Série Linguística, No. 2). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Crofts, M. (n.d.). *Gramática Pedagógica Mundurukú*. Unpublished manuscript.
- Dicionário Bilingue em Português e Mundurukú* (1977). Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio, Programa de Educação Bilingue, Brasília.
- Dobson, R. (1980). *Clause Patterns of Kayabí*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Emonds, J. (1976). *A Transformational Approach to English Syntax*. New York: Academic Press.
- Ferreira (Seki), L. (1973). *Jazyk Kamajura — Fonetika i Fonologija, Kratkie Svedenija o Grammatike*. Doctoral dissertation, Universitet Družby Narodov, Moscow.
- Graham, A. (1968). *Sateré Grammar*. Unpublished manuscript, Summer Institute of Linguistics, Brasília.
- Graham, A. (n.d.). *Texts and Analyses of Sateré*. Unpublished manuscript.
- Greenberg, J. (1963). Some universals of language with particular reference to the order of meaningful elements. In J. Greenberg (ed.), *Universals of Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Gregores, E., and Suarez, J. A. (1967). *A Description of Colloquial Guarani*. The Hague: Mouton.
- Guasch, Fr. A. (n.d.). *Diccionario Castellano-Guaraní y Guaraní-Castellano* (4th edition). Asunción, Paraguay: Ediciones Loyola.
- Guasch, Fr. A. (1976). *El Idioma Guaraní*. Asunción, Paraguay: Ediciones Loyola.
- Harrison, C. H. (1975). *Gramática Assurini* (Série Linguística No. 4). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Harrison, C. H. (n.d.). *Kamaiurá Texts*. Unpublished manuscript, Summer Institute of Linguistics, Brasília.
- Hirschbühler, P., and Rivero, M. -L. (1981). Catalan restrictive relatives. *Language*, 57, 591–625.
- Jensen, C. (1982). *Partículas en Wayapí*. Belém do Pará: Summer Institute of Linguistics.
- Livro de Frases Sateré-Mawé Português* (1978). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- McLeod, R., and Mitchell, V. (1978). *Aspectos da Língua Xavante*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- May, R. (1979). Must COMP-to-COMP movement be stipulated?. *Linguistic Inquiry* 10, 719–724.
- Nicholson, V. C. (1977). *Ordem Frasal de Clausulas na Língua Assurini*. Unpublished manuscript.
- Nicholson, V. C. (1978). *Aspectos da Língua Assurini*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Olson, G. (1978). *Descrição Preliminar de Orações Wajapí* (Ensaio Linguístico No. 3). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Rodrigues, A. D. (n.d.). *Línguas Ameríndias Brasileiras. Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A.
- Ross, J. R. (1967). *Constraints on Variables in Syntax*. Doctoral dissertation, MIT.
- Schuchard, B. (1979). *Nade ñe — Gramática Guaraní para Castellano Hablantes*. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Ayuda Para el Campesino del Oriente Boliviano — Centro Boliviano de Investigación e Acción Educativa.
- Seki, L. (n.d.). *Kamaiurá Texts and Preliminary Analyses*. Unpublished manuscript, Universidade Estadual de Campinas.
- Wachowicz, K. (1974). Against the universality of a single WH-Question Movement. *Foundations of Language*, 11, 155–166.
- Weiss, H. (1972). *Kayabí Verbs*. Unpublished manuscript.

'blood'	<i>né-?ew</i>	<i>?éw-iT</i>	<i>?ów-la</i>
'eye'	<i>né-puš</i>	<i>púč-iT</i>	<i>púš-la</i>
etc.			

Luiseno "long absolutes" are included here to show how their *-CV* corresponds to the *-TC* pattern in Cahuilla (Seiler 1980; Munro 1983). The effect seems to be the same in both languages. Now the absolute and the construct forms show an equal number of syllables. They no longer appear as complementary but as parallel.

A further innovative step in Cahuilla is represented by pairs of the following set:

	Cahuilla Construct	Cahuilla Absolute	Luiseno Absolute
'breast'	<i>né-pi?</i>	<i>hé-pi-T</i>	<i>pi-t</i>
'hand'	<i>né-ma?</i>	<i>hé-ma-T</i>	<i>má-t</i>
'leg'	<i>né-?i?</i>	<i>hé-?i-T</i>	<i>?é-t</i>
etc.			

We have a *CV*-root structure here and "short absolutes" in Luiseno. But in Cahuilla the *hé*- prefix of the third person is integrated into the stem and thus carried over into the absolute form, which latter appears to be derived from the construct.

A combination of the procedures outlined in the last two paragraphs is shown in pairs of the following set:

	Cahuilla Construct	Cahuilla Absolute
'tongue'	<i>né-naŋ</i>	<i>hé-naŋ-iT</i>
'snot'	<i>né-muv</i>	<i>hé-muv-iT</i>
etc.		

The endpoint of such integrative processes seems to be reached when prefix forms not only of the third but also of the other persons are treated as parts of the stem, as the following comparison between a "regular" distributive formation and the corresponding forms for 'house' may show:

	Absolute	Construct	Distributive Construct
'dish'	<i>wáyisma-l</i>	<i>ne-wáyisma</i>	<i>ne-wá-wyisma</i>
'his house'		<i>hé-ki?</i>	<i>hee-hki?</i>
'my house'		<i>né-ki?</i>	<i>nee-nki?</i>
etc.			

It is too early to make definite generalizations. No doubt, the processes outlined have a common denominator which, in my view, ought to be sought within the framework of the integration of elements into the word. Ultimately, it may be the good old agglutination scale that is involved here. Uto-Aztecan languages seem to shift back and forth on this scale rather easily—from looser to closer amalgamation—without, however, becoming really fusional.

HANSJAKOB SEILER, *University of Cologne*

Vol. 51
no 4, 1985

TO ERIC PRATT HAMP

REFERENCES

- HILL, JANE H., AND KENNETH C. HILL. 1968. Stress in the Cupan (Uto-Aztecan) languages. *IJAL* 34:233-41.
- MILLER, WICK R. 1967. Uto-Aztecan Cognate Sets. UCPL 48. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- MUNRO, PAMELA. 1977. Towards a reconstruction of Uto-Aztecan stress. *Studies in Stress and Accent*, ed. L. M. Hyman, pp. 303-26. Southern California Occasional Papers in Linguistics, no. 4. Los Angeles: University of Southern California.
- . 1980. Phonological vignettes in Uto-Aztecan. Ms.
- . 1983. Stress, length, and nominal form in Proto-Cupan. Ms.
- SEILER, HANSJAKOB. 1967. Structure and reconstruction in some Uto-Aztecan languages. *IJAL* 33:135-47.
- . 1977. Cahuilla Grammar. Banning, Calif.: Malki Museum Press.
- . 1980. Discussion of Pamela Munro's paper: "Phonological vignettes in Uto-Aztecan." Ms.

A NOTE ON THE LAST BOTOCUDO LANGUAGE¹

The Botocudo linguistic family, which in the past covered an extensive area of Eastern Brazil (Métraux 1946), disappeared almost completely, and no proper recordings have been made of any of its languages.² There is only one remaining member of this family, Krenak, which is moving toward extinction and which has not yet been studied.

The Krenak community gathers the remainders of the Botocudo subgroups Krenak, Gut-Krak, Nakrehé, and Munhājirum, and is highly mixed with non-Botocudos. A main concentration of the people, with fifty-seven individuals, is located at the left margin of the Doce River, in the state of Minas Gerais, and a few other families are settled in Indian Reservations in the states of São Paulo, Mato Grosso, and Paraná. Almost all the people are monolinguals of Portuguese and fewer than twenty adults, mostly old people, still have a knowledge of the native language. They use it in situations very strictly within the family context or when they do not want to be understood by strangers. Thus Krenak has lost its social function of intercommunication in the broad sense of the word. However, it is still considered the language of the community, the mark of its identity, even by those members who do not speak it.

¹ I am indebted to Adair P. Palácio for reading over this note and for giving me useful comments, and to Dr. Aryon Rodrigues for many stimulating discussions about Krenak. This note presents some results of the Botocudo Project, which includes a survey of historical sources on the people and language, as well as fieldwork for gathering data from native speakers.

² The existing documentation on the Botocudo languages consists almost exclusively of word lists, most of which are of poor quality (Seki 1983).

Fls. No. 30
Pasta M. 9. 01
Rubrica 7-1-1-1

Work on Krenak is quite a difficult task for many reasons, one of which is the attitude of the people, who mistrust the dominant Brazilian community and generally do not feel like teaching the language. The limited number of potential informants, their dispersion, the problem of evaluating the data were other handicaps (see Seki 1984). Despite all this, it has been possible to obtain some results, part of which I report here. Due to the limited space I restrict myself to presenting some characteristics of the language, including brief considerations about the interference of Portuguese on it.

Despite the wide range of fluctuation perceptually observed, which makes the phonological analysis difficult, it seems correct to say that Krenak has two series of nasal segments, one voiced and the other voiceless, distributed at four different articulatory points. These segments are opposed to each other and also to a series of voiceless stops.

The basic order of constituents in Krenak is SOV. The indirect object expressed by a pronoun precedes the direct object, but when it is expressed by a noun it follows the direct object. In all cases it is marked by a special postposition *pə/mbə*.³ Other oblique objects expressed by postpositional phrases may precede or follow the verb.

There is no copular verb in Krenak. The equative sentences consist only of nominals, the first one being the subject.

Krenak has numerous postpositions which occur following noun phrases or person markers. The genitive precedes the governing noun, and the numerals, quantifiers, and qualifiers follow the noun they modify.

Yes-no questions are asked by using an upward intonation with declarative sentences. Question words occur sentence initially.

Negation is formed by adding the morpheme *nuk* after the verb. Tense-aspectual markers also follow the verb, and the causative is expressed by adding the prefix *ri-/riu-* to the intransitive stem.

Phrase or sentence coordination is expressed by juxtaposition. Juxtaposition is also used to handle temporal and conditional statements. Cause and purpose clauses are marked at their boundaries by the morphemes *ri* and *we* respectively.

The influence of Portuguese on Krenak is stronger on the grammar, while the phonology and, to a lesser extent, the lexicon of the language seem to be more conservative. Since a full presentation of the evidences for this claim is not possible here, I give only a few examples of grammatical interference.

In expressing coordination the informant sometimes shows vacillation between the native construction and a structure in which it is clearly a borrowing from the Portuguese conjunction *e* [i]. The examples in (1) illustrate both structures:

- (1a) *kuparak əmbək kihe əmbək*
jaguar kill crocodile kill
'he killed the jaguar and the crocodile'

³ Since I still have problems with the interpretation of some phonetic details I have decided to use here a broad phonetic transcription of the data.

- (1b) *kuparak i kihe? ... ŋgrĩmbə əmbək*
jaguar and crocodile two kill

'he killed both the jaguar and the crocodile'

In sentences expressing causal relations, instead of native marker *ri*, as in (2a) below, the use of *pəke* is more frequent, borrowed from Portuguese *porque* 'because':

- (2a) *nāŋ ti puk ti mūŋ kurān ri*
he cry go want cause
'he is crying because he wants to go'
- (2b) *nāŋ ti puk ʔ pəke ʔām āŋguŋ*
he cry cont. because food inexistent
'he is crying because there is no food'

In the equative sentence the use of the copular elements *e* and *ta* is rather frequent. These correspond to Portuguese *é* and *tá* (colloquial form of *está*), respectively the third person of the copular verbs *ser* and *estar* 'to be':

- (3a) *hoti e mburūŋ*
you are Indian
'you are an Indian' (Port. *você é indio*)
- (3b) *mbək ta nu pĩpũñəŋ*
fish is in river
'the fish is in the river' (Port. *o peixe tá no rio*)

(3a) also illustrates the borrowing from Portuguese *no* [nu] 'in, on, at'.

These few examples illustrate the effect of the influence of Portuguese on Krenak.

Considering that the history of the Krenak people is a long history of severe repression, which includes physical extermination, forced acculturation, and coexistence with Indians of different tribes and languages, it is not surprising that Krenak is becoming obsolete. On the contrary, it is surprising that despite all the multiple factors which have contributed to the disaggregation of the people and consequently to the extinction of the language, it is still spoken today.

LUCY F. SEKI, *University of Campinas*

REFERENCES

- MÉTRAUX, ALFRED. 1946. The Botocudo. Handbook of South American Indians, vol. 1, ed. J. H. Steward, pp. 531-40. Bureau of American Ethnology Bulletin no. 143. Washington, D.C.: Government Printing Office.
- SEKI, LUCY. 1983. Apontamentos para a bibliografia da língua Botocudo. Ms.
- . 1984. Problemas no estudo de uma língua em extinção. Paper presented at the Thirty-Sixth Annual Meeting of the Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo.

Apontamentos para a Bibliografia da Língua Botocudo /Borum(1)

Lucy Seki

UNICAMP

Introdução.

A família linguística Botocudo (Borum), do tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1972), é uma das menos conhecidas do Brasil. Embora tenha ocupado uma enorme área geográfica que se estendia desde o rio Pardo, na Bahia, até o rio Doce, em Minas Gerais e no Espírito Santo, e embora seus povos tenham estado em contacto com os colonizadores desde o século XVI, nenhuma de suas línguas ou dialetos foi documentada de modo satisfatório até recentemente.

Nos dois primeiros séculos que se seguiram à descoberta do Brasil os contactos entre os colonizadores e os Aimorés (Aymorés, Guaimurés, Ambarés, Embarés) e os Guerens (Gherens, Grens, Krens), nomes com que eram então conhecidos os Botocudos(2), ocorreram em pontos do litoral da Bahia e do Espírito Santo, sendo esporádicos e marcados pela violência. Os indígenas teriam depois se embrenhado pelos sertões dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri e Doce, voltando a se defrontar de modo mais intenso com os colonizadores somente a partir das primeiras décadas do século XIX. Desde então o termo "Botocudo" passou a se firmar como designativo genérico desses povos, que se autodenominavam Borum. Observe-se que o termo - derivado de *botoque*, adornos labiais e auriculares de madeira - aparece ainda na literatura como designativo de outros três grupos distintos que fazem uso do artefato: os Xokleng ou Aveikoma (Botocudo de Santa Catarina), da família Jê; os Kaingang, também da família Jê, e os Aré ou Xetá (Botocudo dos rios Ivaí e Piquiri), da família Tupi-Guarani.

Em resultado de um violento processo de destruição (Marcato, 1979; Seki, 1984, 1985) os Botocudo tiveram seu número de tal modo reduzido que já em meados do presente século seriam considerados como extintos (Ribeiro, 1957). Em 1973 Emmerich e Monserrat (1975) e Stout (1973) contataram no Município de Itambacuri, MG, dois descendentes Botocudo já idosos dos quais não puderam obter mais que amostras extremamente fragmentárias da língua.

No entanto os Botocudo ainda sobrevivem e, com eles, a sua língua, embora esta se encontre mais que nunca ameaçada de extinção. Atualmente são conhecidos com o nome de Krenak, mas, além de descendentes deste, incluem também representantes de outros sub-grupos Botocudo, principalmente Nakrehá, Gut-Krak, Munhãjirum. A comunidade Botocudo apresenta um alto grau de miscigenação e acha-se dispersa, com um núcleo principal localizado às margens do rio Doce, no antigo PI Guido Marlière. Todos falam o Português típico da região rural e apenas uns dois ou três mais idosos revelam traços da língua materna ao falar o

Português. Dentre aqueles de que temos notícia, menos de 15 adultos ainda mantêm, em diferentes graus, um melhor conhecimento da língua materna.

Em 1980-1982 realizamos várias visitas aos representantes Botocudo em Minas Gerais e em São Paulo com o objetivo principal de documentar a língua a que chamam Krenak ou Nakrehe. Com base nos dados que então coletamos a quatro falantes nativos efetuamos a descrição da estrutura fonológica e gramatical da língua (Seki, 1985) procedendo, paralelamente, ao levantamento das fontes lingüísticas referentes ao Botocudo. O resultado deste levantamento é apresentado neste trabalho.

Não é esta a primeira compilação de documentos lingüísticos do Botocudo. Em 1863 von Martius reuniu sete vocabulários conhecidos até então, entre os quais uma lista que ele e Spix coletaram. Loukotka (1955) compilou as fontes de dados lingüísticos do Botocudo disponíveis até cerca de 1950, sem apresentar uma análise individual das fontes, mas utilizando-as para tentar estabelecer "um esboço da fonologia e da gramática da língua". Mais recentemente, Emmerich e Monserrat (1975) analisaram vinte e oito vocabulários, incluindo duas listas que coletaram em Itambacuri, com o objetivo de depreender a estrutura fonêmica da língua e estabelecer eventuais diferenças dialetais.

Embora o presente trabalho inclua materiais inéditos, não mencionados em compilações anteriores, não houve de nossa parte preocupação com originalidade, mas antes com uma maior abrangência, ou seja, nele procuramos informar sobre todas as fontes de dados lingüísticos referentes ao Botocudo que nos foi possível localizar e analisar. Incluímos também informações sobre algumas fontes que não foi possível examinar por serem de difícil acesso ou de localização atualmente desconhecida por nós.

Numa situação em que a quase totalidade dos outrora numerosos grupos Botocudo desapareceu completamente e em que, na variante ainda falada atualmente se faz sentir a redução cada vez maior de suas funções, os documentos lingüísticos referentes a vários grupos Botocudo e produzidos no decorrer do tempo, não obstante suas muitas deficiências, constituem a única fonte para o estudo histórico da língua e podem também contribuir para um melhor conhecimento da variante existente. Por sua vez, o conhecimento de uma língua Botocudo obtido diretamente do contacto com falantes nativos abre uma nova perspectiva para a abordagem e compreensão desses materiais, principalmente levando-se em conta a ausência de diferenças consideráveis entre os dialetos (ver adiante). Assim sendo, julgamos ser de validade mais esta tentativa no sentido de organizar as fontes lingüísticas do Botocudo e, deste modo, facilitar sua utilização.

I. Materiais lingüísticos do Botocudo

1. Considerações Gerais.

Ao contrário do que ocorreu com línguas Tupi, já documentadas desde a primeira metade do século XVI, os primeiros materiais lingüísticos referentes ao Botocudo foram produzidos somente em 1816, em resultado da visita do Príncipe Wied-Neuwied aos índios do rio Jequitinhonha (Wied, 1958). Desde então até bem recentemente uma quantidade razoável de materiais sobre a língua Botocudo foi produzida por um grupo muito diversificado de pessoas que por um ou outro motivo tiveram contacto com os falantes e se interessaram por sua língua. Eram pessoas de diferentes nacionalidades e que tinham as mais variadas ocupações, contando-se entre eles naturalistas, geógrafos, engenheiros, religiosos, etnólogos, funcionários a serviço do governo, militares, lingüistas e até um farmacêutico. Compreende-se, pois, que os materiais por eles coletados muito variem quanto ao valor e se encontrem extremamente dispersos.

Dentre as fontes lingüísticas do Botocudo não há nenhuma descrição completa da gramática da língua. A quase totalidade dos materiais consiste de listas vocabulares de extensão variável, contendo, algumas vezes, umas poucas frases. Esta falha no estudo não só do Botocudo, mas também de outras línguas indígenas brasileiras, conforme observado por Mattoso Câmara Jr. (1965), explica-se em parte pelo interesse secundário dos estudiosos pela língua, considerada apenas como um meio de atingir objetivos não lingüísticos, ligados a ocupação primordial de cada um. É importante também considerar que via de regra esses estudiosos, principalmente os do século XIX, não tinham formação lingüística especial e abordavam a língua sob um prisma etnocentrista, tentando nela encontrar as mesmas características de línguas indo-européias e, sem consegui-lo, limitavam-se à organização de listas vocabulares. Assim, muitos deles, não obstante o seu interesse direto pela língua e o contacto prolongado com os falantes não puderam chegar à descrição da estrutura fonológica e/ou gramatical. Parecem-nos significativas a este respeito as considerações um tanto amargas que Marlière, um dos principais estudiosos do Botocudo, apresenta na introdução ao seu trabalho "Idiomas ou línguas dos Índios. Língua Botocudo". Lamentando não poder "descobrir a chave", i.é., "estabelecer um sistema" para as línguas indígenas Marlière acrescenta: "ajuntei vocabulários, amontoei nomes de homens, árvores, animais, pássaros mas para organizar um discurso e os distribuir no seu lugar, perco-me: tudo à falta de hum Índio sciente de outra qualquer língua dos civilizados, e de sua, para servir-me de piloto" (Marlière, 1905, p.544). Do mesmo modo que Marlière, também o Príncipe de Wied-Neuwied explica a dificuldade em sistematizar a gramática Botocudo pela

impossibilidade de obter dos falantes explicações satisfatórias sobre a estrutura da língua (Wied, 1940).

Somente no século XX os Botocudo seriam contactados por linguistas profissionais ou por pessoas que tinham à sua disposição uma técnica específica para a abordagem da língua. O etnólogo russo H.H.Manizer antes de visitar, em 1915, os Botocudo do rio Doce, obteve formação lingüística com B. de Courtenay (Linguística Teórica) e L.V.Tscherba (Fonética Geral e Experimental), estando, portanto, melhor aparelhado que seus predecessores para o estudo da língua. De fato, as informações disponíveis sobre a obra de Manizer levam a concluir que a mesma contém dados extremamente valiosos sobre a língua Botocudo, inclusive 13 textos e 10 canções. Infelizmente Manizer perdeu a vida muito cedo, pouco tempo depois de encerrar sua estadia de seis meses no rio Doce e antes que tivesse podido elaborar os materiais que aqui coletou (Schprintsin, 1961). Apenas recentemente esses textos foram publicados (Sebestyén, 1981).

Dentre os linguistas que sucederam a Manizer destaca-se o trabalho do Professor Mansur Guérios (1944), o qual não se restringiu, como os demais, à confecção de uma simples lista vocabular, mas orientou sua coleta de dados para a estrutura gramatical da língua. Seus materiais, que infelizmente não elaborou, permitem, assim, obter informações sobre fatos gramaticais como tempo, aspecto, marcadores de pessoa, tipos de orações, entre outros.

2. Tentativas de sistematização da estrutura da língua

Conforme mencionado, os materiais lingüísticos do Botocudo não incluem nenhuma descrição da estrutura gramatical. As poucas tentativas no sentido de sistematização a nível gramatical consistem de observações extremamente fragmentárias sobre certos aspectos da língua, incluindo listas de alguns advérbios, demonstrativos, numerais, etc. Três dessas tentativas são do século XIX: a de Goetling (in Wied, 1940), que teve à sua disposição um falante botocudo, levado por Wied a Alemanha; a de Ehrenreich (1887), que se utilizou dos próprios dados, considerando ainda os de outros estudiosos, e a de Müller (1888), feita com base nos materiais de Ehrenreich. Além de observações sobre a gramática, o trabalho de Ehrenreich inclui também um apanhado dos sons da língua. No século XX tivemos a tentativa de Loukotka (1955) e os trabalhos de Seki (1985, 1985a, 1986), a nível fonológico e gramatical. No âmbito da fonologia, além do já mencionado trabalho de Emmerich e Monserrat (1975), temos o de Silva (1986), que dedica especial atenção a aspectos fonéticos da língua.

3.Textos e frases

A presença de textos narrativos nas fontes é muito importante dada a dificuldade em obtê-los dos falantes atuais (nossos textos consistem principalmente de cartas faladas). No entanto só foram incluídos em duas delas. A maior quantidade e uma apresentação adequada encontram-se nos materiais de Manizer: treze textos com tradução por frases e por morfemas (Schprintsin, 1961). Silveira (1922) transcreve um pequeno texto e um diálogo e Rudolph (1909) apresenta inúmeras frases e um longo diálogo ao final de seu vocabulário. Frases são encontradas em Mansur Guérios (1944), Baeta (1924), nos meus próprios dados e, bem mais modestamente em outros poucos vocabulários.

4.Vocabulários

Dentre os documentos lingüísticos do Botocudo que reunimos ou de que temos notícia contam-se 58 vocabulários ou listas de palavras (o número será bem maior se forem incluídos os casos de cópias e reproduções), com volume variável entre dez e pouco mais de três mil itens. Apresenta-se a seguir uma tentativa de caracterização geral destes materiais.

4.1.Transcrição/Grafia

Em apenas uns poucos vocabulários produzidos já no século XX, salvo raras exceções, por linguistas, foi utilizado algum tipo de transcrição fonética (Manizer, 1915; Baeta, 1924; Nimuendaju, 1939; Mansur Guérios, 1943; Bridgeman, 1958; Emmerich e Monserrat, 1973; Stout, 1973; Seki, 1982). Nos demais, os termos botocudo foram anotados basicamente por meio dos sinais gráficos da língua de cada coletor, via de regra Alemão, Francês e Português, complementados, por vezes, com sinais correntes em línguas européias conhecidas, caso em que vem indicado o nome da língua. É frequente também a inclusão de sinais diacríticos cujo valor nem sempre é explicitado, e de observações impressionísticas sobre os sons, por exemplo ä soa como e, ou entre a e e.

O conhecimento da língua Krenak e também das dificuldades que ela coloca mesmo a linguistas profissionais faz supor que a maioria das fontes nos dá uma representação bastante simplificada e, por vezes, deformada da realidade fonética do Botocudo, seja devido a deficiências na transcrição, seja devido a problemas de percepção por parte do coletor. Há em Krenak uma série de nasais surdas cuja presença é bastante rara nas línguas do mundo. O Krenak inclui

também segmentos pré- e pós-nasalizados com ambos os segmentos vozeados ou surdos, com casos de vozeamento parcial dos elementos oclusivos e apresenta uma grande variação na produção dos vocóides, bem como alternâncias entre sons consonantais em certos contextos (Seki, 1985). Considerando-se que as diferenças dialetais eram reduzidas, é de se esperar que pelo menos alguns dialetos apresentassem sistema semelhante, em todo ou em parte. De fato, há evidências nos dados de alguns vocabulários de que havia nasais surdas no dialeto de que tratam. Contudo, nenhum vocabulário as registra. Apenas Manizer aproximou-se bastante na percepção desses segmentos, conforme é possível verificar pela descrição que faz dos mesmos: "No que diz respeito ao *m*, ele também se inicia com o ruído da corrente de ar que sai pelo nariz e produz impressão auditiva de *xm*" (Schprintsin, 1961, p.103). Os segmentos pós-nasalizados vozeados constam raramente dos registros e sua presença ou ausência não pode ser simplesmente imputada a diferenças dialetais. Em 1973, com uma diferença de tempo inferior a três meses Emmerich & Monserrat e Stout coletaram dados a uma mesma falante Botocudo, sendo que as pós-nasalizadas constam somente do registro feito por Stout.

4.2. Conteúdo

Os vocabulários registram o termo botocudo e seu equivalente em uma língua européia que varia conforme a nacionalidade e/ou conhecimentos do coletor. Há somente dois casos de existência concomitante do vocabulário inverso: Rudolph (1909) e Silveira (1922).

Há listas (as de Nimuendaju, por exemplo) organizadas segundo vocabulários padrão dos etnólogos alemães do século XIX, e outras (Baeta, 1924; Bridgeman, 1958) que seguem vocabulários padrões organizados por linguistas; como o "Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras", Museu Nacional, 1960.

Em alguns vocabulários há o registro de formas complexas (locuções e frases) do Botocudo como equivalentes a termos simples da língua de tradução. Rudolph (1909), por exemplo, anotou *tschon aku* como "queimar", quando na realidade o que se tem é "voce queima/acende o pau". No vocabulário Naknanuk (Anônimo II, s/d) encontramos *kan-mek-mek* como equivalente a "curto", mas que de fato corresponde a "isso é curto". Tais registros se devem ao desconhecimento da estrutura gramatical e morfológica da língua. Ao contrário de línguas européias, em Botocudo, como em outras línguas indígenas, o verbo transitivo, o intransitivo e o descritivo ou os nomes de uma certa classe (obrigatoriamente possuídos) nunca ocorrem isoladamente, mas vêm sempre precedidos do respectivo objeto, sujeito ou possuidor. É natural,

portanto, que quando solicitados a fornecer o equivalente a itens desse tipo os falantes fornecessem a estrutura complexa em Botocudo, o que passava despercebido ao coletor, já que este não procedia à análise morfológica e/ou gramatical das formas. Na utilização dos materiais por outros pesquisadores tais fatos podem induzir a enganos. Por outro lado, essa mesma falha pode resultar positiva pois, se devidamente analisadas, as formas complexas representam informação suplementar sobre a língua.

4.3. Modo de Coleta

A coleta de dados não raro foi feita por meio de intérpretes que não eram falantes nativos de Botocudo. O Príncipe Wied-Neuwied percebeu os inconvenientes desse procedimento e aconselhava ao estudioso coletar os vocabulários com base na pronúncia de um falante nativo "pois se os recolhe de uma terceira pessoa pertencente a outra nação, escreve-os -á inexatamente" ... "os vocábulos botocudo que eu escrevia pela pronúncia dos portugueses eram incorretos, porque esses fazem sempre ouvir no fim das palavras um som que se aproxima do / " (Wied, 1940, p.547).

Um outro fato a assinalar é que a coleta parece ter sido feita muitas vezes através da indicação de objetos ou situações concretas, o que nem sempre era bem compreendido pelo informante, resultando em enganos. Acredito ser este, por exemplo, o caso das formas *krenkat* "pele da cabeça", anotado como "pele", ou de *ahap* "voce se sentou", dado como "descansar" (Rudolph, 1909). Conforme já se observou, muitos enganos deste tipo podem ser esclarecidos através do conhecimento do Krenak/Nakrehé e de uma análise detalhada do próprio material.

4.4. A questão dos dialetos

As fontes históricas mencionam frequentemente a mútua inteligibilidade entre os vários grupos botocudo ou notam a ausência de diferenças lingüísticas "consideráveis" entre os dialetos sem, contudo, explicitar quais seriam essas diferenças a nível fonológico, gramatical ou lexical. O único meio de determinar a natureza dessas diferenças é através da análise dos materiais disponíveis, e a viabilidade de tal estudo é comprovada pelo trabalho de Emmerich e Monserrat (1975) com referência a fonologia. Atualmente as condições para a análise e aproveitamento das fontes lingüísticas são mais favoráveis, dada a existência de informações sobre a estrutura de uma língua botocudo viva - o Krenak/Nakrehé. Persistem no entanto várias dificuldades na utilização dessas fontes.

O fato de não existirem maiores diferenças entre os dialetos botocudo implica a maior importância da focalização de detalhes. Porém, conforme observado, a transcrição dos dados é geralmente imprecisa e, no que diz respeito a gramática, os dados referentes a qualquer língua botocudo, à exceção do Krenak/Nakrehé, são muito exíguos, assim como o são também alguns vocabulários. Por outro lado, muitos documentos não contêm indicações sobre o grupo ou sobre a data em que foi feita a coleta, e nem sempre há informações sobre os critérios que levaram alguns estudiosos a incluir diferentes denominações grupais sob um mesmo título, não ficando claro se o fizeram por tratar-se de uma mesma variante dialetal ou se porque as diferenças não pareceram importantes aos autores.

Das inúmeras denominações atribuídas a grupos botocudo quase vinte estão representadas nos vocabulários, conforme resumo no Quadro I. Considerando-se os casos em que o vocabulário é identificado como sendo de um único grupo temos duas situações:

- a) Documentos referentes a um mesmo grupo, produzidos por um mesmo estudioso em uma mesma época. É o que ocorre com os materiais de Manizer sobre o Krenak e o Nakrehé, e os de Nimuendaju, sobre o Araná, Nakrehé, Nakpie, Munhãjirum e Naknanuk, configurando uma situação bastante propícia para a comparação entre os dados, principalmente considerando-se a boa qualidade das transcrições feitas por ambos. Infelizmente os documentos produzidos por Manizer são ainda inacessíveis, e os de Nimuendaju são somente listas, algumas bem reduzidas.
- b) Materiais referentes a um mesmo grupo, produzidos por diferentes estudiosos em uma mesma época ou em épocas distintas (cf. Quadro I) e cuja análise permitiria acompanhar, ainda que em linhas bem gerais devido às divergências de registro, as mudanças ocorridas na língua (ou nos dialetos) e, talvez, esclarecer questões relacionadas à morte de línguas.

Temos ainda casos de vocabulários referentes a mais de uma denominação grupal e que vem indicados na segunda parte do Quadro I. Os demais vocabulários vêm incluídos na relação geral de materiais lingüísticos do Botocudo que acompanha esta introdução e na qual se apresenta uma breve descrição dos mesmos.

Obviamente, diferentes denominações não implicam necessariamente diferentes dialetos. Como se sabe, uma característica dos Botocudo era a sua fragmentação em pequenos grupos, cada um dos quais tinha sua própria denominação. Por outro lado, um mesmo grupo podia receber denominações diferentes dependendo do local onde aparecia. Tampouco o local de coleta é um critério adequado, principalmente se considerarmos que com o avanço do colonizador os grupos Botocudo viam-se obrigados a uma mobilidade cada vez maior. Em períodos mais recentes, à

proporção em que seu número se reduzia, representantes de diversos grupos eram reunidos em um mesmo local. No PI Pancas, por exemplo, Manizer encontrou representantes de Munhajirum, Gut-Krak, Nakrehê e Jiporok (Schprintsin, 1961).

Cumpre lembrar que a partir de um certo momento os remanescentes Botocudo passaram a ser conhecidos com o nome de Krenak e, não obstante alguns se identifiquem como pertencentes a outros subgrupos, todos parecem aceitar em linhas gerais essa denominação (Seki, 1981). Não é improvável que semelhante generalização tenha ocorrido em alguns dos materiais sob o título de Krenak.

QUADRO I

Grupo	Autor	Data/coleta	Local	Conteúdo
Araná	Nimuendaju	1939	Itambacuri	46 itens
Bakuen	Cathoud	1936	Imburana	60 "
Gueren	Schott Etienne	1815/17	Oliveira (BA)	24 "
		1909		27 "
Gut-Krak	Knoche	1913	Colatina	37 "
Jiporok	Barbosa D'Almeida	1845	Mucuri	43 "
Krakmun	Wied	1816	Jequitinhonha	459 "
	Saint-Hilaire	1820 aprox.	S. Miguel	40 "
	Marlière	1833	r. Doce	775 "
	Jomard	1846(publ.)	Paris	125 "
	Martius	1863		425 " (3)
	Figueiredo	1939 (publ.)		10 "
Krenak	Estigarribia	1912	r. Doce	220 "
	Manizer	1915	PI Pancas (ES)	723 fichas(4)
	Símones da Silva	1918	r.Doce,entre MG e ES	165 itens
	Froes de Abreu	1926	r. Doce	178 "
	Mansur Guérios	1944	A. Krenak	660 + fr.
	Bridgeman	1958	PI Vanuíre	350 itens
	Seki	1980-82	F.Guarani; r. Doce	900 + fr.

(continua)

A REDUPLICAÇÃO EM KAMAIURÁ E TUPINAMBÁ

LUCY SEKI

UNICAMP

O Kamaiurá e o Tupinambá (família Tupi-Guarani) empregam largamente a reduplicação nominal e verbal para fins variados. Sob uma aparente simplicidade o processo de reduplicação nessas línguas encobre aspectos complexos cuja investigação é de interesse não só por levar a um melhor conhecimento das próprias línguas envolvidas, como também por ser capaz de oferecer uma contribuição à teoria linguística.

No presente trabalho proporemos uma análise da reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá em termos de um esqueleto de consoantes e vogais, seguindo o modelo autosegmental da reduplicação de A. Marantz (1982). Mostraremos que este modelo permite tratar o processo em ambas as línguas de uma maneira muito mais simples e satisfatória do que uma análise em termos de sílabas, conforme tem sido sugerida para o Tupinambá por Barbosa (1956), Rodrigues (1982). Mostraremos ainda que segundo a análise aqui proposta a reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá oferece uma forte evidência a favor da postulação de múltiplos níveis em uma teoria fonológica como a de J. Goldsmith (1976), M. Halle e J.R. Vergnaud (1980), J. McCarthy (1981) e outros.

A análise baseou-se em um corpus da língua Kamaiurá, coletado pela autora junto a falantes nativos, e em dados contidos em fontes bibliográficas sobre o Tupinambá ou Tupi Antigo, basicamente Anchieta (1946), Araujo (1952).

Faremos inicialmente uma breve exposição dos fatos, passando a seguir à discussão das duas análises alternativas.

1. Os fatos básicos

Distinguem-se dois tipos de reduplicação em Kamaiurá (K) e Tupinambá (T). No primeiro tipo (R2), repetem-se segmentos das duas últimas sílabas do radical, para múltiplos fins. A reduplicação de numerais forma o distributivo; a de substantivos forma o distributivo ou assinala a multiplicidade; a de descritivos exprime fundamentalmente a intensidade e a de verbos, por vezes em conexão com outros afixos, exprime diversas distinções aspectuais:

- (1) a. K e T: mokõj "dois", mokomokõj "de dois em dois"
b. K: 'at "dia", je'aje'at "meu dia a dia"
c. T: ybytyr "montanha", ybytybytyr "várias montanhas"
d. K e T: pinim "pintado", pinipinim "muito pintado"
e. K: pyhyk "pegar", pyhypyhyk "ficar pegando"
f. T: ojemojeta "falar consigo mesmo", ojemojetajeta "resmungar"
g. K e T: -jeka "quebrar-se", -jekajeka "espetifar-se".

No segundo tipo (R1) repetem-se segmentos apenas da última sílaba do radical. Ao contrário do anterior, este tipo é pouco produtivo nas duas línguas e tem somente uma função: a de formar o sucessivo.

- (2) K e T: mokon "engolir", mokokon "engolir um após outro"

Tanto em R2 como em R1, nos casos de radicais terminados em sílabas (C)VC, a consoante final desaparece na fronteira entre o morfema reduplicativo e o radical, conforme ilustrado em (1) a-e.

2. Análise silábica

Uma análise possível da reduplicação nessas línguas, e que tem sido proposta para o Tupinambá por Barbosa (1956) e Rodrigues (1982- e com. pessoal), considera o processo em termos de sílabas, e pode ser assim resumida:

- (3) (i) O morfema reduplicativo é um sufixo constituído das duas últimas sílabas (R2) ou da última sílaba (R1) do radical;
- (ii) Se o radical termina em sílaba (C)V, perde a consoante final ao receber o sufixo.

Adotando-se a análise (3), teríamos derivações como em (4), por exemplo:

(4) K e T: mokon "engolir"

- a. $\text{mokon} + \text{Morf R2} \rightarrow \text{mokon} + \text{mokon}$ (queda de C) $\rightarrow$
mokomokon "engolir frequentemente"
- b. $\text{mokon} + \text{Morf R1} \rightarrow \text{mokon} + \text{kon}$ (queda de C) $\rightarrow$
mokokon "engolir um após outro"

Segundo esta interpretação, a queda da consoante final do radical se enquadraria nos casos gerais de simplificação de sequências consonantais, ou seja, resultaria da aplicação de uma regra operante nas duas línguas, responsáveis pelas formas em (5) e (6), por exemplo:

(5) Kamaiurã

- a. $\text{'anup} + \text{katu} \rightarrow \text{'anukatu}$ "ouvir bem", "entender"
- b. $\text{jetyk} + \text{tsiŋ} \rightarrow \text{jetytsiŋ}$ "batata branca"
- c. $\text{aikwat} + \text{kyta} \rightarrow \text{aikwakyta}$ "pomo de adão"

(6) Tupinambá

- a. $\text{pwerap} + \text{katu} \rightarrow \text{pwerakatu}$ "sara bem"

b. jukyr + taj → jukytaj "sal ardido"

c. aob + tij → aotij "veste branca"

Acontece porém que em ambas as línguas, no caso particular das reduplicações, a consoante cai não só diante de consoante, mas também diante de vogal:

(7) Kamaiurã

a. etum "cheirar" → etuetun "ficar cheirando"

* etunetun

b. ekyj "puxar" → ekyekyj "ficar puxando"

* ekyjekyj

(8) Tupinambã

a. apor "eu salto" → apoapor "eu salto frequentemente"

* aporapor

b. pweraj "aborrecer-se" → pwerajeraj "aborrecer-se frequentemente"

* pwerajeraj

Em contextos não reduplicativos não há essa queda de C, ou seja, o segmento [+cons] final de um morfema permanece nos casos em que o morfema seguinte é iniciado por vogal, e passa a constituir uma sílaba com esta vogal:

(9) a. Kamaiurã

je - r - eak - aw - er - a — je.re.ca.ka.we.ra

1 rel. ver nom. pas. m.nom "a ação de me ver"

b. Tupinambã

sye pysyk - ar - e⁷ym - a — sye.py.sy.ka.re.⁷y.ma

1 segurar NOM - neg. m.nom "o que não me segura"

Assim, a queda da constante final nas reduplicações ocorre num contexto específico e não pode ser considerada como resultante da aplicação da regra geral de simplificação de sequências consonantais. Uma solução possível para o problema, ^{que se desprende da análise} ~~também~~ proposta para o Tupinambá (Rodrigues, 1981 e com. pessoal), seria a utilização de uma regra como (10), que leva em conta esse contexto específico:

$$(10) c \rightarrow \emptyset / \text{---} [+seg]$$

+ Morf. red.

Esta solução, porém tem sérios problemas. Apresentando a queda de C como provocada pela presença de um morfema específico, a regra (10) faz uso de informação puramente morfológica para dar conta de um fato de natureza fonológica, o que não é conveniente dada a possibilidade de uma explicação fonológica para esse fato. Ao mesmo tempo essa regra não permite captar a relação que existe entre a queda da consoante nas reduplicações e demais contextos. De fato, a regra (10) é totalmente ad hoc: sua única motivação é dar conta de um conjunto particular de dados, considerados separadamente da estrutura geral das duas línguas. Assim sendo, não é capaz de relacionar o processo envolvido a uma restrição geral dessa estrutura, e que permitiria explicar a queda de C: a restrição contra sequências consonantais. Pior ainda, visto em termos mais gerais, continuamos com o problema: porque nas reduplicações, mas não em outros contextos a consoante cai também diante de vogais?

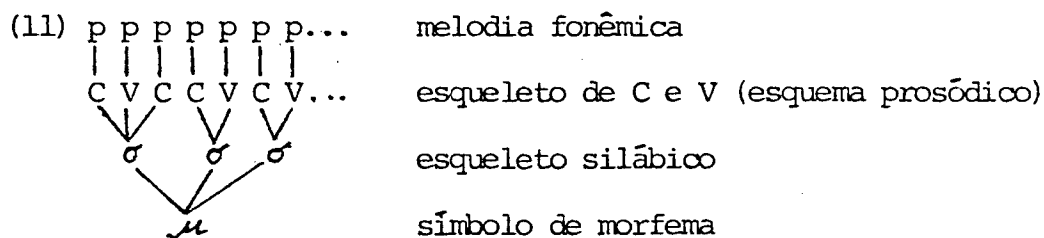
A conclusão a que se chega é que a análise silábica não é satisfatória visto implicar na adoção de uma regra problemática como (10).

3. Reduplicação como afixação de um esqueleto de C-V.

1. A análise alternativa que sugerimos para o processo de reduplicação em K e T é considerá-lo como consistindo da afixação de um esqueleto ^{leto}

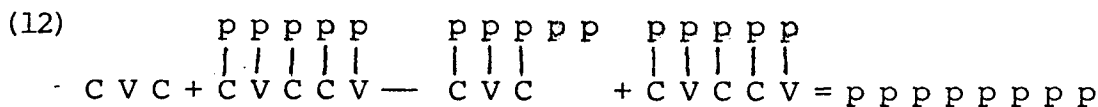
consoantes e vogais, de um tipo proposto por A. Marantz (1982) em sua teoria autosegmental da reduplicação.

A teoria de Marantz pressupõe que os morfemas tem uma estrutura com os níveis esquematizados em (11), e em que o esqueleto de consoantes e vogais (esquema prosódico) e a melodia fonêmica estão dispostos em níveis separados, associando-se segundo princípios da fonologia autosegmental.



Para Marantz, todo processo de reduplicação pode ser caracterizado por um esqueleto de consoantes e vogais, esqueleto este que é um morfema reduplicativo. A forma do esqueleto é fixa para o processo de reduplicação e independe do esqueleto do morfema base, ou seja, do radical base.

Segundo Marantz, na maioria dos casos a reduplicação consiste da afixação de um simples esqueleto de consoantes e vogais de um radical que é constituído de um esqueleto com uma melodia fonêmica (fonemas) associada. Ao afixar-se ao radical, o afixo-esqueleto dele toma emprestada a melodia fonêmica.



A associação dos fonemas às posições do esqueleto se faz segundo 4 condições gerais:

- Elementos +vocálico só podem ser associados a V, e elementos -vocálico só podem ser associados a C;
- A associação de fonemas às posições do esqueleto se faz um a um, não sendo permitidas as ligações múltiplas. As posições e/ou fonemas não asso-

ciados são apagados;

C. As posições do esqueleto podem ser pré-associadas a traços distintivos;

D.i. A associação de fonemas ao esqueleto se faz a partir do fonema e da posição mais à esquerda, indo para a direita, ou a partir do fonema e da posição mais à direita, indo para a esquerda, nos casos respectivamente de prefixação ou sufixação não marcadas.

D.ii. A associação dos fonemas ao afixo-esqueleto é dirigida no sentido em que, para cada fonema, o procedimento de associação percorre o esqueleto da esquerda para a direita (ou da direita para a esquerda) até encontrar a posição apropriada para o fonema (segundo a condição A), saltando as posições do esqueleto que não satisfazem à especificação.

Estes são princípios da gramática universal, e sua violação por uma determinada língua implica num custo teórico que se manifesta na necessidade de postular regras específicas para essa língua.

2. Com relação ao Kamaiurá e ao Tupinambá, parece interessante uma análise de seu processo de reduplicação como prefixação de um esqueleto CVCV para R2 (e CV, para R1). Se tal análise resultar viável, teremos resolvido o problema da queda da consoante no limite entre o morfema reduplicativo e o radical, uma vez que o prefixo-esqueleto não inclui a posição correspondente a essa consoante. Consideremos essa possibilidade, usando o esqueleto CVCV como base para a discussão.

(13) Kamaiurá (R2)

a. kyci "cortar"

$$\begin{array}{ccccccc} & & k & y & c & i & & k & y & c & i & & k & y & c & i \\ & & | & | & | & | & & | & | & | & | & & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & C & V & C & V & - & C & V & C & V & + & C & V & C & V = kycikyci \text{ "retalhar"} \end{array}$$

b. pyhyk "pegar"

$$\begin{array}{ccccccc} & & p & y & h & y & k & & p & y & h & y & k & & p & y & h & y & k \\ & & | & | & | & | & | & & | & | & | & | & | & & | & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & C & V & C & V & C & \rightarrow & C & V & C & V & + & C & V & C & V & C & = & pyhyppyhyk & \text{"ficar pe} \\ & gando\text{"} \end{array}$$

c. etun "cheirar"

$$\begin{array}{ccccccc} & & e & t & u & n & & e & t & u & n & & e & t & u & n \\ & & | & | & | & | & & | & | & | & | & & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & V & C & V & C & \rightarrow & C & V & C & V & + & V & C & V & C & = & etuetun & \text{"ficar cheirando"} \end{array}$$

d. (j)ene) raem "(nosso) grito"

$$\begin{array}{ccccccc} & & r & a & e & m & & r & a & e & m & & r & a & e & m \\ & & | & | & | & | & & | & | & | & | & & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & C & V & V & C & \rightarrow & C & V & C & V & + & C & V & V & C & = & (j)ene) raeraem \end{array}$$

"(nossos) gritos múltiplos
e espaçados"

e. ay "dolorido"

$$\begin{array}{ccccccc} & & a & y & & a & y & & ay \\ & & | & | & & | & | & & | & | \\ C & V & C & V & + & V & V & \rightarrow & C & V & C & V & + & W & = & ayay & \text{"muito dolorido"} \end{array}$$

(14) Tupinambã (R2)

a. kyti "cortar"; kytikyti "retalhar"

$$\begin{array}{ccccccc} & & k & y & t & i & & k & y & t & i & & k & y & t & i \\ & & | & | & | & | & & | & | & | & | & & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & C & V & C & V & \rightarrow & C & V & C & V & + & C & V & C & V & = & kytikyti \end{array}$$

b. pysyk "pegar"; pysypysyk "ficar pegando"

$$\begin{array}{ccccccc} & & p & y & s & y & k & & p & y & s & y & k & & p & y & s & y & k \\ & & | & | & | & | & | & & | & | & | & | & | & & | & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & C & V & C & V & C & \rightarrow & C & V & C & V & + & C & V & C & V & C & = & pysypysyk \end{array}$$

c. apor "eu salto"; apoapor "eu salto frequentemente"

$$\begin{array}{ccccccc} & & a & p & o & r & & a & p & o & r & & a & p & o & r \\ & & | & | & | & | & & | & | & | & | & & | & | & | & | \\ C & V & C & V & + & V & C & V & C & \rightarrow & C & V & C & V & + & V & C & V & C & = & apoapor \end{array}$$

Não obstante, essa análise é problemática. Ocorre que no pro

cesso de reduplicação em K e T o ponto a partir do qual é feita a cópia de segmentos, e que corresponderia ao ponto de prefixação do morfema reduplicativo, coincide sempre com uma fronteira de sílaba, mas não necessariamente com uma de morfema. De fato, o tipo mais produtivo de reduplicação nessas línguas, R2, copia também material do morfema imediatamente anterior à raiz, quando esta tem apenas uma sílaba, de modo a completar a configuração dissilábica do reduplicativo. O material exterior à raiz pode constituir um morfema ou parte de um morfema, e neste último caso o ponto inicial da cópia - e da inserção -, localiza-se no interior do morfema, como em (15) abaixo:

(15) K e T: o + mo + kuj "fazer cair"

3 cons. cons.

a. (R1) o + mo + ku + kuj "fazer cair um após outro"

b. (R2) o + mo + ku + mo + kuj "fazer cair de um em um"

(16) a. K: ere + o "você vai" →

2 ir

e+reo+reo "você vai frequentemente"

b. T: at+ juru + pyk "tapei-lhe a boca" →

1 boca tapar

at+ ju+ru py+rupyk "tapei-lhe a boca demoradamente"

Assim sendo, teríamos na análise em discussão um morfema reduplicativo que ora é prefixo - se o ponto de sua inserção coincide com uma fronteira de morfema, como em (17)a. e b., e que ora é um infixo - se esse ponto recai no interior de um morfema, como em (18)a. e b acima. Qualquer que seja o caso, essa análise implica na adoção de um mecanismo complexo, envolvendo três operações distintas: a contagem de sílabas (para determinar o ponto inicial da cópia e da prefixação ou infixação do morfema), a cópia e a inserção do morfema.

3. De fato, a reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá, não é um caso de prefixação ou infixação, mas sim de sufixação. Seguindo a teoria de Marantz, propomos um sufixo-esqueleto CVCVC para o tipo R2 de reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá.

a. ere o "você vai"

b. py'aka "quebrar (ka) a barriga (py'a)"

(18) Tupinambá

a. ereso "você vai"

b. mom^b eu "contar"

O esqueleto proposto é capaz de dar conta dos sufixos redupli-
cativos em todos os casos acima. Sendo um caso de sufixação mais marcada, a
cópia da melodia fonêmica se faz da direita para a esquerda (condição D.ii)
associando os feixes de traços às posições apropriadas, ou seja, [+voc] a v,

[-voc] a C (condição A), saltando aquelas posições que não satisfazem à especificação.

Consideremos, porém, os conjuntos de dados em (19) e (20),
constituídos de radicais terminados em C:

(19) Kamaiurã

a. pyhyk "pegar"

$$\begin{array}{cccccc} p & y & h & y & k & & p & y & h & y & k \\ | & | & | & | & | & & | & | & | & | & | \\ C & V & C & V & C & + & C & V & C & V & C \end{array} = *pyhykpyhyk$$

b. etun "cheirar"

$$\begin{array}{cccccc} e & t & u & n & & e & t & u & n \\ | & | & | & | & & | & | & | & | \\ V & C & V & C & + & C & V & C & V & C \end{array} = *etunetun$$

(20) Tupinambã

apor "eu salto"

$$\begin{array}{cccccc} a & p & o & r & & a & p & o & r \\ | & | & | & | & & | & | & | & | \\ V & C & V & C & + & C & V & C & V & C \end{array} = *aporapor$$

Aparentemente defrontamo-nos aqui com o mesmo problema da análise silábica: como explicar o desaparecimento da consoante final de radical nas reduplicações? E como associar esse desaparecimento à restrição geral na estrutura das duas línguas contra seqüências consonantais?

Antes de tudo é preciso notar uma diferença fundamental entre as duas análises, que é a natureza da teoria em que se apoia cada uma delas. Enquanto que a análise silábica tem por base teorias fonológicas lineares, a análise via afixação de um esqueleto de consoantes e vogais, parte de teorias fonológicas não lineares, que pressupõem a existência de níveis separados e autônomos na gramática universal. E é exatamente o pressuposto quanto à existência desses níveis que permite a esta análise não só dar con

De fato, há em Kamaiurá e Tupinambá uma restrição geral contra sequências consonantais, e nossa hipótese é de que ela seja uma função do processo de silabificação que, conforme previsto na teoria, ocorre da direita para a esquerda. Partindo-se desta hipótese, numa estrutura como (21) abaixo, a restrição mencionada impede que C4 se associe tanto a ó II quanto a ó III.

*
... p p p + p p p p p p p p p
... C V C₄ + C₃ V C₂ V C₁ #
σ III σ II σ I
μ μ
(melodia fonêmica)
(esquema prosódico)
(esqueleto de sílabas)
(símbolo de morfema)

$$(22) \quad \begin{array}{c} p \quad p \\ | \quad | \\ \neq \dots C \quad V \\ \diagdown \quad \diagup \\ \sigma \\ | \\ \mu \end{array} + \begin{array}{c} p \quad p \quad p \quad p \quad p \\ | \quad | \quad | \quad | \quad | \\ C \quad V \quad C \quad V \quad C \\ \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \\ \sigma \quad \sigma \\ \diagdown \quad \diagup \\ \mu \end{array} \neq$$

(23) * $\neq \dots C C \dots \neq$

Este filtro, em conjunto com o sufixo-esqueleto CVCVC (para R2), permite dar conta de todos os dados, inclusive dos casos em que o desaparecimento da consoante ocorre diante da vogal:

(24) Kamaiurã

a. pyhyk "pegar"

$$\begin{array}{cccccc} p & y & h & y & k & p & y & h & y & k \\ | & | & | & | & & | & | & | & | & | \\ C & V & C & V & & C & V & C & V & C \end{array} + CVCVC = pyhyppyhyk \text{ "ficar pegando"}$$

b. etun "cheirar"

$$\begin{array}{cccccc} e & t & u & n & e & t & u & n \\ | & | & | & & \backslash & \backslash & \backslash & \backslash \\ V & C & V & & C & V & C & V & C \end{array} + CVCVC = etuetun \text{ "ficar cheirando"}$$

(25) Tupinambã

a. pysyk "pegar"

$$\begin{array}{cccccc} p & y & s & y & k & p & y & s & y & k \\ | & | & | & | & & | & | & | & | & | \\ C & V & C & V & & C & V & C & V & C \end{array} + CVCVC = pysypysyk \text{ "ficar pegando"}$$

b. apor "eu salto"

$$\begin{array}{cccccc} a & p & o & r & a & p & o & r \\ | & | & | & & \backslash & \backslash & \backslash & \backslash \\ V & C & V & & C & V & C & V & C \end{array} + CVCVC = apoapor \text{ "eu salto frequentemente"}$$

O mesmo ocorre com o sufixo CVC, para R1:

(26) K e T: mokon "engolir"

$$\begin{array}{cccccc} m & o & k & o & n & m & o & k & o & n \\ | & | & | & | & & \backslash & \backslash & \backslash & \backslash & \\ C & V & C & V & & C & V & C & & \end{array} + CVC = mokokon \text{ "engolir um após outro"}$$

Nos exemplos acima os elementos [-voc] finais da melodia fonêmica do radical são apagados pela condição B. O processo de silabificação explica porque é a consoante da esquerda e não a da direita que cai.

Nessa análise a reduplicação precede a silabação, o que é normal, já que os processos morfológicos precedem os fonológicos. O número de sílabas é, portanto, uma propriedade do esqueleto e não da reduplicação em si, como pretende a análise silábica.

Note-se, por outro lado, que o filtro (23) é necessário independentemente da reduplicação, visto que a restrição contra sequências consonantais é geral em Kamaiurá e Tupinambá. Assim, uma grande vantagem dessa análise é que ela permite explicar a queda de C tanto nas reduplicações quanto em formas não reduplicadas, e sem a necessidade de regras específicas.

Conclusão

O fenômeno da reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá é melhor analisado como sufixação de um esqueleto CVCVC. Este esqueleto, juntamente com um filtro * # ... CC ... #, além de dar conta dos dados permite explicar a queda de C-final de radical tanto nas reduplicações (incluindo-se os casos em que a consoante cai diante de vogal) quanto nas formas não reduplicadas.

A análise via sufixação de um esqueleto apoia a teoria da reduplicação de A. Marantz. Ao mesmo tempo, admitindo-se correta a nossa hipótese de que a restrição contra sequências consonantais opera no nível do esqueleto prosódico, os fatos do Kamaiurá e do Tupinambá oferecem uma forte evidência a favor da realidade psicológica desse nível.

O estudo aqui apresentado constitui um passo para uma investigação mais detalhada (ora em andamento) sobre as estruturas silábicas dessas línguas com relação a uma hipótese que prevê a autonomia de níveis.

Dado o espaço disponível, não incluímos neste trabalho um estudo referente à interrelação entre a reduplicação e outros processos fonológicos.

lógicos em Kamaiurá e Tupinambá, o qual será apresentado em outra oportunidade.

NOTA:

1. Agradecemos a Daniel Everett esta sugestão, bem como o constante apoio e estímulo para a confecção deste trabalho. Aproveitamos o ensejo para agradecer a Aryon D. Rodrigues por informações sobre o Tupinambá, e a Frank R. Brandon pelas questões que levantou e que muito ajudaram a análise.

REFERÊNCIAS:

- ARAUJO, Pe. A. de (1952). Catecismo na Língua Brasileira. Rio de Janeiro, PUC. Reprodução fac-similar da 1a. ed. (1618).
- ANCHIETA, Pe. J. de (1946). Arte de gramática da Língua mais usada na costa do Brasil. SP, Ed. Anchieta. Edição fac-similar (1595).
- BARBOSA, Pe. A.L. (1956). Curso de Tupi Antigo. RJ, Livraria São José.
- GOLDSMITH, J. (1976). Autosegmental Phonology. Bloomington: Indiana University. Linguistics Club.
- HALLE, M. e J.R. Vergnaud (1980). "Tiered Phonology". MS. inédito.
- MARANTZ, A. (1982). "Re Reduplication". Linguistics Inquiry, 13, 435-482.
- MCCARTHY, J. (1981). "A prosodic Theory of Nonconcatenative Morphology", Linguistic Inquiry, 12, 373-418.
- RODRIGUES, A.D. (1981). "Estrutura do Tupinambá", (dat.)
- SEKI, L. e Everett, D.L. "Reduplication and Prosodic Templates in Kamaiurá and Tupinambá" - ms. inédito.